



Irene Pietrczak, da Linha 4 Leste, Ijuí: trabalhando mais na lavoura do que em casa

A mulher rural levanta cedo, tira leite, capina, cuida dos animais, lavra a terra, planeja, decide e ainda tem toda a lida da casa. Mesmo assim, até hoje ela não foi reconhecida como trabalhadora

A FORÇA DO TRABALHO DA MULHER

Página 12

CRÉDITO O drama dos endividados

Página 10

VERÃO

Será este o ano do milho?

Páginas 4 e 5



TRIGO

Muito estrago com chuvarada



Excesso de chuvas em agosto e setembro judiou da safra, com prejuízos também para as culturas alternativas na Pioneira. Página 6

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111 Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400

Telex: 0552199
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:
Oswaldo Olmiro Meotti
Vice-presidente/Pioneira:
Celso Bolívar Sperotto
Superintendente/Pioneira:
Antoninho Boiarski Lopes
Vice-presidente/Dom Pedrito:
Tânio José Bandeira
Superintendente/Dom Pedrito:
Valter José Pötter
Vice/MS:
Nedy Rodrigues Borges
Superintendente/MS:
Lotário Beckert

Conselho de Administração (Efetivos):
Luiz Neri Berschorn, Oscar Otto Hoerle, Euclides Marino Gabbi, Antônio Bandeira, Ido Max Weiller, Paulino Ângelo Rosa, Irani dos Santos Amaral, João Santos da Luz, Luiz Parizotto, Remi Bruno Eidt, Krijn Wielemaker, Ivo Vicente Basso, Paulino Stragliotto, Wagner Monteiro Sá, Oscar Vicente Silva, Suleiman Guimarães Hias e Ademar Luiz Comin.

Suplentes:
José Ataídes Conceição, Pedro Giotto, Cláudio Luiz de Jesus, Emílio Uhde, Jorge Alberto Sperotto, Protasio Lottermann, Álvaro Rutili, Aquilino Bavaresco, Arnaldo Hermann, João Eberhardt, Mário Alberto Krüger, Cláudio Pradela, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Flávio Barreto, Leonildo Anor Potter e Cândido de Godoi Dias.

Conselho Fiscal (Efetivos):
Antenor Vione, Frederico Antônio Stefanillo e Ruy Adelino Raguzzoni.

Suplentes:
Valter Luiz Driemeyer, Darci Aléssio e Antônio Cândido da Silva Neto.

Diretores contratados:
Rui Polidoro Pinto, Renato Borges de Medeiros, Romeu Orlando Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges, Paulo Roberto da Silva e Walter Frantz.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbu	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Maracaju - Sede	65.000 t
Maracaju - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	25.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Gualba	42.500 t
Ponta Porã	29.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da



REDAÇÃO:

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Moisés Mendes

CORRESPONDENTES:

Maio Grosso: Carlos José Rupp Bindé
Dom Pedrito: João Roberto Vasconcelos

Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

AO LEITOR

Por que a participação da mulher na sociedade brasileira é ainda tão pequena? Essa não é uma questão muito nova, mas nunca andou tão em moda como nos últimos anos. De repente elas decidiram descruzar os braços diante de uma realidade tão ingrata e discriminatória e partir para a conquista de seus espaços e direitos. Ela quer ser reconhecida como trabalhadora, e não apenas como "do lar", pois mesmo que esteja apenas cuidando da educação dos filhos, da administração da casa, está desempenhando uma função. Não fica de fora a mulher rural, que ao mesmo tempo que cuida da casa e dos filhos, também ajuda no plantio da lavoura, na colheita da produção e da criação. É ela, talvez, a mais injustiçada de todas. Além de trabalhar, como as demais, fazendo dupla jornada de trabalho, não tem sequer direito a aposentadoria por tempo de serviço, quanto mais auxílio natalidade por ocasião do nascimento de algum filho. Páginas centrais.

Produtores inadimplentes e que não conseguiram pagar suas dívidas com o dinheiro da colheita da soja, e muito menos conseguiram prorrogar as contas, buscam saídas para os seus problemas vendendo a terra, ou alguma junta de bois. Três produtores, um de Jóia e dois da região de Tenente Portela contam, como fizeram para continuar na agricultura e o que pretendem fazer para realizar o plantio da próxima lavoura de verão. Página 10.

DO LEITOR

É com muita alegria e satisfação que venho, através desta, cumprimentá-los pelo notável trabalho que vêm desenvolvendo no Cotrijornal, e que muito tem contribuído para esclarecer as dúvidas que nós, os agrônomos, enfrentamos no dia-a-dia. Mas seria egoísmo de minha parte querer reduzir a amplitude e importância do Cotrijornal, pois lá em casa as crianças, meu sogro, minha sogra, todos, enfim disputam a leitura deste brilhante jornal.

Um aspecto importante do Cotrijornal é sua atuação como porta-voz dos agricultores. Assim podemos ouvir a opinião dos cooperados e ter uma visão mais real das dificuldades que a agricultura enfrenta e, principalmente, as possíveis saídas para a crise. Posso perceber uma parte de tudo o que vejo, mas o homem do campo, que sofre com os custos de produção, que sofre com as intempéries, que sofre com os maus po-

líticos e tecnocratas, tem uma visão muito atilada.

Como dizem, "a necessidade é a mãe da sabedoria", e é com eles então que os agrônomos precisam conviver. Isto é salutar, e mais nobre se torna o trabalho deste jornal, por nos permitir o privilégio de escutar diversos agricultores das mais variadas regiões.

Além deste aspecto importantíssimo, de ouvir os anseios dos agricultores, o Cotrijornal aborda ainda temas que nos empolgam, como a conservação do solo, a preservação do meio ambiente e estudos sobre a produção de alimentos, tanto do presente como acompanhando a evolução das grandes culturas. Por esta razão me sinto feliz ao receber mensalmente o mais digno e esclarecedor jornal editado em solo gaúcho.

Aqui em Santa Vitória, a minha grande preocupação é com a fertilidade do solo, pois

Desta vez, foi a chuvarada do mês de agosto e da primeira quinzena de setembro que comprometeu a safra de inverno. Mas a quebra não será tão grande a ponto de caracterizar uma safra totalmente frustrada. Na Região Pioneira a produtividade do trigo, conforme as últimas estimativas, estava em torno de 800 quilos por hectare. Também as culturas alternativas foram atingidas por doenças provocadas pelo excesso de umidade, e a maior quebra deverá ficar com a aveia (mais de 50 por cento). Isso não deve, no entanto, ser um desestímulo a quem vem investindo na diversificação ou pensa em aderir à rotação de culturas. Este foi, afinal, o ano de maior área diversificada na Região Pioneira, com destaque para as forrageiras. Apesar dos obstáculos que surgem, a verdade é que a produção diversificada está consolidada. Página 6.

Está sendo lançado agora pelo governo federal um programa de alimentação popular, com produtos como o arroz, o feijão, o leite, a carne e outros com preços mais acessíveis à população de baixa renda. A Cotrijornal largou na frente, já no ano passado, quando iniciou uma experiência deste tipo em Dom Pedrito, e que hoje se estende a Porto Alegre e Ijuí. Carne e arroz são vendidos com preços até 30 por cento abaixo dos valores do mercado, com vantagens para quem consome e para quem produz. Um balanço dessas experiências está na página 21.

foi desenvolvida uma tecnologia em arroz irrigado que pode, com o tempo, prejudicar a terra, que deveria ser tratada com amor e carinho. Afinal, necessitamos dela para nossa sobrevivência e para as futuras gerações.

Todos nós temos sonhos e aspirações, e lutamos para conseguir realizá-los. Gostaria de ver chegar o dia em que a agricultura química cedesse lugar a uma agricultura mais humana, mais camponesa, a que se refere o dr. José Lutzenberger, em que a qualidade dos alimentos fosse o paradigma para a produção.

Sendo o que se apresenta para o momento, me despeço e aproveito a oportunidade para reafirmar meu carinho e minha admiração pelo vosso trabalho.

José Leonel Rosa
Santa Vitória do Palmar - RS

O Fundec em Jóia

Luiz Carlos Motyczka

O Banco do Brasil implantou o FUNDEC - Fundo de Desenvolvimento de Programas Cooperativos e/ou Comunitários de Infra-Estruturas Rurais, no município de Jóia, visando prioritariamente o desenvolvimento harmônico de comunidades rurais mais carentes. Tenta-se assim contribuir para a redução do êxodo rural e assegurar as condições mínimas de sobrevivência ao elemento humano em seu meio.

O Banco do Brasil participará do Programa nas obras e aquisições de interesse sócio-econômico da comunidade, que receberão inicialmente, e cumprindo cronograma financeiro, valor equivalente a Cr\$ 680 milhões pelo prazo de até 12 anos, com dois de carência, com encargos financeiros simbólicos de 5 por cento ao ano. Dependendo do investimento a ser financiado, poderá ser de 10 por cento da correção monetária.

O FUNDEC vai promover a comunidade e não grupos isolados. Inicialmente serão beneficiadas as seguintes obras:

- Reformas e aquisição de aparelhos cirúrgicos do Hospital Santa Líbera, no valor aproximado de Cr\$ 200 milhões, beneficiando todo o município, principalmente o mini e pequeno agricultor.
- Poço artesiano na localidade de Esquina Santo Antônio, orçado em Cr\$ 19 milhões, e Cr\$ 8 milhões a cargo da prefeitura local.
- Construção de Posto de Saúde na localidade de São José, que atenderá também as localidades de São José, Esquina Coro-

nel Estácio, São João da Bela Vista e demais localidades vizinhas, orçado no valor de Cr\$ 22 milhões no FUNDEC. O restante do valor ficará sob responsabilidade da prefeitura, comunidade e governo estadual, todos em convênio como o conselho comunitário de Jóia.

- Aquisição de um trator esteira para a prefeitura municipal, orçado no valor de Cr\$ 180 milhões no FUNDEC. O restante do valor ficará a cargo da prefeitura.

O FUNDEC deve ser entendido como um esforço paralelo e complementar de apoio às comunidades urbano-rurais, somando forças com as demais instituições, programas e atividades exercidas neste sentido. Portanto, o FUNDEC é um programa destinado a combater o círculo vicioso da pobreza, que se realimenta na falsa convicção de que as soluções devem vir sempre de cima. Exclui, por isso, qualquer possibilidade de assistência que não se fundamenta na própria iniciativa da coletividade.

Ao atuar como incentivador e articulador de ações, o Banco do Brasil, através do FUNDEC, vai despertar e mobilizar as forças da comunidade, somando-se numa interação institucional aos órgãos encarregados de prestar serviços de educação, saúde, saneamento, assistência técnica e extensão rural.

O Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Jóia - CONDEC - fundado em 24 de janeiro de 1984, realizou até o presente momento o PDCI, programa necessário para manter convênio com o Banco do Brasil, além de se organizar

como pessoa jurídica.

O Conselho também fez um projeto para a ampliação do Hospital Santa Líbera, o qual será realizado pela comunidade, em conjunto com instituições que queiram contribuir para o mesmo. A realização deste projeto será necessário para que os equipamentos possam ser utilizados, pois o prédio já existente não os comporta, além de proporcionar a todos os joieneses melhor atendimento hospitalar.

É muito importante também para o CONDEC a adesão de novos sócios, pois isto trará maiores condições para que o mesmo consiga realizar seus objetivos. O Conselho é dirigido pelas seguintes pessoas. Diretoria e executiva: presidente, Luiz Carlos Motyczka; secretário, Vilmar Hernandez e tesoureiro, Pedro Olinto da Silva. Conselho fiscal, Juarez Aguiar Padilha, João Bicudo do Amarante e Joel Vieira; suplentes, Valdir Sarturi, Jorge Luiz Pillat e Euclides Menegazzi.



Luiz Carlos Motyczka é presidente do Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Jóia

Pinheiro no CTC



Pinheiro Machado, Renato Borges de Medeiros e Floriano Isolan no CTC

“O trabalho que a Cotrijuí vem desenvolvendo no Centro de Treinamento é pioneiro, com alta significação social”. A afirmação é do presidente da Embrapa, Luís Carlos Pinheiro Machado, que juntamente com o chefe da representação

da Embrapa no Rio Grande do Sul, Floriano Barbosa Isolan, esteve em visita ao Centro de Treinamento da Cotrijuí, em Augusto Pestana. Pinheiro Machado e Floriano Isolan foram recebidos pelo diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, Renato Borges de Medeiros, pelos agrônomos Rivaldo Dhein, Roberto Carbonera e Francisco Falcão Pereira e pelo Altamir Antonini. Para Pinheiro Machado, o trabalho que a Cotrijuí vem realizando no CTC serve para demonstrar que a rotação de culturas, a policultura, a associação de culturas, a integração de atividades, somadas a uma visão de unidade da propriedade, são técnicas capazes de viabilizar a agricultura. “A integração de todas as atividades realmente é a chave do sucesso”, disse ele. Em visita ao CTC pela segunda vez, Pinheiro Machado mostrou-se satisfeito por constatar que houve “uma extraordinária melhoria e avanço qualitativo nos trabalhos realizados. Cortou-se o ciclo vicioso e iniciou-se o ciclo virtuoso”, enfatizou, lembrando ao mesmo tempo do interesse da Embrapa em apoiar o trabalho que vem sendo realizado pela Cotrijuí no CTC. Mais adiante disse esperar que esse trabalho venha a se integrar as demais unidades de pesquisas do país, como ao Centro Nacional de Pesquisa do Trigo, de Aves, de Suínos, de Fruticultura e ao de Agricultura Alternativa, que está sendo criado em Porto Alegre.

Na sala de aula

O caderno especial sobre a reforma agrária, encartado na edição de junho do Cotrijornal, foi parar na sala de aula. Na Universidade de Ijuí, exemplares da edição foram distribuídos a estudantes pelo professor Argemiro Jacob Brum, que leciona Estudos de Problemas Brasileiros. Argemiro recomendou o caderno como fonte de consulta para trabalhos sobre o assunto. Alunos de escolas do ensino médio também recorreram ao Cotrijornal, solicitando exemplares da edição para pesquisas. O caderno especial, lançado logo depois de anunciado o plano do governo, em maio, foi o primeiro sobre a reforma agrária a circular no Estado.



Exposição em D. Pedrito

Realizada há mais de meio século, a Exposição Agropecuária de Dom Pedrito consegue atrair, todos os anos, a atenção dos produtores do Estado, principalmente de quem busca qualidade e alto padrão zootécnico. A abertura oficial da 52ª. Exposição Agropecuária de Dom Pedrito será no dia 27 de outubro, às 14 horas, com a presença de autoridades e convidados. O programa é este: dia 25, entrada de animais e julgamento de admissão; dia 26, julgamento e classificação; dia 27, 10 horas, continuação dos julgamentos; 14 horas, inauguração oficial; 15 horas, concurso de rédeas; 16 horas, remate de ovinos e eqüinos; dia 28, 10 horas, remate Charolês, e 14 horas, remate Hereford, Polled Hereford, Zebuínos e Leiteiros; dia 29, remate das Cabanhas Guatambu e Alvorada e, dia 30, remate de terneiros e terneiras. A expectativa da direção do Sindicato Rural, que promove o evento, é de comercialização ágil e que bem remunere aos cabanheiros. Presidido por Suleiman Guimarães Hias, que tem na vice-presidência Danúbio Mazzini Canarin, o Sindicato inaugurou na exposição do ano passado uma série de melhorias no parque de exposições,

tornando-o um dos melhores do Estado. Para este ano está prevista a inauguração do pavilhão Ivo Zart que irá melhorar as acomodações do parque. O fato da Exposição Agropecuária de Dom Pedrito estar entre as 10 maiores do Estado assegura amplo financiamento de toda rede bancária. Mas os altos índices de juros têm aumentado as faixas concedidas particularmente pelas cabanhas, que no geral oferecem prazos de 60 a 90 dias.

Este ano, a exemplo do que ocorreu no ano passado, haverá também recursos para a aquisição de máquinas e implementos agrícolas, aumentando substancialmente o movimento financeiro global da exposição. Na opinião dos pecuaristas, esta edição deverá apresentar uma das melhores mostras de animais. Isso se atribui, além da qualidade dos animais criados na região, ao fato do inverno deste ano ter possibilitado aos produtores excelentes condições de trabalho. Tradicionalmente, a Cotrijuí ocupa um espaço no recinto do parque de exposições, que se transforma em ponto de encontro dos associados. Para este ano está prevista a apresentação de audiovisuais do trabalho desenvolvido na região

Disputa na Fetag

O próximo ano é de movimentação no meio rural gaúcho, pois haverá eleição na Fetag — Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul. A eleição acontecerá no segundo semestre de 86, em data a ser definida, e terá desta vez uma novidade. Os novos dirigentes da entidade serão indicados por um colegiado de mais de mil pessoas, que representarão os 231 sindicatos de trabalhadores rurais do Estado. Até agora, a direção vinha sendo escolhida pelos próprios dirigentes dos sindicatos, que tinham direito a um voto cada um. Com o colegiado, escolhido em cada município com número proporcional ao de associados (um para cada mil), a intenção é a de ampliar a participação do

agricultor nas eleições, conforme decisão tomada a nível nacional. Atualmente, a Fetag é dirigida por Ezídio Pinheiro, que há dois anos substituiu Orgénio Roth, hoje na vice-presidência. Pinheiro venceu fácil a chapa de oposição, última eleição, quando — depois de muitos anos — duas chapas disputaram o poder na Fetag. Para o próximo ano já se anuncia nova disputa. O atual presidente, considerado moderado, deverá se candidatar de novo e enfrentar, mais uma vez, setores considerados mais progressistas do sindicalismo rural. A questão da Previdência e seu desfecho pode ser decisiva no encaminhamento da campanha.

A Cotrijuí e os pequenos

As idéias da Cotrijuí e os projetos já em andamento visando a pequena propriedade foram mais uma vez divulgados no Estado. Três representantes da Cooperativa participaram, de 10 a 12 de outubro em Lajeado, do 1º Congresso Estadual da Pequena Propriedade, quando puderam mostrar o que já se fez na prática para que as áreas de minifúndio possam se ver livre da monocultura. A diversificação de culturas, os cuidados com o solo, a participação do associado no dia-a-dia da Cotrijuí, os trabalhos comunitários e os estímulos para que o agricultor tenha uma visão geral da agricultura, da economia e da política foram abordados nos debates. Falaram dessas experiências o diretor agrotécnico Renato Borges de Medeiros, o assessor de Comunicação, Educação e Desenvolvimento de Recursos Humanos, Walter Frantz, e o coordenador da área de solos, Rivaldo Dhein. Eles mostraram que a Cotrijuí já vem, há muito tempo, desenvolvendo um trabalho que busca, em primeiro lugar, contribuir para a preservação da pequena propriedade, resgatando práticas da realidade regional, tão violentadas pela monocultura. O Congresso foi promovido pela Secretaria da Agricultura do Estado, em colaboração com a Prefeitura de Lajeado e outras entidades.

Difícil é assentar

A mobilização dos agricultores sem-terra é uma etapa decisiva para que a Reforma Agrária de fato aconteça. Afinal, é a partir daí que os trabalhadores mostram se estão realmente organizados para exigir, com forte pressão, uma mudança profunda na estrutura fundiária do país. Mas há também outra etapa decisiva, e que se refere aos assentamentos. Depois da conquista da terra, a ocupação pode se transformar num problema, como lembrou Darcy Maschio, num recente debate sobre reforma agrária em Ijuí. Maschio, que coordena o Movimento dos Sem-Terra no Rio Grande do Sul, contou que 80 por cento dos agricultores preferem ocupar as áreas na condição de proprietário. Nesse caso, eles defendem o uso da terra de forma particular, com autonomia para cada família, e rejeitam projetos de exploração comunitária. “É a ideologia capitalista, que está grudada em nossa cabeça, e que não será tirada da mentalidade do colono com facilidade”, disse ele. Os assentamentos comunitários bem sucedidos, que existem aqui e em outros Estados, talvez contribuam para que esse comportamento aos poucos seja mudado, segundo Maschio.



O grupo Sinuelo comandou a festa e também animou a Semana em outras unidades

Um galpão animado

Muita gente de bota e bombacha, muito careteiro e muita música e dança. A Semana Farroupilha repetiu este ano, na Cotrijuí, a adesão de muita gente ao gauchismo, com associados e funcionários

devidamente pilchados. Em várias unidades da Pioneira, houve programação especial e até a construção de galpões, como este da foto acima, instalado defronte ao hipermercado de Ijuí. A iniciativa foi do Grupo de Pesquisas Folclóricas Sinuelo, formado por funcionários da Cooperativa. Nesse local, a animação se estendeu de 13 a 19 de setembro. O galpão teve, entre os visitantes, o prefeito Wanderley Burmann, recepcionado durante a Semana pela direção da Cotrijuí.

VERÃO

A volta do milho

As previsões iniciais de que a lavoura de soja da região se manteria estável parecem se confirmar. Pelas intenções de plantio, os produtores de soja estarão plantando, neste verão, os mesmos 288 mil hectares da safra passada. O milho, cultura em que residia uma certa expectativa em função do próprio incentivo dado pelo governo através dos Valores Básicos de Custeio, deverá apresentar um crescimento ao redor dos 12 por cento. Esse percentual vem, inclusive, superar as previsões iniciais que indicavam um crescimento da cultura na região ao redor dos 10 por cento.

Para o Renato Borges de Medeiros, agrônomo e diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, a manutenção da área de soja ao redor dos 288 mil hectares é até uma surpresa, uma vez que o mercado internacional continua não sendo atrativo para o produto. A justificativa para a manutenção da área nos mesmos níveis da do ano passado, deve estar no fato de que, nesse meio tempo, os produtores se aperfeiçoaram na lida com a soja. "Não restam dúvidas, diz, de que a soja, se comparada com o milho, por exemplo, é uma cultura bem mais fácil de ser manejada e conduzida e que apresenta custos de produção inferior. Mas ele tem certeza de que na medida em que os produtores dispensarem uma maior atenção a produção animal, o milho, quase que automaticamente, ficará embutido dentro do complexo todo e o produtor não achará mais tão difícil de trabalhar com a cultura.



O aumento na área de milho já era esperado

A área de sorgo deverá ter um crescimento por volta dos 121,9 por cento, passando dos 739 hectares plantados em 84, para 1.640 hectares. Esse aumento é decorrente muito mais em função da necessidade de diversificação. O sorgo é mais uma alternativa que já foi importante na região e que vem sendo utilizada como opção para plantio do tarde.

RETORNO

A lavoura de milho deverá crescer de 54.600 hectares para 61.581 hectares nesse verão. O que está acontecendo com o milho, segundo o Renato Medeiros, nada mais é do que o seu retorno como cultura de destaque na região. "A volta do

milho, diz, significará, sem dúvidas, a saída da monocultura". Em decorrência dessa nova postura que já começa a se materializar, ele espera e acredita na implantação de uma agricultura conservacionista, onde o aumento dos rendimentos das diferentes culturas e da produção animal por unidade de área deve acontecer mais em função de um correto manejo do solo do que da simples aplicação de insumos.

O diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, diz também não acreditar que o país possa suportar por muito tempo os monocultivos, extremamente

dependentes de capital e de bens de produção (insumos), que na maior parte ainda são importados.

SUPORTAR

Como o dinheiro, principalmente para os pequenos e médios produtores tem sido escasso, tem havido uma diminuição muito grande nas chances dos agricultores realizarem as suas atividades de acordo com as recomendações técnicas mais adequadas. O produtor só poderá sair dessa situação, segundo Renato Medeiros, se mostrar uma maior eficiência na lida com a lavoura, com a produção, com a criação, sem ficar na dependência de grandes volumes de dinheiro dos bancos. "Esse comportamento do agricultor colocar o dinheiro do próprio bolso na sua atividade, garante, só irá acontecer quando ele passar a acreditar e a confiar no que está fazendo". É claro que ajuda nesse ponto, a certeza de que existe uma política agrícola garantindo preços mínimos ajustados a realidade dos custos de produção de cada atividade dentro da propriedade.

A verdadeira política agrícola, segundo Renato Medeiros, tem que estar embasada em cima de uma política de preços mínimos, porque esta é a única forma de estimular o produtor mais eficiente. "Os subsídios, como historicamente está comprovado, não significa uma garantia de que o dinheiro se reproduzirá em maior rendimento por hectare", diz por fim.

As intenções de plantio

As primeiras intenções de plantio para a próxima safra de verão da região não trazem nenhuma surpresa. A soja pretende ocupar a mesma área cultivada no ano passado, enquanto que o milho deverá crescer ao redor dos 12 por cento. Mas nem mesmo esse crescimento na área de milho pode ser considerado um fato novo, pois ele já vinha sendo previsto desde a época de divulgação dos Valores Básicos de Custeio.

Dos 553.820 hectares agrícolas registrados na área de atuação da Cotrijuí, Região Pioneira, 364.459 hectares estarão, neste verão, sendo ocupados com culturas de grãos — soja, milho, arroz, feijão e sorgo, representando 61,8 por cento. As áreas destinadas as pastagens ocuparão, isso se realmente as intenções de plantio se confirmarem, 13.036 hectares, o que representa 2,4 por cento. Apenas a soja estará ocupando 288.500 hectares, representando 52 por cento e o milho 61.581 hectares, ou seja 11,1 por cento do total da área agrícola. Mas essa situação já teve outras características. Na safra 81/82, por exemplo, apenas a cultura da soja ocupava 306.500 hectares, representando 55,34 por cento do total da área.

A soja mais uma vez, segundo o Ênio José Faco, responsável pelo levantamento das intenções de plantio na região, continuará sendo o carro-chefe das demais culturas. A justificativa para esta tendência está no fato de ter sido a cultura, até o momento, de maior poder de liquidez e ainda contar com toda uma infra-estrutura montada a seu favor. O crescimento da área é insignificante, passando apenas dos 288.170 hectares plantados em 84 para 288.500 hectares neste verão.

O milho, por sua vez, poderá passar dos 54.600 hectares cultivados na safra anterior para 61.581 hectares, apresentando um crescimento ao redor dos 12 por cento. Esse aumento na área de milho, segundo o Faco não tem como razão apenas o incentivo dado pelo governo através dos VBCs, mas também é o reflexo do trabalho que a Cotrijuí, através de seu Departamento Agrotécnico vem fazendo junto ao seu quadro social, procurando incrementar ainda mais a idéia de diversificação de culturas. Também o arroz e o feijão deverão ter suas áreas aumentadas. De acordo com as estimativas, o arroz deverá ter um crescimento ao redor dos 46 por cento, passando dos 1.380 hectares cultivados na safra 84/85 para 2.014 hectares neste verão. A área do feijão de primeira safra poderá passar dos 1.448 hectares para 2.218, com um crescimento de 53,2 por cento. O crescimento na área de sorgo deverá ficar ao redor dos 122 por cento.

SITUAÇÕES DIFERENTES

As intenções de plantio dos produtores variam de uma região para outra, apresentando situação completamente diferente. Enquanto que em algumas regiões eles continuam apostando na soja, em outras, estão procurando partir para outras alternativas, como o milho, o arroz,

até como forma de diversificar a produção. Em Ijuí, por exemplo, tanto a soja como o milho deverão continuar com a mesma área do ano passado, 67.000 e 10.000 hectares respectivamente. Na região de Santo Augusto, por exemplo, a tendência já é outra. A soja perdeu espaços para o milho e o sorgo, que deverão ocupar nesse verão 3.371 e 1.000 hectares respectivamente.

Em Tenente Portela, a situação é semelhante. A soja poderá ter a sua área reduzida de 40.000 hectares cultivados em 84/85 para 35.000 hectares. Enquanto isso, o milho poderá ocupar 23.200 hectares. No ano passado ele foi cultivado em 21.100 hectares. O arroz e o feijão também poderão apresentar aumentos de área nessa região. Uma outra situação, completamente diferente aparece na região de Ajuricaba, onde a soja poderá crescer em até 53 por cento, passando dos 21.500 hectares da safra passada para 33.000 hectares neste verão. Já o milho, o feijão e o arroz permanecerão com a mesma área.

AS FORRAGEIRAS

As forrageiras de verão continuam crescendo como alternativas viáveis para a redução dos custos de produção das atividades pecuárias. Neste verão elas poderão ocupar, neste ano 13.543 hectares, sendo que 13.036 hectares serão destinados ao pastajeo e 507 hectares para a produção de semente.

Cresce o milho, diminui a soja

Cresce a área de milho, arroz e feijão na região Centro-Sul. A informação foi divulgada pelo ministro da Agricultura, Pedro Simon, ao anunciar a primeira intenção de plantio para a próxima safra. A estimativa de aumento de área para o arroz fica em torno de 7 a 10 por cento, do feijão de 2 a 5 por cento e do milho de 5 a 7 por cento. A soja e o algodão terão suas áreas reduzidas. A redução estimada para a soja fica entre 4 a 6 por cento e a do algodão entre 13 e 18 por cento.

No Rio Grande do Sul, maior produtor de arroz e responsável por 44 por cento da produção, a área terá um acréscimo de 1 a 3 por cento. Não foram computadas as áreas a serem plantadas nos estados do Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná e Minas Gerais, onde os plantios estão atrasados em função da estiagem. De qualquer forma o Ministério da Agricultura acredita que a colheita do arroz possa crescer 7,3 milhões, produzidos na safra anterior, para 7,77 milhões de toneladas.

O feijão deverá crescer em mais de 12 mil hectares nos estados de Santa Catarina, onde está ocupando as terras destinadas a batatas e no Paraná, em áreas destinadas ao algodão. A estimativa de colheita feita pelo Ministério fica entre 1.274.000 a 1.304.500 toneladas.

Também a lavoura de milho está apresentando um crescimento em quase todos os estados brasileiros, exceção ao Rio de Janeiro que vem mantendo a mesma área. Apenas os estados de São Paulo e Rio Grande do Sul poderão contribuir com mais de 500 mil toneladas de milho. A previsão de colheita deverá ficar ao redor de 20,5 milhões de toneladas contra os 19,2 milhões colhidos no ano passado.

Nos estados centrais, como Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal, a soja vem perdendo espaços para o arroz, e o milho, invertendo uma situação que vinha ocorrendo por mais de 10 anos. A estimativa de colheita é de 15,8 milhões de toneladas contra as 17,2 milhões colhidos na safra passada. Para o algodão a estimativa de colheita fica ao redor de 1.093.800 toneladas, contra 1.400.000 toneladas da safra anterior. A redução de área acontece principalmente no Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Goiás. Em compensação a área cresce em Minas Gerais e Mato Grosso.

DEMONSTRATIVO DA ÁREA PLANTADA E RENDIMENTO MÉDIO OBTIDO COM AS CULTURAS DE VERÃO PRODUTORAS DE GRÃOS INDÚSTRIA E/OU SEMENTE, REGIÃO PIONEIRA, COTRIJUI

Culturas	1980/81		1981/82		1982/83		1983/84		1984/85		1985/86 (2)	
	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (kg/ha)
Soja	303.747	1.607	306.500	1.185	293.500	1.825 (1)	287.510	1.800	288.170	1.606	288.500	
Milho	60.600	3.440	73.640	2.956	74.000	2.551	84.000	2.225	54.600	2.357	61.581	
Arroz	—	—	1.680	1.486	1.580	1.772	1.700	2.081	1.380	2.014	1.520	
Feijão 1a.	—	—	1.920	993	1.930	481	1.620	575	1.448	453	2.218	
Feijão 2a.	—	—	770	740	1.340	455	936	491	1.121	390	—	
Sorgo	—	—	—	—	—	—	580	2.036	739	2.393	1.640	
Milho sem.	—	—	—	—	—	—	922	750	641	715	430	

For e: Boletins Informativos Semanais Sefras.
(1) Média considerando o produto chuvado.
(2) Levantamento da intenção de plantio

VERÃO

MS planta mesma área de soja

O mercado incerto — com o preço mínimo sendo transformado em máximo —, VBC desestimulante e o agravamento da situação financeira de alguns produtores são elementos que permitem ao Departamento Técnico da Cotrijuí no Mato Grosso do Sul prever a estabilização da área de soja na área de ação da cooperativa. Estima-se hoje que ficará em torno de 810 mil hectares, apenas um por cento a mais que na safra passada. A nível de Estado, porém, a estimativa é de que o aumento seja de 5 a 7 por cento, que representa a incorporação de cerca de 70 mil hectares.

A área total a ser plantada na região Cotrijuí na safra de verão é de 1 milhão e 90 mil hectares, conforme estimativa do engenheiro agrônomo Márcio Portocarrero, gerente agrotécnico. O acréscimo é de 11,14 por cento em relação a safra 84/85, quando foram plantados pouco mais de 980 mil hectares com soja, arroz, milho e feijão. O novo espaço será ocupado pela cultura de arroz, com aumento de área de 57 por cento (de 110.060 para 190.000 hectares), e milho, com 67 por cento (de 47.000 para 70.000 hectares). O restante da área será ocupado pelo feijão das águas, que terá sua área ampliada de 14.000 para 20.000 hectares.

O agrônomo Márcio Portocarrero diz que a tendência é de se substituir a soja pelo milho, apesar dos problemas que esta cultura também enfrenta: mercado instável e pouco espaço disponível para armazenamento, pois 70 por cento da capacidade estática dos armazéns do Mato Grosso do Sul é destinada a soja.

O milho se destaca no MS pela boa resposta às condições de clima e de solo, o que por si só viabiliza os investimentos no preparo do solo, plantio e manutenção da cultura. O rendimento médio do milho na região Cotrijuí tem sido superior a média do Estado, ou seja, 2.271 contra 2.856 quilos por hectare.

RISCO

Apesar do risco que enfrenta pela falta ou excesso de chuva, os agricultores do Mato Grosso do Sul sempre plantam um pouco de arroz sequeiro. Este ano observam-se áreas mais extensas de arroz, com os produtores buscando uma maior produtividade através da correção do solo e adubação adequada.

A área cultivada com feijão deve aumentar este ano, em função do surgimento de variedades que possibilitam a colheita mecanizada e mais resistentes a doenças. Até então a cultura vinha sendo relegada a um segundo plano face as dificuldades na colheita, — ao alto risco de infestação de pragas e doenças e a pouca resistência ao excesso de chuva.

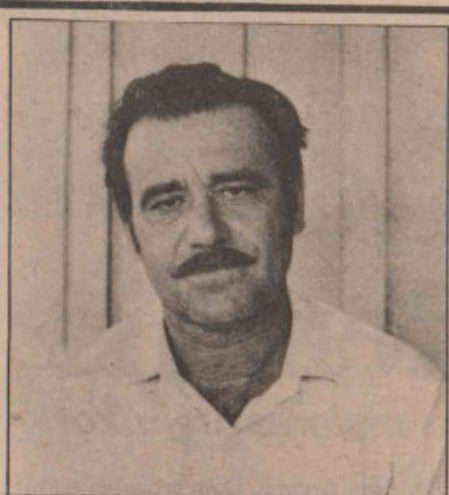
RENDIMENTO

As estimativas de rendimento, especialmente da soja, estão comprometidas, segundo o gerente agrotécnico da Regional MS. A descapitalização dos produtores e os baixos VBCs impossibilitam os produtores de fazer adubação correta, comprar sementes de boa qualidade e utilizar adequadamente outros insumos. Com esse quadro, estima Márcio Portocarrero, a produtividade pode até baixar ao final da próxima safra.

A tendência de redução da produtividade também é válida para as demais culturas de verão, já que a descapitalização generalizada dos produtores, amenizada pelos excelentes resultados do trigo, ainda



Norberto Schneider



Ugo Cornachini

Produtores do Mato Grosso vão plantar menos soja e mais arroz e milho na próxima lavoura de verão



Alberico De Bona

não permite a adoção de todas as técnicas recomendadas às culturas.

INTENÇÃO

A intenção de plantio dos produtores é variada nas diferentes regiões de ação da Cotrijuí em Mato Grosso do Sul. Enquanto alguns insistirão mais uma vez com a soja, inclusive aumentando a área, outros irão reduzi-la, plantando em seu lugar arroz ou milho. Nas regiões de Maracaju e Ponta Porã, a tendência é de redução da área de soja, com pequeno aumento para as demais culturas. Na de Dourados, por sua vez, o milho e arroz terão pequenos aumentos de área, enquanto estima-se que a soja será plantada em área igual a da safra passada.

Norberto Schneider recomenda o milho a todos produtores que tenham uma pequena estrutura montada para a cultura. Os demais, segundo ele, devem continuar com a soja, ou então com o arroz, cujos equipamentos são semelhantes nas diversas etapas da produção.

Para o agricultor, é urgente que o Governo estabeleça uma política agrícola sólida para que quem planta não seja obrigado a ficar pulando de uma cultura para outra conforme os incentivos que são oferecidos ou os preços que serão recebidos ao fim de cada safra. Norberto acha que esta definição permitirá aos produtores um planejamento antecipado do que plantar, nos dois ou três anos seguintes. A cooperativa, por sua vez, precisa ampliar o quadro técnico, para que estes tenham condições de dar uma assistência mais efetiva a nível de campo. Hoje, afirma, os técnicos não podem sequer "passear" na lavoura.

ESTABILIDADE

O bom resultado obtido com o trigo deu estabilidade financeira ao associado Ugo Cornachini, de Montese, distrito de Itaporã, ao ponto dele pensar em plan-

tar soja, milho e arroz sem ter de recorrer a financiamento bancário. A área de soja terá um pequeno acréscimo na próxima safra, passado de 170 para 184 hectares, enquanto que as de arroz e milho permanecerão quase nos mesmos níveis dos anos anteriores, ou seja, em torno de cinco hectares para cada cultura.

Ugo enfrentou, na safra passada, problemas com a comercialização da soja, mas ainda assim teve recursos suficientes para pagar os empréstimos de custeio e de uma colheitadeira adquirida em 1984. A soja, segundo ele, ainda é uma boa opção no Mato Grosso do Sul, em função da alta produtividade. É por isso que ele e seus filhos, que comandam a lavoura, vão continuar teimando com a soja, até que não dê mais resultados compensadores.

O custo de produção menor que a soja, preços compensadores e os bons resultados alcançados em safras passadas, sempre em áreas menores, são fatores que levam o associado Alberico De Bona, de Maracaju, a plantar mais arroz. Ele pretende plantar 160 hectares com a cultura, contra os cerca de 10 hectares dos anos anteriores.

A soja, entretanto, continuará tendo maior peso, inclusive com área ampliada, em torno de 540 hectares contra os 500 da safra passada. O associado diz que a soja sempre teve bom rendimento em Mato Grosso do Sul e, além disso, por ser comercializada no início da safra brasileira, permite ganhos maiores. Como metade da lavoura será plantada com recursos próprios, Alberico espera ter um bom lucro, se tudo correr bem.

"ICEBERG"

O alto custo de formação da lavoura e a possibilidade de se repetirem os problemas de comercialização fazem da soja um verdadeiro "iceberg", diz Norberto Schneider, associado em Ponta Porã. Estes fatores, entre outros, o levam a reduzir a área plantada com soja. Sua previsão é de plantar 400 hectares, contra os 650 da safra passada. Em compensação, pretende plantar 600 hectares de milho, 200 a mais que na safra 84/85. E justifica: "o milho dá maior recurso de custeio, o preço mínimo é viável dentro da produção que se pode obter. O que der a mais é lucro".

Mais espaço para o arroz

A soja pôde perder 8,25 por cento de sua área para as culturas de arroz, milho e feijão, se comparada a área estimada para a próxima safra com a que será ocupada pelas principais culturas. No ano passado, a soja foi plantada em 809.600 hectares, que correspondiam a 82,55 por cento da área ocupada pelas culturas de verão. Para a próxima safra, apesar do aumento estimado em 400 hectares, a soja ocupará apenas 74,31 por cento da área total.

Como a área ocupada pelas culturas de verão deve aumentar 11,14 por

cento em relação a última safra e a da soja aumentará apenas 1,1 por cento, sobra um espaço que será preenchido pelas demais alternativas de verão. Estimativas do departamento técnico da Regional MS mostram que o arroz ocupará a maior parte deste espaço, passando a representar 17,43 por cento da área das culturas de verão, contra os 11,22 por cento da safra anterior. Em segundo lugar vem o milho, que representará 6,42 por cento da área total, contra os 4,80 por cento da safra 84/85. Por último vem o feijão das águas, com acréscimo de 0,42 por cento, passando de 1,42 para 1,84 por cento.

RELAÇÃO ENTRE ÁREAS PLANTADAS E ÁREA TOTAL

Safra Cultura	Área safra 84/85	Área safra 85/86 (*)	84/85 (%)	85/86 (%)	Varição % (área total)
Soja	809.600	810.000	82,55	74,31	- 8,25
Arroz	110.060	190.000	11,22	17,43	+ 6,21
Milho	47.000	70.000	4,80	6,42	+ 1,62
Feijão	14.000	20.000	1,42	1,84	+ 0,42
Total	980.660	1.090.000	100,00	100,00	0

(*) Estimativa



Edmundo Mainardi plantou 17 hectares com aveia, e não se arrepende

Chuva demais

Lavoura de aveia teve os maiores prejuízos

O Brasil poderá colher este ano uma safra recorde de trigo, que talvez chegue a 3,6 milhões de toneladas. Mas os gaúchos não terão grande contribuição nesse feito, e sim os paranaenses e sul-matogrossenses, que colheram trigo como nunca. Aqui no Estado, a chuvarada de agosto e início de setembro comprometeu não só essa cultura, mas também a aveia. Na Região Pioneira da Cotrijuí, estimativas feitas até o dia 11 de outubro indicavam uma quebra de 24 por cento no trigo, e de 64 por cento na aveia.

As chuvas de agosto terminaram com a expectativa em tomo de uma boa safra, o que não quer dizer que a colheita da lavoura de inverno venha a ser totalmente frustrada. Dados do Centro de Treinamento da Cotrijuí mostram que as precipitações somaram 290 milímetros em agosto, sendo que a média do mês, nos últimos 35 anos, é de 181 milímetros. Foram registradas chuvas em 14 dias de agosto. Em setembro, as precipitações somaram 190 milímetros (a média é de 182), com maior concentração na primeira quinzena.

Com a chuvarada, o trigo ficou exposto a condições adversas. Houve falta de luminosidade, pois o céu esteve encoberto por um longo período, e o excesso de umidade favoreceu o surgimento de doenças fúngicas (ferrugem, giberela e septória). A área com trigo ficou em 81.700 hectares na Pioneira este ano, e o Departamento Agrotécnico havia previsto uma produtividade média de 1.058

quilos por hectare. Com a quebra estimada em 24 por cento, até 11 de outubro, o rendimento caiu para 804 quilos.

AVEIA

A pior situação é a da aveia para grãos, com uma área de 9.880 hectares e uma quebra de 64 por cento. O rendimento inicialmente previsto de 1.394 quilos caiu para 500 quilos por hectare. A cevada, com área de 4.140 hectares e rendimento previsto em 1.069 quilos, tem quebra de 14 por cento, e sua produtividade fica em 920 quilos. A colza, com 1.198 hectares de lavoura, frustrou em 32 por cento, fazendo com que 870 hectares sejam incorporados ao solo. Da área que resta para grãos, a produtividade estimada até 11 de outubro era de 510 quilos, contra o rendimento inicialmente esperado de 750 quilos.

O alho teve quebra de 18 por cento, ficando com 1.984 quilos por hectare, sendo que o rendimento inicial era de 2.419. A linhaça teve os menores prejuízos. Esta cultura, com área de 2.835 hectares, e rendimento previsto de 718 quilos, ficou com produtividade de 704 quilos, pois a quebra é de apenas 2 por cento. Estes números, levantados em todas as oito unidades da Pioneira pelo tecnólogo EnioFacco, podem ser alterados até o final da colheita, no início de novembro.

As pastagens na dianteira

A Região Pioneira da Cotrijuí registrou este ano dois dados significativos para quem aposta na diversificação da lavoura. Neste inverno, as áreas com alternativas que substituem o trigo e também as áreas destinadas às pastagens somaram extensões nunca antes alcançadas na Região. As culturas alternativas ficaram com uma lavoura de 51.881 hectares, superior em 8.045 hectares à do ano passado. Esta área é ocupada por aveia, cevada, linhaça, colza, tremoço, alho e centeio, e por pastagens (aveia, azevém, ervilhaca e trevos).

As pastagens ocuparam 33.699 hectares, com um aumento de 12.491 hectares sobre a área de 1984 (veja a evolução das lavouras de inverno nos últimos cinco anos no gráfico ao lado). A lavoura alternativa para a produção de grãos continua sendo liderada pela aveia, com 9.880 hectares este ano. Logo depois vem a cevada, com 4.140 hectares; a linhaça, com 2.775; a colza, com 1.198; centeio, com 95; o alho, com 84; e o

tremoço, com apenas 10 hectares.

Quanto às pastagens, o azevém ficou com 17.395 hectares; a aveia, com 15.120; a ervilhaca, com 942; e os trevos com 242 hectares. O interessante é que pela primei-

ra vez, desde o início dos programas de diversificação, há uns 12 anos, as áreas com pastagens superam, no total, as lavouras alternativas destinadas à produção de grãos. As pastagens somaram 33.699 hectares, contra 18.182 hectares das culturas para grãos (aveia, colza, linhaça e outras).

No geral, somando-se a lavoura de trigo, a área de inverno deste ano ficou



Antônio Falcade



Luiz Pillat

E poucos ganhos, de novo

Este ano, seu Edmundo Mainardi, proprietário de 32 hectares em Esquina Gaúcha, Augusto Pestana, onde arrenda outros 15 hectares, decidiu arriscar duas coisas. Formou a lavoura de inverno sem financiamento, pela primeira vez, e também pela primeira vez plantou mais aveia do que trigo. Ele reduziu a área com trigo para 10 hectares, e semeou 17 hectares com aveia para grãos. O azar é que o trigo certamente terá rendimento bem superior ao da lavoura alternativa plantada no primeiro ano.

"Nós temos que diversificar", afirmava seu Edmundo, no início de outubro, sem saber ao certo o que iria colher de aveia, em duas áreas - uma com 3 e outra com 14 hectares. A aveia é da variedade CTC, e cresceu tanto que ficou com cerca de 1 metro e 40 de altura, como é característica desta variedade. Mas bateu a ferrugem, e a quebra certamente será grande, principalmente na lavoura maior.

Seu Edmundo não havia se informado ainda sobre o provável preço de venda da aveia, e por isso não sabia também quanto poderia ganhar ou perder com a safra. Essas contas já haviam sido feitas, em Tenente Portela, pelo produtor Antônio Luiz Falcade, dono de 23 hectares em São Sebastião. Até o dia 4 de outubro ele havia colhido 70 por cento da área de 14 hectares de trigo das variedades Peladinho e Maringá.

22 SACAS

O rendimento médio até ali era de 16 a 17 sacas por hectare. Com as 250 sacas já colhidas, seu Antônio estava certo

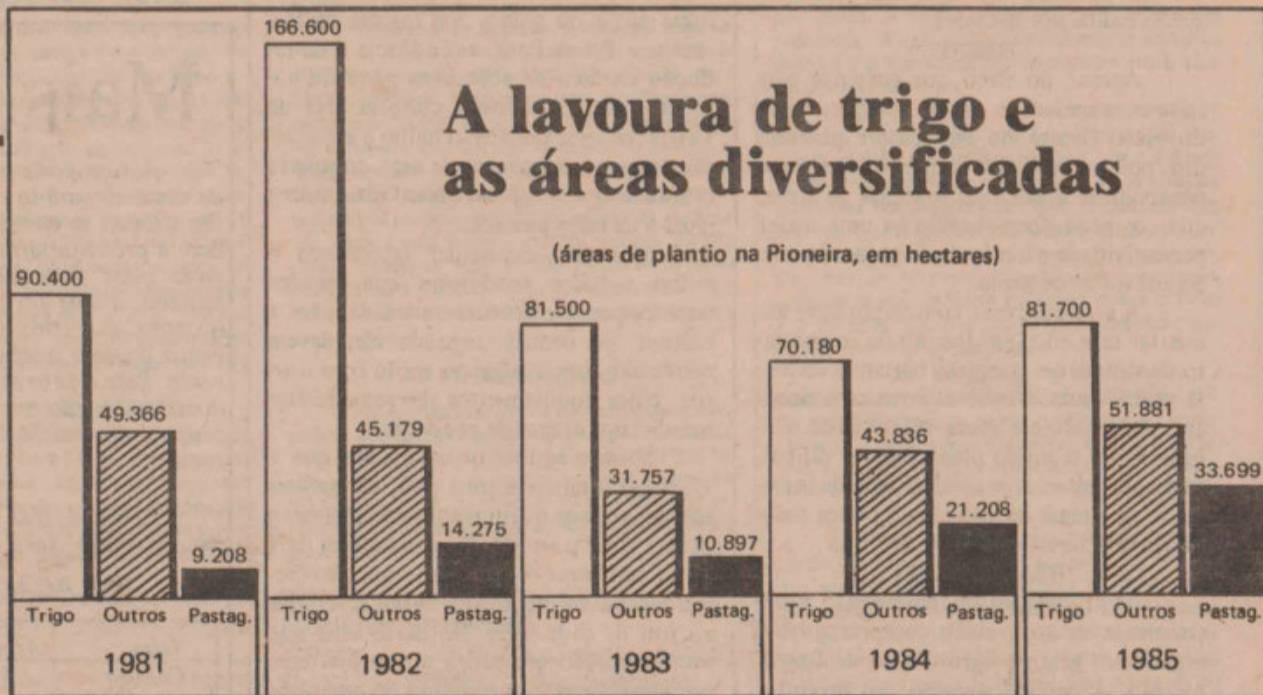
de que daria para pagar o Banco do Brasil pois a lavoura foi financiada. O resto é lucro, mas seu ganho vai ser escasso. Acontece que a tendência, a partir de outubro, seria de redução na produtividade, que deveria baixar para umas 13 sacas por hectare, segundo ele.

Seu Antônio não conta, entre as despesas, apenas o financiamento. Ele paga ainda 10 por cento do que colhe para o dono da automotriz, e mais 4 por cento para o dono do caminhão que faz o transporte. "Para pagar o banco e outras despesas, e ainda ter lucro, o rendimento teria que ser de 22 sacas por hectare", garante o produtor.

FINANCIADO

Luiz Clóvis Pillat, produtor em Cará, no município de Jóia, onde tem 50 hectares de terra, plantou menos trigo nesse inverno. Dos 20 hectares dos últimos anos, reduziu para 17, isto porque nesse inverno, além do trigo, da cevada e da lentilha, ele queria plantar também um pouco de aveia.

As variedades de trigo plantadas foram BR-4 e CNT-8. A chuvarada pegou a planta bem na época da floração, prejudicando um pouco a granação. "O trigo está feio e ruim. Além da ferrugem, bastante intensa, apareceu uma outra doença que está atacando o cacho e secando os grãos" conta. Mesmo assim, ele acredita que possa tirar uns 15 sacos por hectare. Até o ano passado, parte da lavoura era por conta e parte financiada. Este ano, toda a lavoura de trigo e mais a de aveia foram financiadas.



com 133.581 hectares. Nos últimos cinco anos, a lavoura registrou as seguintes áreas no total: 139.766 hectares em 1981; 211.779 em 1982; 113.257 em 1983; 114.016 em 1984; e 133.581 em 1985. O trigo ficou este ano com 81.700 hectares na Região Pioneira, com um aumento de área em relação ao ano passado, quando a lavoura ocupou 70.180 hectares.

O gráfico acima mostra bem as oscilações que acontecem todo o ano neste

período, quanto às áreas de plantio. Tanto a lavoura de trigo como as destinadas às culturas alternativas sobem e descem, de acordo com vários fatores. O produtor leva em conta o desempenho da lavoura na safra anterior, os VBCs e os preços mínimos e as perspectivas de mercado. Mas o que importa mesmo é que a diversificação vai aos poucos se consolidando, apesar da falta de apoio oficial a estes produtos para mercado interno.

O boicote dos médicos

Impasse deixa mais de 1 milhão de agricultores sem assistência no Estado

Era bom demais para ser verdade. A equiparação do atendimento médico-hospitalar dos trabalhadores rurais ao mesmo tipo de assistência prestada aos urbanos ficou só no papel. No início de setembro, depois de 21 dias de protestos em Porto Alegre, os agricultores haviam finalmente conseguido a promessa de equiparação, feita pelo governo. Mas no dia 1º de outubro, quando o novo sistema deveria ser implantado no Estado, os médicos suspenderam o atendimento aos rurais, alegando que recebem pouco do INAMPS.

De acordo com o compromisso do governo, os agricultores passariam a contar com assistência sem limites, baseada no sistema AIH (Autorização para Internações Hospitalares). Os hospitais passariam a receber por serviços prestados, e não mais contariam com as escassas verbas fixas. Os produtores, por sua vez, poderiam realizar qualquer tipo de tratamento ou cirurgia, em qualquer município, e não pagariam a chamada diferença. Mas a lengalenga em torno do assunto promete agora levar mais um bom tempo, depois de aparentemente contornada em setembro.

DISCRIMINAÇÃO

São 2 milhões e 200 mil trabalhadores rurais que seriam beneficiados pela medida do INAMPS que determina a equiparação, no Rio Grande do Sul. Mas é superior a 1 milhão o número de agricultores ainda não atingidos pela mudança, em mais de 80 municípios gaúchos. A situação é mais grave no Alto Uruguai, com problemas que se repetem na região da Grande Santa Rosa. Em outros municípios, como Ijuí, o atendimento vem sendo normal, pelo sistema AIH, desde o dia 1º de outubro.

"O que está ocorrendo é uma discriminação, e isso não pode acontecer", afirma o presidente da Fetag, Ezídio Pinheiro. Ele lembra que desde outubro deixaram de existir diferenças entre segurados urbanos ou rurais, de acordo com a determinação da Previdência. A discriminação é então exercida pelos médicos, que atendem aos urbanos, mas se negam a prestar assistência aos rurais. O motivo disso tudo é a tal de diferença.

Acontece que os médicos conseguiram convencer os segurados da cidade a pagarem "por fora" uma quantia além da que recebem do INAMPS. Isso ocorre há bastante tempo, mas não é aceito pelos agricultores, e aí é que está o impasse. A categoria decidiu que, sem o pagamento da diferença, não há atendimento, e exige uma correção nos valores que recebem da Previdência, sem merecer atenção do governo.

POLÍCIA

No dia 8 de outubro, a Fetag decidiu recorrer até mesmo à Polícia Federal, entregando um pedido de providência ao órgão, em função da discriminação. Os médicos são, afinal, credenciados pelo governo para atender a todos os segurados, como lembra Ezídio Pinheiro. "Pedimos à Polícia a garantia de atendimento e que se apurem responsabilidades", afirma ele, ressaltando que o caso talvez venha a ser analisado inclusive pelo Ministério da Justiça.

A decisão da Fetag irritou o Sindi-



As passeatas de protesto, como esta de 1980, poderão acontecer de novo no Rio Grande do Sul

cato Médico do Estado, que chegou a propor uma trégua de 15 dias. Nesse período, o atendimento seria prestado normalmente, mas a sugestão foi rejeitada em assembléia da categoria, no dia 11 de outubro em Porto Alegre. O presidente da entidade, Flávio de Agosto, chegou a ameaçar o descredenciamento em massa de profissionais, com um colapso no atendimento médico-hospitalar do Estado.

O descredenciamento funciona mui-

to mais como ameaça, já que muitos médicos dependem dos ganhos assegurados pela Previdência, mesmo que — segundo eles — a remuneração esteja abaixo do que merecem. Para complicar ainda mais a situação, no dia 8 de outubro o superintendente regional do INAMPS, Rui Nedel, pediu seu afastamento do cargo, alegando divergências políticas com o secretário de Medicina Social, José Gualberto de Mattos. Mas até o dia 14 ele permanecia na função.

QUOTAS

A briga entre agricultores e médicos não é nova no Rio Grande do Sul, e em setembro já se previa que ela seria de novo atizada, com a volta do sistema AIH. A verdade é que os profissionais vêm de fato sendo mal remunerados, mas isso não lhes dá o direito, segundo a Fetag, de fazer distinções entre segurados. E, além dos médicos, também o INAMPS estará na mira dos trabalhadores rurais a partir de agora. Isto porque a Fetag descobriu que em alguns municípios o atendimento foi suspenso no dia 19 de outubro, com o argumento, das regionais do Instituto, de que a quota de assistência aos agricultores, para este mês, estava preenchida.

Isso quer dizer que todos os meses a situação poderá se repetir, com o atendimento sendo suspenso antes do final do período, sempre que o atendimento tiver chegado a um limite estabelecido pelo INAMPS. "Agora, também o INAMPS está bricando com o trabalhador rural, e a saída será novamente a mobilização", disse Ezídio Pinheiro no dia 14 de outubro. "Vamos tentar até onde for possível a negociação. Depois disso, iremos retomar o movimento, para que os agricultores tenham seus direitos garantidos".

Valdenor temia a conta

Se tivesse adoecido antes da implantação dos sistema AIH (Autorização para Internações Hospitalares), Valdenor Ribeiro da Silva certamente ficaria um bom tempo andando de um lado pra outro à procura de solução para o seu caso. Mas ele teve sorte, pois conseguiu ser operado do joelho, para extração de menisco, no dia 9 de outubro, no Hospital Bom Pastor, da Cotrijuí, em Ijuí. Mesmo que sua perna direita estivesse inchada, e Valdenor não tivesse condições de trabalhar desse jeito, antes da implantação do novo sistema sua cirurgia não seria considerada de urgência.

Ele é trabalhador rural assalariado, em Alto da União, em Ijuí, e ganha um salário mínimo por mês (333 mil cruzeiros), para sustentar a mulher e três filhos. Quando ficou ruim do joelho, ele meio que se apavorou. Acontece que Valdenor havia antes trabalhado na cidade, com carteira de segurado urbano, mas o prazo de validade da carteirinha já estava vencido. A solução foi utilizar a previdência rural, pois Valdenor trabalha na lavoura com carteira assinada.

2 MILHÕES

Ele ficou com medo da conta que teria de pagar, por não saber que o novo sistema já estava funcionando para agricultores. A operação no joelho sairia

por mais de 2 milhões de cruzeiros, diz Valdenor, que se informou do preço com os médicos, caso o atendimento fosse particular. "Eu teria que conseguir um empréstimo, ou então pedir um adiantamento para o patrão. Ia levar um tempo pagando isso ao homem, e ia comer o quê?" indagava Valdenor.

Até o dia em que foi operado, ele não sabia como iria funcionar a mudança do sistema de atendimento médico-hospitalar dos agricultores. "Eu andei acompanhando este assunto pelo rádio, mas pra mim isso agora é uma surpresa". Valdenor andava preocupado com o inchaço na perna, nos últimos dias, "pois é época de colheita".



Valdenor: operação custaria 2 milhões



REFORMA AGRÁRIA



As famílias levantam acampamento. . .



. . . em Palmeira das Missões, no início de setembro. Quem aposta no fim de imagens como esta?

Um parto difícil

"Encontrar as terras para desapropriação vai ser mais ou menos como procurar um leão dentro da cidade de Ijuí". É assim que o coordenador estadual do Movimento dos Sem-Terra, Darci Maschio, vê o novo Plano Nacional de Reforma Agrária, anunciado dia 10 de outubro pelo presidente José Sarney. Maschio pode até estar exagerando, mas a verdade é que o Plano foi encarado como um retrocesso por todos os que desejam uma real mudança na estrutura fundiária brasileira. O novo documento, que substituiu o inicialmente lançado dia 25 de maio pelo governo, mostra de fato muitos recuos.

O Plano foi reescrito 12 vezes, até sua divulgação, e prevê o assentamento de 1 milhão e 400 mil famílias até 1989, numa primeira etapa. O documento, com critérios bem menos detalhados do que o anterior, foi recebido com simpatia pelo presidente da Confederação Nacional da Agricultura, Flávio Britto, e pelo presidente da Farsul, Ari Marimon. Britto e Marimon estiveram entre os líderes rurais que articularam a reação dos contrários ao documento lançado em maio.

O QUE MUDA?

O novo Plano deixa claro que o pe-

so dessas reações foi levado em conta. Também foram consideradas pelo presidente José Sarney as posições do Conselho de Segurança Nacional, que propôs a formação de uma comissão interministerial para estudar a reforma agrária. Outro detalhe muito enfatizado, após a divulgação do documento, é que os técnicos do próprio Ministério da Reforma e Desenvolvimento Agrário e o ministro Nelson Ribeiro estão desgostosos com as mudanças introduzidas no programa original. Mas o que, afinal, foi alterado? O novo Plano tem mudanças decisivas, que podem ser assim resumidas:

O O governo irá evitar as desapropriações, mesmo em áreas de latifúndios improdutivos, e promete procurar, em primeiro lugar, o entendimento. Se houver desapropriação de latifúndio, esta atingirá apenas a área não explorada.

O Não constam do Plano os motivos para desapropriação, e tampouco as áreas prioritárias. O primeiro Plano falava em prioridade para as áreas de conflito ou forte tensão social, ou ainda densamente povoadas, e citava o caso dos latifúndios improdutivos. O novo Plano não fala em nada disso.

O O governo irá evitar as desapropriações em áreas com elevada incidência de arrendatários e parceiros, mesmo que sejam latifúndios. Nesse caso, fica de lado o conceito de área produtiva, para se dar atenção às relações de trabalho. Já se prevê que arrendatários e parceiros nessa situação serão eternamente arrendatários e parceiros.

O As áreas prioritárias serão definidas pelos planos regionais, que passam agora a ser elaborados. Mas caberá ao presidente da República aceitar ou não esses planos. Esta determinação irá, no mínimo, aumentar a burocracia em torno das decisões regionais.

CRISE NO GOVERNO

Os especialistas no assunto apontam pelo menos dois pontos considerados preocupantes. Ao não determinar as áreas prioritárias, o governo deixou de cumprir o próprio Estatuto da Terra, no qual se baseia. Outro aspecto da lei, também não cumprido, se refere à aprovação dos planos pelo presidente do INCRA, e não pelo presidente da República. A intenção — segundo as análises feitas — é de esvaziar o INCRA e o Ministério da Reforma e Desenvolvimento Agrário.

Para o presidente da Fetag, Ezídio Pinheiro, "com esse plano fica descartada a possibilidade de reforma agrária no Rio Grande do Sul". Mas ele ainda acredita na capacidade de mobilização dos sem-terra e outras entidades, para que esse quadro seja alterado. Os planos regionais deverão estar prontos dentro de 60 dias, e até lá pouco se saberá sobre o futuro da reforma em terras gaúchas.

O que se sabe, desde o lançamento do novo Plano, é que há uma crise interna no governo, entre o ministro Nelson Ribeiro e outros setores que o apoiam, e a ala mais conservadora de Brasília. Esta crise — conforme foi anunciado várias vezes — poderia levar inclusive à demissão do ministro, caso se confirme um retrocesso na proposta de mudança da estrutura fundiária do país.

OS FAVORÁVEIS

Os sem-terra, a Igreja, Ordem dos Advogados do Brasil, sindicatos de trabalhadores urbanos e rurais, universidades, Fecotriço e outras entidades engajadas às lutas populares, os partidos ditos progressistas, a Associação Brasileira de Imprensa.

OS INDECISOS

As indústrias da área de insumos (fertilizantes, sementes híbridas e inclusive agrotóxicos), o Congresso Nacional, os empresários rurais ditos modernos, parte da área militar, entidades que congregam profissionais liberais.

OS CONTRÁRIOS

Os latifundiários, a Confederação Nacional da Agricultura, a Farsul, as entidades representativas do comércio e da indústria gaúchas, a TFP - Tradição Família e Propriedade, parte da grande imprensa, os partidos que aglutinaram ex-integrantes ou simpatizantes dos partidos de apoio aos governos pós-64, os militares da chamada "linha dura".

● Os favoráveis são os que desejam uma reforma agrária abrangente. Os indecisos manifestam apoio, mas sempre com um pé atrás, sem conciliar discurso e prática política. E os contrários são os que evitam, de todas as formas, a mudança na estrutura fundiária do país. Esta síntese é baseada nas manifestações feitas pela imprensa, e pode, é claro, ser ampliada.

Por que o empresariado é contra

A reforma agrária proposta pela Nova República é capitalista. Isso já foi dito tantas vezes que muita gente já deve estar cansada de ouvir esta história. A verdade, no entanto, é que não há como negar que para ter outra feição a reforma teria que ocorrer dentro de outro quadro político. E o atual governo, afinal, terminou mostrando que não tem nenhuma intenção de mexer a fundo num setor que lhe dá sustentação. Mas, se a reforma será capitalista e muito superficial, por que então o empresariado capitalista, por exemplo, não se alia à idéia?

No caso do Rio Grande do Sul, já é possível enxergar com certa clareza quem está ou não ao lado da reforma. E o empresariado, com o grande industrial e o grande comerciante, não figura entre os setores mais simpáticos a alterações na estrutura fundiária do país e do Estado, por mais modernos que procurem parecer. O sociólogo Telmo Frantz, reitor de Extensão e Pesquisa da Universidade de Ijuí, tem uma explicação para esta posição arredia e até certo ponto controversa da burguesia urbana.

LERO-LERO

Essa burguesia é "ideologicamente confusa", disse ele num seminário sobre a reforma agrária, promovido pela Unijui, entre o final de setembro e o início de outubro. Segundo o sociólogo, o empresariado da cidade não tem um discurso próprio, e depende até hoje das velhas idéias dos latifundiários. Assim, por mais progressistas que possam ser "da boca pra fora", como se diz, eles têm um comportamento conservador. Na verdade, não dispõem nem mesmo de um discurso próprio para se posicionar diante do assunto, e acabam repetindo todo o lero-lero contra a reforma, que se ouviu até agora.

Os dirigentes das entidades representativas desse setor têm dito, pela imprensa, coisas bem parecidas com os argumentos utilizados pela Confederação Nacional da Agricultura (CNA). Dentro dessa visão, a reforma agrária é uma ameaça à propriedade e à produção, e pode ser um caminho até mesmo para o socialismo. O certo é que não há nada que indique nessa direção.

ALIADOS

Segundo Telmo Frantz, o empresariado realmente moderno deveria ver na reforma a reciclagem de um segmento importante para o capitalismo. Assim é que serão eliminados resquícios de uma agropecuária antiga e pouco produtiva. E assim também é que haverá o fortalecimento de um mercado consumidor no campo, ao mesmo tempo em que se fortalece também a propriedade privada, que se criam novos empregos e se reduz a pressão social que os expulsos da área rural exercem sobre as zonas urbanas.

O pró-reitor da Unijui voltou a repetir também o que já havia dito antes, em outros debates. Segundo ele, o apoio à reforma deve igualmente ser manifestado pelos empresários rurais de formação recente, em especial os chamados granjeiros da soja e do trigo. Estes também serão beneficiados pela mudança na estrutura fundiária do país, e podem ser aliados dos sem-terra e dos pequenos proprietários.



Os comitês eleitorais estão movimentados. É a volta da democracia às antigas áreas de segurança nacional

O novo eleitor



Vilmar não tira o título do bolso

Vilmar Machado, agricultor residente na localidade de Dalto Filho, é um dos 166 eleitores analfabetos de Tenente Portela, que estarão votando pela primeira vez no dia 15 de novembro. Vilmar tem 27 anos e trabalha, com mais três irmãos, numa área de 10 hectares arrendada pelo pai, Lucindo Machado. Depois que tirou o título de eleitor, ele anda sempre com o documento no bolso. Mas até o início de outubro o agricultor não sabia como iria votar.

No comitê central de um dos partidos, ele finalmente foi informado de que terá apenas que marcar um "x" ou uma cruz no quadrinho ao lado do nome do candidato a prefeito que escolher. Dentro desse quadrinho, estará o número do candidato, para que seja facilitado o voto dos analfabetos. Vilmar terá apenas que decorar o número do nome por ele escolhido, ou recorrer a uma saída que deverá ser usada pela maioria, escrevendo o número na palma da mão, ou anotando-o num papel que levará no bolso.

SÓ ENCRENCOU

"Eu nunca esperei por esta oportunidade de votar", conta Vilmar, que garante ter estudado "até os 10 anos". Mas ele não aprendeu a escrever nem mesmo o próprio nome, e não se sente constrangido por isso. "Fui na escola só para fazer encrenca, e não aprendi a ler e a escrever mesmo que tenha trabalhado com a professora na lavoura". Apesar disso, Vilmar garante: "Nunca me apertei por ser analfabeto".

O novo eleitor entende que o próximo prefeito deve dar atenção à conservação das estradas de Tenente Portela. Sobre a Nova República, ele tem uma opinião: "Não mudou muito. Melhor de que jeito, com esses preços no limite para qualquer coisa que vá se comprar?" Vilmar pretende agora, como cidadão que ajudará na escolha dos governantes entender mais de política. Por enquanto, ele sabe que em 1986 também haverá eleições, e que os novos deputados e senadores poderão elaborar a nova Constituição do país. Só não entendeu ainda o que significa a tal de Assembleia Nacional Constituinte.

O voto direto, 17 anos depois

Associados da Cotrijuí em dois municípios do Rio Grande do Sul (Dom Pedrito e Tenente Portela) e outros seis do Mato Grosso do Sul estarão participando das eleições de 15 de novembro, para escolha de seus prefeitos. Isso acontece pela primeira vez desde que, a partir de 1968, o governo federal passou a considerar vários municípios brasileiros com áreas de segurança nacional. A partir daí, os prefeitos dessas cidades passaram a ser nomeados, pois — no entendimento das autoridades de Brasília — seus administradores deveriam ser "de confiança".

São quase 100 municípios brasileiros que voltam a ter eleições para a Prefeitura, além de todas as capitais, onde igualmente o voto direto foi proibido pelo governo implantado a partir de 1964. No Rio Grande do Sul, 25 municípios deixam de ser considerados área de segurança nacional. As eleições irão movimentar 1 milhão 403 mil e 149 eleitores gaúchos, e têm um dado histórico: pela primeira vez estarão votando também os eleitores analfabetos, até agora impedidos de participar da escolha de seus dirigentes.

COLIGAÇÕES

Em Tenente Portela, são três os candidatos a prefeito. O PMDB participa com o vereador Odilo Gabriel, tendo como vice Alceu Borges Santos. O Partido da Frente Liberal e o PDT fizeram coligação e lançaram o vereador Mário Benjamin Lorenzon (do PFL) a prefeito, tendo como vice João Gheller Filho (do PDT). O médico Francisco Neves é o candidato do PDS, que concorre juntamente com o vice Gildo Martens. O PTB e o Partido dos Trabalhadores não lançaram candidatos em Tenente Portela.

Em Dom Pedrito, o PDS apresentou como candidato à Prefeitura o advogado Flávio Saldanha, que tem como vice Canroberto da Rosa Rodrigues. O PDT e o PMDB fizeram coligação e lançaram o médico Quintiliano Machado Vieira (PMDB) para prefeito, e o advogado Nelson Machado (PDT) para vice. Eles são apoiados pelo Partido da Frente Liberal. O Partido dos Trabalhadores participa com o enfermeiro Dionil Machado Pereira, seu candidato a prefeito, que tem Francisco Ferreira como vice.

ESTADO

Além da capital e de Dom Pedrito e Tenente Portela, são estes os municípios onde haverá eleições para prefeito este ano no Estado: Alecrim, Bagé, Canoas, Crissiumal, Herval, Horizontina, Itaqui, Jaguarão, Osório, Porto Lucena, Porto

Xavier, Quaraí, Rio Grande, Roque Gonzales, Santa Vitória do Palmar, Livramento, São Borja, São Nicolau, Tramandaí, Três Passos, Tucunduva, Tuparendi e Uruguaiana. Todos eles deixaram de ser considerados área de segurança nacional por iniciativa do governo federal, depois de forte pressão dos políticos e lideranças dos municípios, através de campanhas que pediam eleições diretas nos últimos anos.

MATO GROSSO DO SUL

No Mato Grosso do Sul, haverá eleições em 14 municípios, além da Capital, Campo Grande. Na região de atuação da Cotrijuí, serão escolhidos prefeitos nas seguintes cidades: Ponta Porã, Aral Moreira, Antônio João, Bela Vista, Caarapó e Amambai, onde estão inscritos um total de 75 mil e 787 eleitores. Em todos os municípios do Estado estão inscritos 365 mil e 966 eleitores.

As eleições deste ano, nos antigos municípios de área de segurança nacional e nas capitais, manterão a população mobilizada para a próxima eleição, que acontecerá em novembro de 1986, quando serão escolhidos os novos governadores, senadores, deputados federais e deputados estaduais. As eleições do próximo ano têm dupla importância, pois estarão sendo escolhidos também, através da indicação dos novos senadores e deputados, os integrantes da Assembleia Nacional Constituinte.

Muitos analfabetos ausentes

O voto dos analfabetos fará com que as eleições municipais deste ano entrem para a história. Mas este voto não terá, como se esperava, tanto peso na hora da escolha dos novos prefeitos dos municípios que eram área de segurança nacional e na capital do Estado. Acontece que somente 13 por cento dos eleitores analfabetos desses 26 municípios tiraram seus títulos. Dos 161.412 eleitores que não sabem ler e escrever, apenas 20.579 se habilitaram a participar das eleições (veja na tabela ao lado.)

Tenente Portela foi um dos municípios com mais baixo índice de analfabetos habilitados com o título eleitoral. Dos 3.018 que poderiam votar, somente 166 estarão participando, segundo dados do Tribunal Regional Eleitoral. Em Dom Pe-

drito, o índice é considerado razoável: de 3.752 analfabetos, 1.171 estarão votando no dia 15 de novembro. A situação mais estranha é a de Itaqui, que tem 2.459 eleitores analfabetos habilitados, superando Porto Alegre, com 2.001.

Em todo o Estado, 20 por cento dos analfabetos tiraram seus títulos para participar das eleições do próximo ano para o governo do Estado, Senado, Câmara Federal e Assembleia Legislativa. Esse percentual é muito baixo, mas há quem encontre uma explicação. Segundo alguns especialistas no assunto, muitos analfabetos já possuíam título e vêm votando há muito tempo, mesmo que não saibam ler e escrever. Mas o certo é que os partidos não se interessaram muito pelo assunto e deixaram de arremessar novos eleitores.

Município	Total de analf.	Analf. eleitores
Alecrim	936	65
Bagé	11.164	1.032
Crissiumal	1.398	293
Dom Pedrito	3.752	1.171
Ervai	985	287
Horizontina	1.701	148
Osório	5.059	1.215
Rio Grande	13.807	145
Roque Gonzales	1.035	572
Santa Vitória	3.185	921
São Nicolau	1.686	1.115
Tenente Portela	3.018	166
Tramandaí	1.897	640
Três Passos	3.948	420
Tucunduva	1.121	185
Tuparendi	1.197	296
Canoas	15.409	743
Itaqui	3.059	2.459
Jaguarão	2.552	1.302
Porto Lucena	1.238	72
Porto Xavier	1.709	720
Quaraí	2.039	1.000
Livramento	9.393	793
São Borja	6.373	1.667
Uruguaiana	8.242	1.151
Porto Alegre	58.059	2.001
TOTAL	161.412	20.579

Fonte: Tribunal Regional Eleitoral

PARA O MELHOR CHIMARRÃO

A Erva Mate Genuína é a seiva verde dos melhores ervais da região. Genuína é feita com folhas selecionadas, e tem a tradição de quem gosta e conhece.



ERVA MATE GENUÍNA
Irmãos Foletto
Vila Doutor Bozano - Fone 09 - Ijuí.

Num beco sem saída

Inadimplentes procuram saídas vendendo os bois ou a terra

Como estão se virando os produtores inadimplentes, que não conseguiram pagar o banco com o dinheiro da colheita da soja? Muitos deles continuam tentando prorrogar suas dívidas junto aos bancos, mesmo sabendo que o problema não fica resolvido de um tudo, mas apenas adiado para daqui uns dois ou três anos. Como não têm outra saída, o jeito é se submeterem aos altos juros cobrados pelos bancos. Outros já meio ariscos de dívidas, estão preferindo vender a junta de boi e resolver o problema de uma vez. E tem aqueles, mais endividados, porque as lavouras também são maiores, que estão até se desfazendo de um pedaço de terra, como é o caso do seu Protásio da Silva Escobar, 42 anos e proprietário de 58 hectares em São João Mirim, no município de Jóiá.

O seu Protásio é apenas um dos tantos produtores de Jóiá que está num beco sem saída só porque a soja, neste ano e pela primeira vez, não alcançou o preço esperado. A situação do seu Protásio se agrava ainda mais pelo fato de ser arrendatário de mais 400 hectares de terra. Com o dinheiro que tirou da soja "que não foi muito", ele pagou o arrendamento, na base de cinco sacos por hectare, a prestação das máquinas e não sobrou mais nada. E isso que ele já havia vendido 100 hectares de uma terra, herança do pai, que ainda estava por receber. Se não o dinheiro da colheita não ia dar para pagar todas estas contas.

As dívidas são maiores porque o seu Protásio comprou duas colheitadeiras e quatro tratores com dinheiro pego de financeiras, "pois de uns anos para cá o governo vinha castigando demais o produtor e não estava dando dinheiro para ele comprar máquinas e implementos para a lavoura". Na precisão de máquinas e sem outra saída, ele diz que o produtor se via obrigado a recorrer as financeiras para pegar empréstimos, pagando juros exorbitantes.

SEM PRORROGAR

Mesmo enfrentando uma situação crítica, o seu Protásio não quis pedir prorrogação de suas dívidas, pois acha que a estes juros que o governo está oferecendo, o produtor só pode mesmo é ficar ainda mais entalado nas contas. "Não estou vendo vantagens na prorrogação das dívidas", diz, preferindo recorrer a uma outra saída que ainda não sabe se vai dar certo. Em vez de prorrogar as dívidas, ele entrou, no início do mês, com uma proposta junto ao Banco do Brasil, pedindo a liberação do custeio para a lavoura de verão.

Com esse dinheiro do custeio, em vez de fazer a lavoura de verão, ele pretende liquidar toda a dívida junto ao Banco do Brasil, que anda por volta de Cr\$ 124 milhões, referentes apenas ao financiamento de 250

hectares de planta. Ele conta: "até já andei fazendo as contas e descobri que com o dinheiro do custeio pago toda a dívida e ainda me sobram uns Cr\$ 30 milhões. Para plantar a lavoura vou pedir complementação de custeio".

Mas além dessa dívida de Cr\$ 124 milhões, referentes apenas ao financiamento de 250 hectares de lavoura, seu Protásio tem ainda mais 170 hectares, financiados pelo Banco Nacional e que ele nem sabe em quanto anda. Mesmo assim, ele calcula que com o resultado do trigo (plantou 120 hectares) e mais o da linhaça (mais 100 hectares), ele liquida esta dívida. Pelos seus cálculos, embora ainda não saiba o quanto deve, colhendo uns sete sacos de trigo por hectare, se vê livre logo dessa dívida.

CONTESTANDO

Caso o banco não libere e nem aprove a proposta apresentada, seu Protásio só tem uma saída: vender o resto da terra para pagar as contas e poder fazer a planta de verão em terra arrendada. "Mas enquanto puder, conta, vou contestando as minhas dívidas". Ele acredita que só em Jóiá, uns 50 por cento dos agricultores andaram pedindo prorrogação de dívidas, mas que no máximo uns 10 por cento devem ter conseguido. A situação é tão desesperadora, segundo o agricultor, que calcula que só no Fórum de Ijuí devem existir mais de 100 protestos contra produtores do município de Jóiá.

Essa situação, na sua opinião, é o reflexo de três safras frustrantes. Primeiro foi a soja chuvada, depois foi a seca e nesse ano, os preços que não compensaram. "Afora isso, o juro vem terminando com o agricultor. A dívida vem crescendo mais que o valor da correção". Acha que a única saída para a agricultura é o governo conceder uma moratória.

Tenente Portela é o município da Região Pioneira com maior número de pequenas propriedades. Ali, há centenas e centenas de áreas com menos de 10 hectares, e as histórias dos produtores inadimplentes, que não conseguiram pagar o banco, é bem diferente dos casos dos que têm altas dívidas. Em Portela, por bem pouco o agricultor fica atado ao banco, e muitas vezes se vê diante de situações danadas de ruins.

Foi o que aconteceu com João Pedro dos Santos Carvalho, dono de 4 hectares de terras dobradas, na localidade de Alto Colorado. No ano passado, ele tirou 1 milhão e 300 mil cruzeiros do Banco do Brasil, para financiar as lavouras de milho e soja, e terminou descobrindo, depois da safra, que não conseguiria pagar o banco. João Pedro, que também havia arrendado um hectare, para ampliar um pouco sua área, colheu 115 sacas de soja e umas 80 de milho.

O milho ficou para consumo próprio, e a soja foi vendida

por 44 e 45 mil cruzeiros a saca. Com este preço, o agricultor não obteve o lucro esperado e sua conta no banco revelava um saldo a pagar de 1 milhão e 800 cruzeiros, mesmo que uma primeira parcela já tivesse sido quitada. É João Pedro quem conta: "Cheguei para o gerente e pedi 20 dias de prazo, pois pretendia carrear dois bois mansos. O gerente me respondeu: não gosto de carne de boi manso, e vou te dar um custeio".

O custeio era na verdade, a prorrogação da dívida.

Isso aconteceu em agosto, e agora João Pedro tem prazo de mais um ano para liquidar a conta. Ele havia comprado a junta de bois para preparar a lavoura de verão da safra passada, por 2 milhões 400 mil. Se vendesse os animais para o açougue, conseguiria pagar o banco, mas ficaria sem condições de preparar a terra de novo, pois não tem trator. Na sua terra, aliás, trator nenhum vai entrar. É lavoura dobrada, onde a aração só pode ser feita com tração animal.

João Pedro salvou os bois, e agora se prepara para formar a próxima lavoura de soja e milho, nos 4 hectares próprios e em mais 8 hectares de uma roça nova, que pegou para arrendar. Ele está certo de que no final de junho do ano que vem, quando estará vencendo a prorrogação, terá dinheiro para pagar o banco, mesmo que não saiba direito em quanto estará essa dívida até lá.

PERDEU O BOI

Também em Tenente Portela, há outra história parecida com esta de João Pedro, mas com solução bem diferente. José Edemar Machado da Silva, dono de 4 hectares em Lajeado do Cedro, no distrito de Cedro Marcado, devia um saldo de financiamento de custeio de 1 milhão e 300 mil cruzeiros no Banco do Brasil. A conta deveria ser liquidada no final de julho, mas José não conseguiu prorrogação, mesmo que não tivesse dinheiro para isso.

"O Banco do Brasil - conta ele - achou que era muito pouco, e me disseram que eu tentasse arranjar dinheiro emprestado". Era pouco mesmo, mas não para agricultores como José Edemar e outros tantos, que têm menos de 10 hectares e plantam em lavouras com muitas ladeiras e pedras. A saída encontrada foi a venda de um boi manso de 8 anos, entregue a um açougueiro por 1 milhão e 300 mil cruzeiros. "O dinheiro deu certinho para pagar o Banco do Brasil".

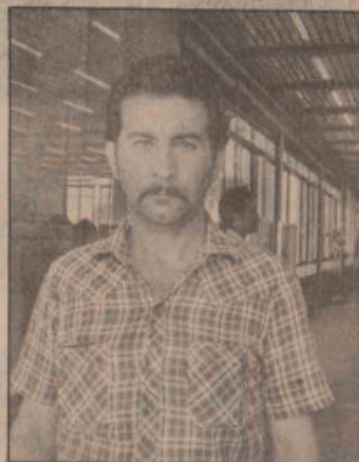
José teve a sorte de conse-



João Carvalho conseguiu a prorrogação



Protásio Escobar vendeu a terra

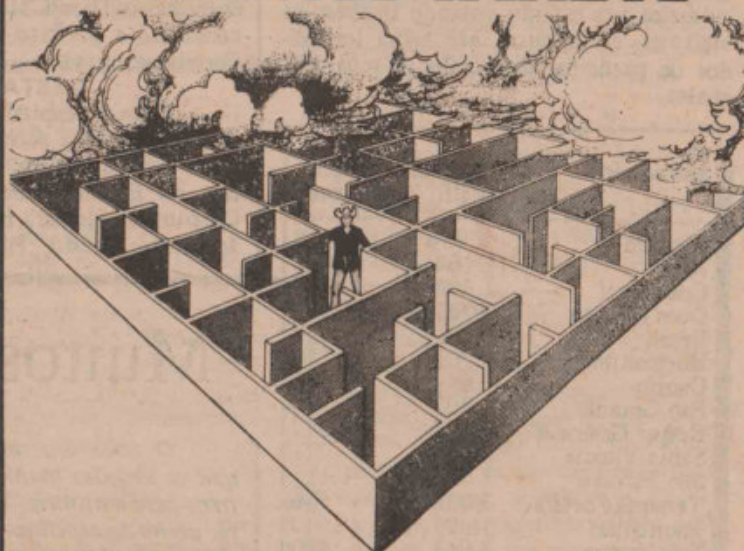


José da Silva vendeu um boi

guir um empréstimo com a família, para comprar outro boi manso, em setembro, e completar sua junta, ou ficaria mal quando da formação da lavoura deste ano. Agora, ele pegou 3 milhões e 900 mil cruzeiros de custeio, para plantar soja e milho, nos mesmos 4 hectares. José Edemar espera que os preços da soja sejam melhores desta vez. No ano

passado, ele conseguiu apenas 42 mil pela saca. Vale lembrar que ele e também João Pedro dos Santos Carvalho e outros produtores de terra dobrada de Tenente Portela têm apenas uma safra por ano, pois suas lavouras não se prestam para o plantio de trigo e culturas alternativas de inverno destinadas à produção de grãos.

NÃO SE PERCA COM O PLANTIO TARDIO



ENCONTRE A SAÍDA CERTA COM DUAL

CIBA-GEIGY

090/06/85

EXPOINTER

O sucesso dos porcos Wessex

Quem diria que duas porcas e dois leitões da raça Wessex fossem fazer tanto sucesso durante a VIII Expointer - Exposição Internacional de Animais -, a mais tradicional do Estado, realizada de 28 de agosto a oito de setembro no Parque Assis Brasil de Esteio? Pois o sucesso foi tanto, que os quatro animais levados pela Cotrijuí até a Expointer apenas para serem expostos, foram vendidos tão logo chegaram em Esteio. Os animais chamavam a atenção não só dos criadores tradicionais, mas também do pessoal da cidade, que acostumados com essas raças modernas, de pelagem branca, paravam para conhecer aquele animal de pelagem preta e uma faixa branca no corpo.

"O que mais impressionou, conta o Valdir Groff, médico veterinário da Cotrijuí na Região Pioneira e que acompanhou a comercialização dos animais, "foi o interesse e a grande procura que os animais despertaram. Teve gente que nem conhecia raça Wessex". Uma das porcas colocadas em exposição foi vendida pela significativa quantia de Cr\$ 10 milhões e a outra por Cr\$ 5 milhões. Os leitões foram vendidos por Cr\$ 3 milhões cada um. A receita obtida com a venda desses animais, segundo o veterinário vai servir para que a Cotrijuí continue levando adiante o seu trabalho de resgatar raças rústicas e de menor custo produtivo para o produtor. "A nossa intenção agora é buscar novos materiais para podermos dar prosseguimento ao trabalho sem chegar a consanguinidade."

No final da Expointer a Cotrijuí recebeu da Associação Brasileira de Criadores de Suínos uma placa em agradecimento pelo trabalho de manutenção da raça.

PARTE DE UM TRABALHO

A Wessex é uma raça rústica, prolifera e que faz parte de um trabalho iniciado pela Cotrijuí há uns três anos atrás no Centro de Treinamento, em Augusto Pestana, com a finalidade, não apenas de resgatar raças em extinção, mas também de procurar diminuir a dependência de insumos e altas tecnologias na criação de suínos. Por muitos anos, principalmente depois que os frigoríficos passaram a dar preferências aos porcos de pelagem branca, raças rústicas como a Wessex entraram num processo de extinção.

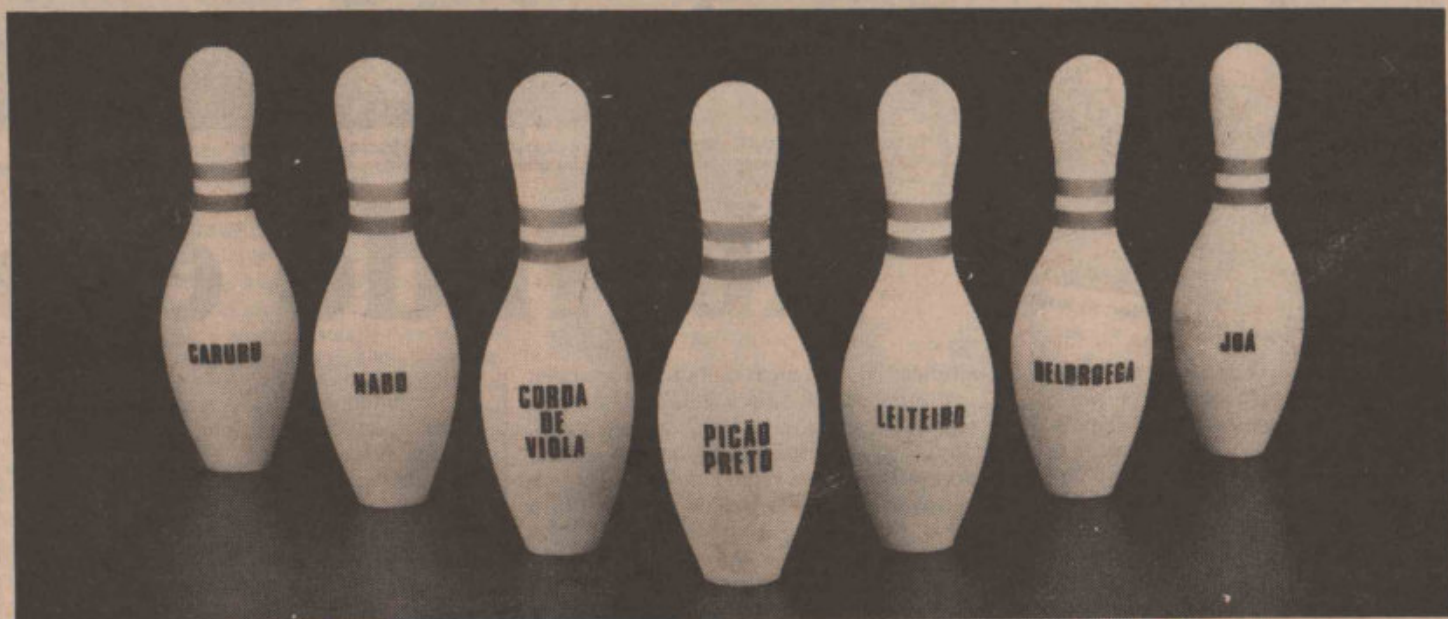
Depois dessa postura dos frigoríficos, impondo altos investimentos e altas tecnologias na criação de suínos, poucos animais rústicos restaram. Dentro desse seu trabalho, a Cotrijuí vem procurando reverter a situação, mostrando que é plenamente possível criar suínos com mais economia e de forma natural.

Os suínos são mantidos em piquetes e alimentados com trevo Yuchi, azevém e quicuío durante o inverno e capim bermuda e quicuío no verão e mais uma suplementação de raça ca-seira.

A venda dos animais resultou numa receita de Cr\$ 21 milhões. Com esse dinheiro a Cotrijuí pretende dar continuidade ao seu trabalho com raças rústicas.



A Wessex é uma raça rústica que começa a ser resgatada pela Cotrijuí

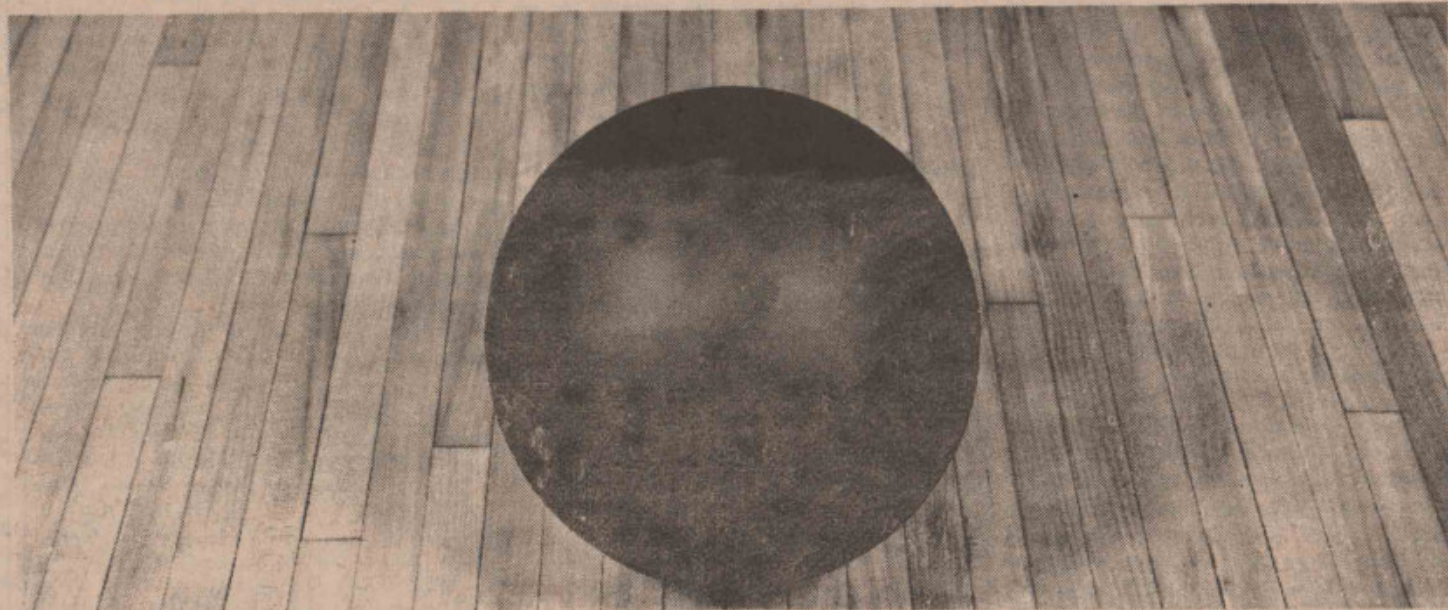


O HERBICIDA QUE DERRUBA ERVAS DE FOLHAS LARGAS.

Flex é o herbicida para soja com o mais amplo espectro. Derruba as principais ervas de folhas largas de uma só vez, com a máxima segurança para a cultura. Lance Flex nas ervas daninhas.



ICI Brasil S.A.



O crescimento da mulher rural da região começou com os movimentos comunitários de base



Terezinha Weiller: assimilando

Muito se tem falado, de uns anos para cá, na participação da mulher, nas suas conquistas e nos seus avanços. Depois de ter conquistado o direito de votar e de ser votada, garantido pelo governo de Getúlio Vargas, em 1932, a mulher meio que caiu num marasmo. Além de algumas mobilizações, a participação da mulher nesse meio tempo fica restrita a conhecida Marcha da Família com Deus pela Liberdade, realizada em apoio ao governo de 1964. A imagem das marchadeiras, como eram conhecidas, meio abafou qualquer outro movimento que tivesse a intenção de ser mais abrangente. No ano passado, depois de revisarem suas posições, as marchadeiras retiraram seu apoio ao regime que ajudaram a implantar.

A mulher brasileira passou a conquistar e a lutar por mais espaços a partir de 1975, quando foi comemorado o Ano Internacional da Mulher. Desde então, uma infinidade de movimentos, de encontros, de organizações, congressos, explodiram por todo o país. A mulher ganhou força e começou a invadir o mercado de trabalho, a tal ponto que hoje cerca de 16 milhões de mulheres fazem parte da população economicamente ativa do país. Mas a presença da mulher no mercado de trabalho trouxe também uma série de conflitos, que enquanto estava fazendo apenas o trabalho de casa, não apareciam, como a discriminação salarial e a falta de condições que permitem diminuir a carga da dupla jornada.

Com discriminação ou não, a verdade é que a mulher vem ganhando o seu espaço no mercado de trabalho. A socióloga Cristina Bruschini, em seu trabalho A Mulher e o Trabalho, diz que o aumento da participação feminina no mercado de trabalho está ligado a vários fatores. Entre eles, cita a questão da deteriorização dos salários, criando a necessidade da mulher sair de casa à procura de trabalho para complementar a renda familiar, a mudança dos valores sobre o papel da mulher e inclusive os movimentos femininos.

AINDA ATRÁS

Mas e a mulher rural, tão distante dos grandes movimentos, como tem agido nesse meio tempo? Na verdade, em termos de conquistas, ela ainda continua bem atrás do homem, mas nem por isso tem permanecido calada. Não tem direito à aposentadoria, a auxílio natalidade, mas está consciente desta situação e vem brigando por melhores condições de vida e de trabalho na lavoura, não só para si, mas também para o homem trabalhador rural.

Não é mais nenhum espanto encontrar mulheres do meio rural, inseridas em qualquer movimento ou protesto, seja rei-

vindicando mudanças na política agrícola, melhores preços para o leite, soja ou pela reforma agrária. Em 1980, por exemplo, durante o Protesto da Previdência, realizado em Ijuí e que reuniu milhares de agricultores, era muito fácil de identificar, no meio da multidão, centenas de mulheres, portanto faixas ou simplesmente dando força aos maridos na luta por melhor assistência médico-hospitalar. As mulheres rurais também começam a mostrar organização e disposição de lutar.

Esse crescimento, esse avanço da mulher trabalhadora rural da região tem uma história que começa a ser contada a partir dos movimentos comunitários de base, envolvendo associações de bairros, organizações sindicais e que tinha a intenção justamente de mobilizar a família como um todo: homem, mulher e filhos. "Foi justamente a partir destes movimentos de base, conta Walter Frantz, assessor de Comunicação e Educação da Cotrijuí, na Região Pioneira, que a mulher deixou de ser apenas "dona-de-casa", para ter uma par-

A organização da mulher na região

"A mulher precisa abandonar a fazer mudanças". A afirmação é da professora Dolair Callai, da Unijuí, ao analisar a organização da mulher na região. Mas para que isso aconteça, ela acredita que a mulher precisa abandonar a sua posição de comodismo, de obediência, de trabalhadora "tipo formiguinha que está sempre fazendo alguma coisa" e partir para outro tipo de trabalho, que a leve a tomar decisões. Essa organização só vai andar para frente, segundo a professora, se realmente existir interesse, vontade de mudar e disponibilidade em assumir responsabilidades.

Como anda a participação da mulher na região? Dolair Callai fez um pequeno levantamento e descobriu a organização de mulheres em núcleos, que mudam de nomes de acordo com a Cooperativa. Na Cotrijuí, por exemplo, a mulher está organizada em núcleos, e na Cooperativa de Três de Maio em Escolas de Educação Familiar. Na Cooperativa de Santo Ângelo, o trabalho de organização da mulher também começa a acontecer através da formação de núcleos.

Na região de Cotrimaio, segundo o trabalho da professora Dolair Callai, exis-

ticipação mais ativa na sociedade".

Segundo o Walter Frantz, nessa época existiam duas correntes, com pensamentos diferentes, mas que queriam apenas uma coisa: levar a mulher a participar mais da comunidade. Uma destas correntes era a favor de tirar a mulher de dentro de casa via arte culinária, cursos de corte e costura. A outra corrente queria que a mobilização da mulher rural se desse através da conscientização e da mobilização. Seria a participação pelo conhecimento da realidade social. Passada as divergências e associadas as duas correntes, se partiu para um trabalho mais amplo, envolvendo diretamente a mulher. Esse trabalho chegou a fazer com que Fafi, hoje Fidene/Unijuí, adquirisse várias máquinas de costura. Na medida em que as mulheres aprendia a arte de costurar, se intensificava o debate.

BARRAR O CRESCIMENTO

A partir de 1970 houve uma intensificação desse trabalho, só que o momento



Dolair Callai

tem 27 escolas em pleno funcionamento. Na região da Cotrijuí, Região Pioneira, existe um total de 102 núcleos cooperativos. Na Cotrijuí o trabalho de organização da mulher em núcleos começou por volta de 1976, com oito núcleos e uma participação que girava ao redor de 200 mulheres. Hoje são mais de 1.600 mulheres que participam dos núcleos. "Houve um crescimento muito grande, mas não o suficiente", segundo Dolair. Se fizermos uma comparação do número de mulheres que participam com o número de associados na Cooperativa, notamos uma diferença muito grande.

O trabalho da professora também analisa a questão da participação da mulher em outras instituições, como sindicato. Ela descobriu que essa participação ainda é menor. Em Ijuí existem 433 mulheres associadas no Sindicato. Em Ajuricaba, 50; Chiapetta, apenas 20; em Santo Augusto, 95; em Tenente Portela, 100; em Jôia, 148 e em Três de Maio, 15 mulheres. Isso quer dizer que na região apenas 861 mulheres estão sindicalizadas.

político que se vivia na época atrapalhou um pouco o nível de conscientização da mulher. "Então, conta o Walter Frantz, foi mais fácil escapar via economia doméstica, até porque ela foi criada, e isso inclusive a nível de universidades, como forma de barrar o crescimento da mulher". Ele diz ainda que diante destas circunstâncias, em vez da mulher avançar, ela se isolava cada vez mais. E esse isolamento ia aumentando na medida em que se acentuava o trabalho de economia doméstica. "Se criou uma área feminina, assim como se as mulheres tivessem de ser arrebanhadas e colocadas em separadas".

Para Walter Frantz, que também é educador, esse trabalho de organização da mulher, via economia doméstica, não pode deixá-la fora das questões sociais por duas razões muito simples. Em primeiro lugar, porque a mulher se encontra envolvida por estas questões sociais. E em segundo, porque se atuava a partir de atividades práticas no sentido de produzir também um crescimento político na mulher. "rompendo desta forma a bolsa da área feminina". "O problema da mulher tem que ser colocado como sendo da sociedade e não apenas da área feminina", diz o educador.

Diante desse rompimento, do risco de um isolamento a partir desta experiência associada ao conhecimento de organização social, o trabalho de educação atual, junto a mulher rural, de acordo com o Walter Frantz e a Terezinha Weiller, também educadora, deve voltar-se novamente à comunidade e a família rural. "Nessa nova prática educativa, explica a Terezinha Weiller, a atividade de economia doméstica não vai desaparecer, apenas passará para um outro plano, fazendo com que se parta de questões práticas para a compreensão políticas de problemas como a saúde, a alimentação, a educação, a organização social, a participação na cooperativa".

Partindo dessa nova metodologia de educação, os dois educadores acreditam que a mulher rural deverá crescer ainda mais em termos de participação dentro da sociedade. "A mulher rural está assimilando muito bem essa nova proposta", garante a educadora. Ela lembra que a mulher, assim como faz tricô, crochê, também lê jornais, escuta rádio, pensa e discute uma série de problemas que lhe aflige, como preços de produtos, a questão da comercialização, a participação da mulher na cooperativa ou no sindicato. "Queremos transformar essa consciência que já existe em organização e trazer para dentro da cooperativa", diz Walter Frantz. A mulher tem que ocupar efetivamente, os seus espaços dentro da Cooperativa".



A presença da mulher rural na briga contra a Previdência, em 1980

Abrindo espaços

Cuidando da casa, da lavoura e da criação

Mulheres rurais contam como fazem para conciliar o serviço da casa com o da lavoura

Jurema Junges, 29 anos, casada, mãe de dois filhos, não sabia o que era lida de lavoura até o dia do casamento. Oportunidade não faltou, mas como era filha única, passou a maior parte da juventude estudando na cidade. Depois do casamento, "com um rapaz também pobre e que não entendia nada de lavoura" resolveram ir morar em Ponte Branca, no interior do município de Augusto Pestana, junto com os pais dela. Como nada sabiam a respeito de lavoura, decidiram aprender juntos.

A primeira coisa que a Jurema e o Paulo fizeram foi reprogramar toda a propriedade, destocar mais uns pedaços de mato e plantar, além da mandioca e do milho, as culturas preferidas da dona Rosa e do seu Albino Heylmann, também a soja, o trigo, a aveia, o centeio, o alho, a cebola, o feijão. Também introduziram a atividade leiteira, hoje de responsabilidade da sua mãe, a dona Rosa. "A terra era pouco, 25 hectares, e a família grande, então, achamos que era preciso diversificar a produção", conta a Jurema.

ASSUMIR SOZINHA

Logo em seguida o marido de Jurema entrou de sócio numa oficina mecânica. Já mais tarimbada, ela resolveu assumir meio sozinha toda a lida da lavoura. Desde esse dia, levanta ao clarear do dia, toma seu chimarrão, prepara o filho mais velho para ir à escola, ajeita a casa e se toca para a lavoura. Perto do meio-dia, arruma o almoço, limpa a cozinha e quando precisa, pega o carro e vai até a cidade, resolver problemas no banco, na cooperativa ou fazer as compras necessárias para a casa. O seu dia só termina pelas 11 horas da noite, depois que a roupa está lavada e passada.

Hoje a Jurema conta que já não se sente nem um pouco constrangida de ter que ir num banco acertar algum negócio ou na cooperativa para fazer a liquidação da soja. "Tenho procuração para tratar de todos os negócios da lavoura", conta a Jurema. Muitas vezes o marido fica fora de casa vários dias, pois trabalha com manutenção de máquinas agrícolas e quando volta, a colheita está feita e a produção entregue na Cooperativa. E a Jurema não faz por menos. Sendo preciso, pega o trator e ajuda a fazer o carreto da produção colhida até a casa ou até a cidade. Até hoje, ela só não lavrou a terra, por achar um serviço perigoso demais, mas já fez muita gradeação. De resto ela já fez de tudo. Cuida da capina ou do controle das pragas. Não gosta de aplicar veneno nas lavouras. "Já faz uns três anos que não tenho aplicado nada, conta. Vou controlando as pragas até o fim. Se elas estão só comendo as folhas, não tem razão de aplicar veneno".

Mas as decisões da Jurema não ficam restritas apenas aos aspectos do trabalho técnico. Há uns três anos atrás, foi ela quem tomou a decisão mais importante, desde o dia em que ela e o marido decidiram trabalhar na lavoura: só plantar por conta. Essa decisão só foi tomada depois que participou de um Encontro Interação de Mulheres, em Augusto Pestana e ouviu o Prof. Argemiro Luís Brum, falar sobre o que ia acontecer com a soja e os juros. Em casa conversou com o marido

e decidiu que daquele ano em diante, planta, só por conta. O primeiro ano foi difícil, sobrou pouco dinheiro, mas não desistiu. Do segundo ano em diante a Jurema decidiu fazer a semente em casa e a folga foi cada vez ficando maior.

COMPENSAÇÕES

Satisfeita com o seu trabalho na lavoura, Jurema diz que já acostumou a tirar folga da lavoura em dois dias da semana para lavar e passar a roupa da casa, ou então no sábado, depois das quatro horas da tarde, para fazer as compras para o domingo, quando gosta de fazer um pudim ou uma torta. "Mas se tenho que participar de alguma reunião da Cooperativa ou do Sindicato, não penso duas vezes em ter de adiar o serviço da casa por mais algumas horas. Sempre prefiro deixar a roupa por lavar ou passar, do que não comparecer em alguma reunião. Basta boa vontade que a mulher sempre encontra jeito para fazer todo o serviço da casa, da lavoura e participar de reuniões, que só fazem a mulher crescer".

Sempre contando com o apoio do marido, da mãe, do pai e dos filhos, Jurema garante, que nesse tempo em que começou a assumir a responsabilidade da lavoura, aprendeu que a mulher não pode ficar restrita apenas aos serviços da casa. Ela tem que ter maior participação, tem que ter o mesmo poder de decisão do marido e trabalhar a seu lado. "Se uma cabeça pensa bem, duas juntas pensam muito melhor". Já vai longe o tempo em que o homem resolvia todos os problemas sozinho e que a mulher aprendia apenas a cozinhar, lavar, passar, bordar e costurar. "Como toda a mulher, gosto do serviço da casa, mas também gosto de fazer outros serviços, como capinar a lavoura, por exemplo".

O MESMO PARA OS FILHOS

Mãe de dois filhos homens, um de oito anos e outro de pouco mais de um ano, Jurema já começou a ensinar para as crianças desde cedo que não existe serviço só para mulher e só para o homem. "Tenho ensinado, principalmente para o mais velho, que numa família, a mulher sempre deve trabalhar junto com o marido e que se for preciso, ele deve ajudar a cozinhar, lavar e passar. E do mesmo, a mulher na lavoura".

Consciente de sua importância como mulher trabalhadora e não apenas "do lar", Jurema só lamenta não ter estudado um pouco mais, "pois só assim teria facilidade de entender melhor as coisas" e do descaso que existe em relação ao trabalho da mulher rural. "Temos uma jornada de trabalho mais rígida que a do homem, mas não temos nenhum direito. Se adoecemos, ficamos da dependência do marido. Não existe nenhuma segurança para a mulher. Isso sem contar que a sua participação na vida sindical e na cooperativa ainda é muito pequena".

DEDICAÇÃO AO MAGISTÉRIO

A dona Juvelina Amarante Gonzales, 58 anos, casada, um filho, viveu muito pouco nas lides da lavoura. De uma família grande, cinco irmãos e três irmãs, quando solteira, ela dedicava mais tempo ao estudo, aos afazeres domésticos. Lavoura, apenas cuidados com a horta ou com o plantio e capina da mandioca. Aos



Irene Pietrczak: trocou o serviço de casa pelo da lavoura



Jurema Junges: conciliando as atividades

18 anos começou a lecionar, atividade a que se dedicou até o dia de sua aposentadoria, 38 anos depois. "Sempre gostei de ser professora, de ensinar as crianças, de lhes dar saber", conta dona Juvelina com uma ponta de saudades do seu tempo de professora.

Hoje, ao lado do marido, o seu Valente, do filho Jorge Clayton, da nora Maria Dolores e do neto, ela ajuda administrar os 110 hectares de terra da família, localizados em Potreirinhos, no município de Jóiá. Mas confessa que depois da aposentadoria, tem dedicado mais tempo aos afazeres da casa, do cuidado com a roupa da família, da cozinha e de alguma costura. "Cuidar da casa, da família, é uma coisa que sempre gostei de fazer, mesmo quando ainda lecionava", explica a dona Juvelina, que ao lado da nora, também cuida da criação. Nem por isso, deixa de participar das decisões tomadas pelo marido e pelo filho. "Gosto sempre de saber o que está acontecendo, de tomar parte das decisões".

Mas não só para o lar e para a família vive a dona Juvelina. Líder nata, ela sempre está presente em qualquer reunião que aconteça, seja na comunidade, no sindicato ou na cooperativa. "Para participar de uma reunião, eu deixo meus afazeres de lado, pois acho muito importante que a mulher tenha uma maior participação, que lute por seus direitos e conquiste seus espaços".

SÓ O SERVIÇO DA LAVOURA

A vida de Irene Pietrczak, 36 anos, casada e sem filhos, não é muito diferente da de muitas mulheres que vivem na colônia. Levanta às cinco horas da manhã, toma o seu chimarrão ao lado do marido, seu Ari, trata das vacas, tira o leite, toma o café da manhã e se toca para a lavoura. Ela e o marido, trabalham lado a lado, na propriedade de 28 hectares, na Linha 4 Leste, em Ijuí.

Como a serviçama da lavoura é grande e são apenas duas pessoas para trabalhar, a Irene quase não tem tempo de se envolver com as lidas domésticas. "Ajudo lavar alguma roupa, limpar a cozinha, mas quem faz este serviço é a minha sogra. Eu cuido mesmo é da lavoura, do banco e do leite", conta.

A vizinhança já nem estranha mais quando vê a Irene, de chapéu na cabeça e



Juvelina Gonzales: primeiro a família

um casaco grosso para se cobrir contra o sol, trabalhando até 17 horas por dia, em cima de um trator, lavrando, gradeando e plantando a terra. Como o seu Ari não dirige, a Irene toma conta sozinha desse serviço, que ela não estranha nem um pouco, pois vem fazendo desde os tempos de solteira, quando assumia sozinha, um pedaço de terra própria, de 15 hectares.

Nesse tempo já era associada da Cotrijuí e do sindicato e sempre que precisava, tirava financiamento para o plantio do trigo e da soja no seu nome. Depois do casamento, tem tirado o financiamento em nome do marido, mas continua associada da Cooperativa. "Meu marido também é associado e temos trabalhado em conjunto". Mesmo assim, munida de uma procuração, já que com o casamento, há quatro anos atrás, tornou-se dependente do marido, ela continua resolvendo todos os problemas de banco, liquidando a produção e recebendo o dinheiro do leite. "Em duas pessoas, conta ela, só mesmo levantando às 5 horas e indo para cama às 8h30min da noite para vencer tanto serviço".

ALGUM PASSEIO

Descanso? Só mesmo no domingo, depois da missa. Os passeios se resumem a visitas na casa de algum parente ou a alguma granja de galinha. "Como gostamos de lidar com criação, principalmente de galinhas, quando dá um tempo, saímos para visitar algumas propriedades ou então o CTC. Não gosta e nem tem televisão em casa. Tem pavor a "chorinho" de novelas. "O tempo que vou ver novela, prefiro sentar com o Ari e discutir os problemas da propriedade, decidir o que plantar. No final da tarde, sempre fazemos um relato do que foi feito naquele dia". Uma decisão que tomaram, desde o dia em que casaram, é que o dinheiro da primeira colheita sempre é destinada para pagar o banco.

Quando dá um tempo, a Irene gosta de ouvir o noticiário de rádio, ler o Cotrijomal, "uma coisa que faço todos os meses", e o jornal "O Interior". Gosta de saber o que anda acontecendo ao seu redor, só fica chateada de não ter mais tempo disponível para participar de alguma reunião na comunidade. "O serviço é bastante e se eu não pegar, de igual para igual com o meu marido, a propriedade não vai para a frente".



Gertrudes Commandeur: desde o início

Uma história de 15 anos

Há 15 anos atrás, mais exatamente no dia 23 de abril de 1970, um grupo de mulheres integrado por Gertrudes Commandeur, Olinda Kettzer, Rosa Schulz, Vilma Blazack, Ricardina Bonemann, Genoveva Morozinski, Érica Commandeur, Iris Schulz, Maria L. Krewer e Ironilda Boneman, fundava na localidade de Piratini, interior do município de Ijuí, o Clube do Lar. Nos primeiros sete anos de existência, o Clube contava com a orientação de uma extensionista da antiga Ascar e tinha como finalidade aumentar e aperfeiçoar o trabalho da mulher dentro do lar.

Uma vez por mês esse grupo de mulheres — que aos poucos foi ganhando novas adeptas das redondezas — se reunia e discutia assuntos que diziam respeito a família, as lidas da casa. Trocavam receitas de culinária, de tricô e de crochê. Uma vez ou outra programavam uma palestra sobre higiene e saúde da família, valor nutritivo das frutas e verduras. “Sempre achávamos, conta a dona Gertrudes Commandeur, que até hoje é integrante ativa do núcleo e por várias vezes fez parte de sua diretoria, “que essas coisas ajudavam a formar um lar mais feliz”. Quando o Clube ficou sem a orientadora da Ascar, o grupo continuou se reunindo do mesmo jeito e discutindo os assuntos que achavam de interesse de todas.

PELA COTRIJUI

Em 1977 o Clube do Lar transformou-se em núcleo cooperativo e passou para a coordenação do Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijui. Com nova orientação, as mulheres e tam-

bém as filhas dos associados, já não se reuniam apenas para discutir assuntos relacionados com os afazeres domésticos, com a programação de festas e eventos, de excursões e visitas, mas também para falar sobre os problemas da comunidade, da cooperativa, da lavoura, da atividade do leite, da comercialização da soja, do trigo.

A dona Gertrudes reconhece que houve um crescimento muito grande do grupo, não só de forma quantitativa, como qualitativa. “Descobrimos, conta ela, que a participação da mulher é importantíssima para a vida da comunidade e da cooperativa, que a sua atividade não pode ficar restrita apenas aos afazeres domésticos ou aos cuidados dos filhos, assim como os cargos não podem ficar sempre na responsabilidade dos homens. A mulher tem que participar e integrar-se como um todo”.

As reuniões do núcleo Piratini continuam, acontecendo mensalmente e planejadas de tal forma que os assuntos discutidos estejam de acordo com as necessidades do grupo. “Temos bem claro na cabeça que o importante não é só fazer tricô e crochê, por exemplo, mas também fazer discussões mais amplas, envolvendo questões políticas, de saúde, de educação, de economia, cooperativismo e sindicalismo”. Desta forma, segundo a dona Gertrudes, a mulher do meio rural começa a lutar pelos seus direitos, pelo seu reconhecimento como trabalhadora rural. “O núcleo, reconhece, foi importante para que a mulher de Piratini alcançasse este estágio. Ela cresceu com o núcleo”, conclui.

A responsabilidade da dona Alina

A viúvez, ocorrida há uns cinco anos atrás, sobrecarregou a dona Alina Hartmann Bigolin, 59 anos, de serviços e de responsabilidades. Não que ela já não estivesse acostumada ao serviço pesado, pois vem lidando na lavoura desde criança, quando o pai tinha tafona e ajudava a arrancar mandioca para fazer farinha. “O que me assustou um pouco no início, conta ela, foi ter de tomar à testa a propriedade e as lavouras”.

Mãe de três filhos, todos casados, a dona Alina comanda a sua propriedade, formada de 31 hectares e localizada no Saltinho, em Ijuí, ajudada pelo único filho homem, o Auri Júlio, de 32 anos, que mora na mesma casa junto com a mulher, a Lenir e os filhos. Mas nem por isso as responsabilidades da dona Alina diminuíram. Até hoje é ela quem faz todo o serviço do banco, que contrata financiamento para a lavoura de soja e de trigo, que liquida a produção na cooperativa. “É claro que eu sempre ajudava o meu marido

nesses serviços e já tinha um pouco de prática. Hoje, quando tenho que tomar uma decisão, sempre discuto com o meu filho, porque trabalhamos juntos. A gente vê de comum acordo o que é melhor para a propriedade”.

Na verdade a dona Alina nunca fugiu do trabalho pesado. Quando os filhos eram pequenos, ela levantava quando o dia estava amanhecendo, fazia as lidas da casa e só voltava da lavoura para fazer o almoço. Às duas horas da tarde, já estava pegando no cabo da enxada novamente. “A terra era pouca e não se podia contratar empregados. A gente mesmo é que fazia todo o serviço da lavoura, plantava, capinava e colhia, cuidava da criação, dos filhos e da casa”. Hoje os problemas de pressão não deixam mais a dona Alina trabalhar na lavoura, “serviço que agora é da competência da minha nora”. Em compensação, ela continua cuidando das vacas de leite e da casa.

A luta pelos direitos

Não estamos pedindo favores. Queremos apenas exigir nossos direitos, dizem as mulheres trabalhadoras rurais, toda a vez que se encontram, quer seja em reuniões do sindicato, da cooperativa ou da comunidade, para falar de seus problemas. E não é para menos. Trabalhadora de sol a sol na lavoura, sempre ao lado do marido, elas sequer têm o direito a uma aposentadoria por tempo de serviço ou a um auxílio doença. Ainda são consideradas como “do lar” e não como trabalhadoras rurais.

Muitos têm sido os encontros, os protestos e as reivindicações da mulher rural pelo direito a aposentadoria, ao auxílio doença, ao auxílio natalidade, a acidente de trabalho. Mas por enquanto, a mulher rural só tem mesmo direito a aposentadoria depois de 65 anos de idade, desde que nunca tenha sido casada. Quer dizer, a mulher trabalhadora rural só pode se aposentar, por idade, e receber meio salário mínimo por mês, se for solteira. “Infelizmente, explica o Mirko Roque Frantz, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, ela ainda não é reconhecida como trabalhadora rural e não pode se aposentar por si só.

PENSÃO, SÓ DEPOIS DE VIÚVA

A mulher rural só recebe pensão, depois de viúva, e “isso, conta Mirko, que é um direito adquirido pelo homem e não pela mulher. Quem deixa a pensão é o marido, pelo fato de ter sido trabalhador rural”. Se a morte do marido for por causa natural, a mulher recebe meio salário mínimo de pensão todos os meses. Mas se ocorrer por acidente de trabalho, ela tem direito a uma pensão referente a 75 por cento do salário mínimo.

Um outro disparate, pelo qual elas também vêm brigando: apenas as mulheres trabalhadoras rurais, solteiras e com mais de 21 anos e as viúvas, têm direito a seguro por acidente de trabalho. Elas têm esse direito por serem consideradas a cabeça da família. Se uma delas sofrer um acidente durante o trabalho, terá direito assistência médica e ainda recebe, durante os dias em que estiver sem trabalhar, 75 por cento do salário mínimo como seguro por acidente de trabalho.

Mas a mulher trabalhadora rural, casada, que sofrer qualquer tipo de acidente no trabalho, não tem nenhum direito

ao seguro, pois para efeito de legislação, ela é considerada como dependente do marido. “Aí, diz o Mirko, ocorre uma discriminação muito grande, pois mesmo trabalhando na agricultura, ela é considerada pela previdência como



Mirko Frantz

mera dependente do marido”. Enquanto for solteira ou viúva, e desde que trabalhe na lavoura, terá os mesmos direitos que tem o trabalhador rural. Fora disso, será sempre dependente.

AMPARO PREVIDENCIÁRIO

O amparo previdenciário é um direito que toda a mulher, casada com um trabalhador rural tem, desde que o marido não possua bens e tenha uma renda de valor igual ou inferior a meio salário mínimo por mês. Só que tem um detalhe: a mulher, para ter direito a esse amparo precisa ter idade superior a 70 anos, ou então comprovar ser inválida, total e definitivamente para qualquer outro tipo de profissão. Se ela não tiver uma perna, por exemplo, não terá esse direito, pois pela previdência, ela pode se dedicar a uma outra profissão, como magistério, telefonista. A grande briga e não é só das mulheres, mas também dos homens que trabalham na agricultura, é para que, além de aumentar o valor do amparo, o governo reduza o limite de idade para menos de 70 anos. Também estão reivindicando que a lei considere, o homem ou a mulher, inválidos, total e definitivamente, apenas para os serviços da agricultura.

Aliás, todas estas questões e muitos outros problemas relacionados com o reconhecimento da mulher como trabalhadora rural foram discutidos e debatidos durante o Encontro Estadual das Mulheres Trabalhadoras Rurais, que aconteceu dia 17 de outubro, em Porto Alegre, na Assembleia Legislativa. Pois só pressionando os legisladores, e reivindicando os seus direitos é que as mulheres trabalhadoras poderão vencer essa luta.



Alina Bigolin: assumindo a propriedade

Aliás, o leite é uma atividade que a dona Alina gosta de dedicar bastante atenção. E o seu trabalho não se resume em apenas tirar o leite todos os dias ou alimentar os animais. Ela conta: “gosto de lidar com os animais. Todos os anos procuro programar bem direitinho as vacas para que elas venham com cria no inverno. Prefiro produzir mais leite no inverno que no verão”.

Logo que ficou viúva, a dona Alina tratou de se associar na cooperativa e no sindicato dos trabalhadores rurais, pois precisava tocar a propriedade para a frente. Diz que não foi fácil e lamenta que a mulher, mesmo que esteja trabalhando na agricultura, ao lado do marido, só tenha direito a fazer parte do quadro social da cooperativa depois que fica viúva. “Acho que isso está errado. Se ela está ajudando o marido nas decisões do que plantar, está ajudando a produzir, ela também deveria ser associada. Essa lei está errada e precisa mudar. A mulher é uma trabalhadora rural que nem o marido”.

Mesmo tendo de cuidar do leite e da casa, a dona Alina sempre acha um jeito de participar das reuniões que acontecem no Saltinho. “Venho participando dessas reuniões desde o tempo da Ascar. Fui em quase todos os Encontros Integração da Mulher Rural, no Grito do Campo, na luta pela previdência, porque acho que reivindicar melhores condições para o trabalhador rural é também obrigação da mulher. É participando que a mulher cresce”, diz a dona Alina.

MULHER

O mercado de trabalho

16 milhões de mulheres integram o mercado de trabalho

A mulher brasileira está saindo cada vez mais de casa à procura de empregos para ajudar o marido no sustento da família. Mas nem por isso, embora as condições de trabalho tenham melhorado um pouco, ela tem deixado de ser discriminada. Continua correndo muito longe atrás do homem. Quando admitida para trabalhar, geralmente ocupa um setor de menor importância dentro da empresa e sempre mal remunerado. O Censo Demográfico de 1980 traz uma importante revelação nesse sentido: apenas 1,6 por cento das mulheres que conseguiram fazer parte do apertado mercado de trabalho brasileiro, estão ganhando mais do que 10 salários mínimos por mês, enquanto que 5,3 por cento dos homens colocados nesta faixa, recebem o mesmo valor.

Na faixa de um salário mínimo o Censo revela existirem 48,9 por cento de homens e 84,4 por cento de mulheres. Já na faixa de mulheres que ganham dois salários mínimos estão 69,2 por cento de mulheres. Os homens colocados nesta mesma faixa representam 55,7 por cento.

O Censo também mostra que em 1920, dos 9,5 milhões de pessoas que o mercado de trabalho brasileiro absorvia, 1,4 milhões, ou seja 15,3 por cento, eram mulheres. A participação da mulher no mercado de trabalho continuou crescendo, a tal ponto que em 1970, de um total de 29 milhões de trabalhadores, 6,1 milhões eram do sexo feminino. Em 1982, de um total de 32,4 milhões de trabalhadores, cerca de 16 milhões já eram mulheres, que ocupavam as mais variadas funções. Um outro dado interessante, também revelado pelo Censo, mostra que em 1920, as mulheres que ocupavam o mercado de trabalho representavam 13,7 por cento das que já tinham alcançado idade para trabalhar. Em 1970 elas já

representavam 18,5 por cento e em 1982, 34,8 por cento.

É claro que essa mão-de-obra feminina disponível desempenhava funções bem menos rentáveis e que geralmente não eram disputadas pelos homens, como de trabalhos domésticos, costureiras, professoras, entre tantas outras. Até 1960 as trabalhadoras rurais e as domésticas formavam o principal contingente de mulheres que disputavam o mercado de trabalho. Em 1940, por exemplo, 40,0 por cento das mulheres trabalhavam na agricultura, enquanto que 15,6 por cento se dedicavam ao serviço doméstico remunerado.

Já em 1960 o percentual de mulheres que trabalhavam na lavoura caiu para 27,8 por cento e o das domésticas se elevou para 22,7 por cento. Em 1970, no auge do milagre econômico brasileiro houve uma reviravolta. A empregada doméstica remunerada passou a representar 31,0 por cento do contingente de mulheres disputando o mercado de trabalho. A trabalhadora rural passava a ocupar um segundo lugar, representando 18,0 por cento, seguida pela professora, 9,0 por cento, e pela funcionária de escritório, representando 8,0 por cento.

De 1980 para cá, esse quadro se alterou ainda mais. A empregada doméstica continuou em primeiro lugar, representando 22,9 por cento, mas a trabalhadora rural desceu para um terceiro lugar, representando apenas 9,8 por cento do total da mão-de-obra feminina. Isso vem demonstrar, que nesse meio tempo, ou seja, a partir de 1970, atraídos pelo milagre econômico, responsável pelo crescimento do emprego industrial, houve uma debandada geral, tanto de homens como de mulheres rurais para a cidade. Eles vinham à procura de novos empregos, de melhores condições de vida, que nem sempre foi encontrado.

Conquistas e preconceitos

A Década da Mulher, instituída pela Organização das Nações Unidas — a ONU — em 1975, chegou ao fim e parece que no balanço final dos avanços pouca coisa sobrou, além de uma conclusão meio unânime: há muito mais coisas a conquistar do que foi conquistado. Um exemplo bem claro e prático é a situação da mulher trabalhadora rural, que além de desenvolver jornada dupla — cuidar da casa, da criação ou da lavoura — não recebe nenhum tipo de salário pelo seu trabalho, não tem direito a aposentadoria por tempo de serviço, a seguro saúde e muito menos a auxílio natalidade.

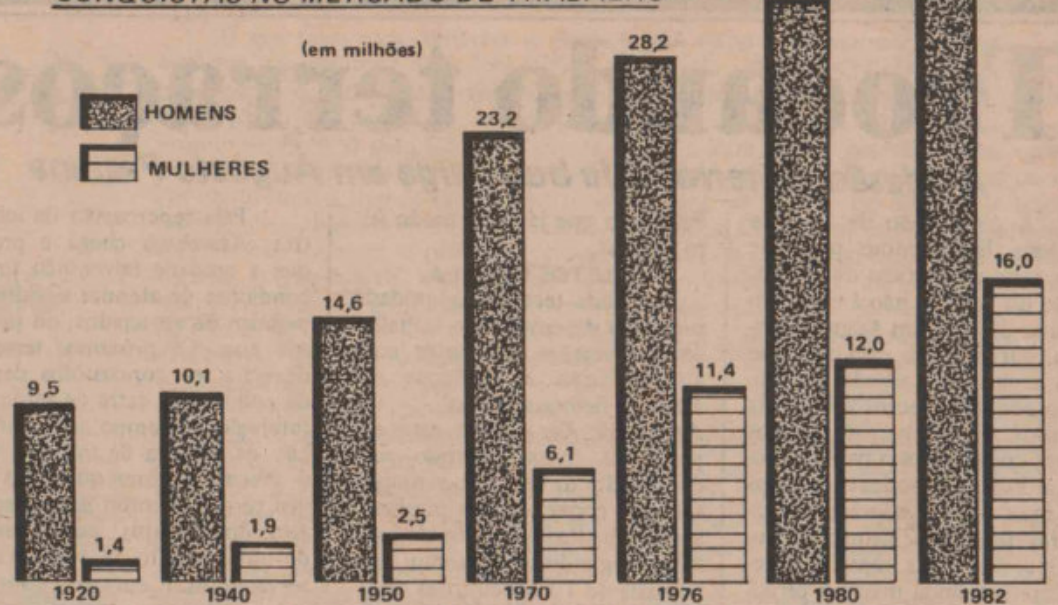
Mas nem tudo está perdido. Depois de terem conquistado o direito a voto, em 1932, as brasileiras aumentaram de 20 para 32 por cento a sua participação no mercado de trabalho. Hoje, cerca de 16 milhões de mulheres estão invadindo o mercado de trabalho e conquistando, pouco a pouco, os seus espaços. Afora isso, tiveram o direito de fazer parte das Forças Armadas, de ingressarem na Academia Brasileira de Letras, de não serem demitidas do trabalho, quando grávidas e receberem, pelo INPS, o auxílio natalidade, de poderem trabalhar sem a autorização do marido, de abrirem crediário em lojas e contas

em bancos. O mais importante de tudo isso, é que esses 10 anos serviram para que a mulher adquirisse maior consciência de sua situação discriminatória e começassem a se organizar para lutar por seus direitos. Por sinal aprender a "lutar" foi um grande avanço da mulher nesse meio tempo.

Tirando as muitas mobilizações, e os poucos espaços sociais conquistados, a verdade é que a mulher continua ainda limitada por uma série de preconceitos. Até hoje, mesmo quando necessário, ela não pode ligar as trompas sem a autorização por escrito do marido. Se for menor de idade, está sujeita a ser deserdada pelo pai, com a justificativa de "comportamento desonesto". Mas os preconceitos não páram por aí. Muitas empresas ainda hoje exigem testes de gravidez para a admissão de mulheres, isso sem falar do salário que recebe, que quase sempre é inferior ao do homem.

Muitos destes preconceitos, como por exemplo o pátrio poder, desaparecerão com a aprovação do novo Código Civil. Mas enquanto isso, as mulheres continuam mobilizadas, se organizando em associações, confederação, em grupos, na luta pelos seus direitos e por uma vida menos atrelada a tantos preconceitos.

CONQUISTAS NO MERCADO DE TRABALHO



Fonte: Censo Demográfico

AS PROFISSÕES DAS MULHERES TRABALHADORAS DE 1940 a 1980

ANO/ PROFISSÃO	1940 %	1950 %	1960 %	1970 %	1980 %
Trab. rural	40,0	26,4	27,8	18,0	9,8
Empregada doméstica	15,6	16,9	22,7	31,0	22,9
Costureira	11,6	7,3	8,1	—	6,0
Operárias das ind. têxtil	8,4	5,6	—	—	—
Professoras	—	—	6,1	9,0	—
Func. de escritórios	—	—	—	8,0	12,4

Fonte: Censo Demográfico



DIPEL:

INSETICIDA BIOLÓGICO

Distribuído por:

MSD-AGVET

Trocando terraços

A adesão ao terraço de base larga em Augusto Pestana

A construção de terraços de base larga, como parte de uma série de práticas de conservação do solo, já não é um privilégio só de Ijuí. Em Augusto Pestana, por exemplo, esta inovação vem ganhando a adesão de muitos produtores, incentivados pela Cotrijuí. Os primeiros terraços foram construídos a partir de julho, e hoje eles podem ser vistos em mais de 300 hectares de lavouras de 14 agricultores do município. Mas esses números deverão crescer ainda mais no próximo ano.

O agrônomo Getúlio Azambuja relembra que o terraço de base larga passou a despertar a atenção dos associados de Augusto Pestana, depois de uma visita a Ijuí. Produtores, representantes da Cooperativa de Crédito, técnicos, vereadores e o prefeito Orlando Pellenz estiveram, no início de julho, na Linha 8 Oeste, onde os terraços surgiram com pioneirismo na Região Pioneira, há dois anos. Foi a partir daí que o pessoal se sentiu motivado a repetir em Augusto

Pestana o que já vinha sendo feito em Ijuí.

MUITOS NA FILA

"Cada técnico da unidade procurou desenvolver o trabalho em suas regiões de atuação, com a construção de terraços em áreas demonstrativas", diz Azambuja. Aos poucos, essas experiências foram servindo para divulgação da prática, e muitos terraços convencionais passaram a ser substituídos pelos de base larga. Segundo o agrônomo, hoje há mais de 10 agricultores na fila, esperando pela demarcação das lavouras para que possam aderir à novidade.

"Se não fossem as chuvas de agosto e setembro, teríamos hoje o dobro de produtores com terraços de base larga em suas lavouras", diz ele, lembrando que o trabalho tem dois aspectos importantes. O primeiro, e o mais decisivo, é o envolvimento comunitário. E o outro é que a experiência motiva o departamento técnico, com todos os profissionais do setor atuando em suas regiões.

Pela repercussão da iniciativa, Azambuja chega a prever que a unidade talvez não tenha condições de atender a todos os pedidos de associados, no próximo ano. Os próximos terraços deverão ser construídos depois da colheita da safra de verão, no intervalo de tempo até a formação da lavoura de inverno. Mas é preciso lembrar que esses novos terraços, como já vem acontecendo em Ijuí, estão dentro de um conjunto de práticas conservacionistas, em que a cobertura vegetal, com a rotação de culturas e outros cuidados com o solo devem estar sempre presentes.

VANTAGENS

O interesse despertado pelo terraço de base larga se deve a benefícios já bastante difundidos. Ele absorve a água da chuva, ao contrário do convencional, que faz com que a água escorra para as estradas. Também permite o aproveitamento de toda a área para plantio, evita a perda de fertilizantes e corretivos da lavoura e oferece muitas outras vantagens. Já está provado que este terraço, em compa-



Os terraços de base larga resistiram bem à chuvaram de agosto

ração com o de base estreita, é muito mais eficiente na conservação do solo, eliminando os riscos da erosão e preservando a fertilidade da terra.

São estes os agricultores que introduziram o terraço de base larga em suas lavouras em Augusto Pestana: Dirson Schmitt e Arno Goergen, de Esquina Gaúcha; Emílio Hasse, de Rincão Seco; Biagio Menegol, de Formigueiro; Valderino Scarton e Oscar Barriquello, de Rosário; Eugênio de Castro; Arno Goergen, de Fundo Grande; Daniel Schneider, de Linha São João; Lotário Bruisma e Benno



Azambuja: vantagens são muitas

Bruisma, de Linha Progresso; e Kurt Otto Schünemann, João Bruisma e Ido Weimer, de Rincão dos Bazana.

Lida comunitária

A chuvaram de agosto e setembro pode ter feito estragos em algumas lavouras, mas não ameaçou uma área de 18 hectares de propriedade de Kurt Otto Schünemann, no Rincão dos Bazana, em Augusto Pestana. Mesmo que os 18 hectares estiveram sem cobertura vegetal, não houve nenhum sinal de erosão. A área é uma das que estão protegidas pelo terraço de base larga no município, desde julho último, e fica ao lado de duas outras, que servem de exemplo de trabalho comunitário na conservação do solo.

Kurt observa que adquiriu a lavoura este ano, sem planta de inverno, e decidiu construir o terraço de base larga depois de aceitar um convite do proprietário de uma área lindeira, João Bruisma. João havia visitado as lavouras da Linha 8 Oeste, em Ijuí, e voltou a Augusto Pestana decidido a fazer o mesmo. Convidou Kurt e Ido Weimer, outro vizinho, a aderirem à prática, e transformaram as três lavouras numa única área, para realização do serviço. A demarcação foi feita como se as três lavouras pertencessem a um único dono.

Os terraços passam de uma propriedade a outra, sem respeitar as divisas, e são construídos em nível. Kurt lembra que cada um dos três produtores utilizou seus tratores e arados de discos, e o serviço foi feito em conjunto. Primeiro, todos trabalharam ao mesmo tempo na construção dos terraços da lavoura de João Bruisma, e depois passaram para as outras áreas, que ficam em partes mais baixas. Em uma semana o trabalho estava pronto.

RIACHOS

As três áreas somam cerca de 50 hectares, e ficam ao redor de um divisor de águas. Antes, a água da chuva escorria dessas lavouras para as baixadas,



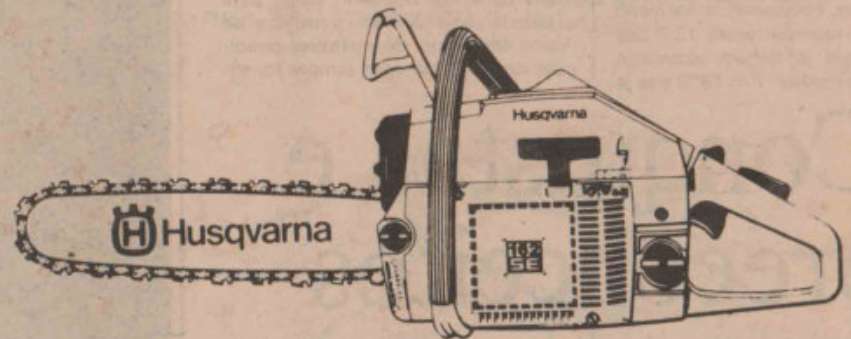
Kurt: retorno é que importa

e iam parar, junto com muita terra e adubo, em nascentes e riachos. Esses córregos, como ressalta o agrônomo Getúlio Azambuja, vão desaguar em rios das proximidades, e estão agora livres da terra e também dos agrotóxicos carregados pela erosão. É assim que, ao cuidar melhor do solo, os agricultores tratam também de preservar as nascentes e riachos.

"No momento, o investimento sai caro, mas no futuro compensa", afirma Kurt, que não chegou a levantar os custos do terraço na ponta do lápis (o Cotrijournal de agosto tem estes custos). O agricultor conhecia o terraço de base larga pelos jornais, mas nunca havia visto um de perto, até decidir realizar o trabalho. Até adquirir a área de 18 hectares, ele vinha trabalhando junto com o pai, Herbert Ferdinando, e três irmãos, em lavouras da família, localizadas nas proximidades, e sempre realizando rotação de culturas.

Ele acredita que atualmente não são muitos os agricultores com recursos para investir nesta prática, e isso é o que mais assusta o pessoal. "Mas o que interessa é o retorno no futuro", garante Kurt, que ressalta o fato dos terraços terem sido construídos em conjunto. "Quem olha hoje as lavouras — diz ele — pode pensar que a área é uma só, pois não se notam as divisas".

QUALIDADE PREMIADA: MOTO-SERRA HUSQVARNA



Husqvarna: a única moto-serra que tem o "Prêmio Siderúrgica Riograndense para Máquinas e Implementos Agrícolas", concedido na 8.ª Expointer - 1985.

Husqvarna: a única moto-serra que você tem que ter.

H Husqvarna
A fera das moto-serras

QUALIDADE COMPROVADA.

CUSTOS

Da capina manual à aplicação de herbicidas



Um levantamento mostrando os custos da capina manual, da capina mecânica e da aplicação de herbicidas no controle das ervas daninhas na lavoura.

CAPINA MANUAL

OPERAÇÃO	Dias de trabalho (ha)	Mão-de-obra - Cr\$	
		Por dia	Por ha
Capina manual	4 dias	17.600 (1)	74.238 (2)
TOTAL			74.238

(1) - Fonte: Cotrail
(2) - Está incluída também a depreciação da enxada

CAPINA MECÂNICA

OPERAÇÃO	Hora de trabalho (ha)	Trator - Cr\$		Implementos/Cr\$		Total - Cr\$	
		Por hora	Por ha	Por hora	Por ha	Por hora	Por ha
Capina:							
- Trator	0,8056 (48 min)	40.650	32.747	-	-	40.650	32.747
- Capinadeira	0,8056 (48 min)	-	-	5.780	4.656	5.780	4.656
- Mão-de-obra (2 pessoas)	-	3.470	2.795	1.735	1.398	5.205	4.193
TOTAL		44.120	35.542	7.515	6.054	51.635	41.596

APLICAÇÃO DE HERBICIDA

OPERAÇÃO	Horas de trabalho (ha)	Trator - Cr\$		Implementos/Cr\$		Total - Cr\$	
		Por hora	Por ha	Por hora	Por ha	Por hora	Por ha
Aplicação herbicida							
- Trator	0,6112 (37 min)	40.650	24.845	-	-	40.650	24.845
- Pulverizador	0,6112 (37 min)	-	-	38.254	23.381	38.254	23.381
- Mão-de-obra Herbicida	-	3.470	2.121	2.795	1.708	6.265	3.829
- Trifluralina (1,5 l/ha)	-	-	-	-	-	-	60.345
- Sencor (0,7 l/ha)	-	-	-	-	-	-	109.620
TOTAL		44.120	26.966	41.049	25.089	85.169	222.020

O que fazer para controlar as ervas daninhas nas lavouras? Aplicar herbicidas ou capinar o mato? Essa certamente é uma decisão que deverá ser tomada pelo próprio produtor e para tanto, ele deverá levar em consideração a incidência de insetos na lavoura, o tipo de solo, o custo e a mão-de-obra disponível na propriedade. Para melhor orientar o produtor na sua decisão, o Luís Juliani, tecnólogo em administração rural e responsável pelo setor de custos do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, fez um levantamento completo, mostrando todos os gastos que envolvem a capina mecânica, a aplicação de herbicidas e a capina manual. De posse dos custos de cada uma das operações, o produtor terá condições de optar com maior tranquilidade por aquela que sair mais em conta para a sua propriedade, ainda mais considerando que o dinheiro, além de caro, anda meio curto.

Todo o trabalho apresentado pelo tecnólogo foi baseado nos custos de um hectare de soja. Nos cálculos de custos da capina mecânica e aplicação de herbicidas, ele considerou coeficientes técnicos coletados junto ao Centro de Treinamento da Cotrijuí, em Augusto Pestana. Na formulação dos custos hora/máquina, levou em conta os gastos com combustíveis, troca de filtros, lubrificantes, reparos e conservação e ainda depreciação. Também foram consideradas máquinas e equipamentos novos na realização das operações. Para chegar ao cálculo da remuneração da mão-de-obra, foram levadas em conta informações da Cooperativa dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, a Cotrail, na base de Cr\$ 17.600 por dia. Considerou também o trabalho realizado por quatro homens/dia para capinar um hectare

A CAPINA MANUAL

A capina manual é a operação mais simples, embora não signifique que seja a de menor custo. A vantagem é que envolve um maior número de pessoas e o aproveitamento de toda a mão-de-obra disponível na propriedade. Na definição dos custos da capina manual o Juliani considerou apenas o uso de enxadas e o trabalho do capinador.

Para efeito de cálculo foi considerado o trabalho de quatro capinadores por dia, para a realização da operação em um hectare de soja. Em apenas um dia de trabalho, contando aqui também o desgaste da enxada, o custo ficou em Cr\$ 18.560. Por hectare, considerando o trabalho de quatro homens apenas como forma de melhor demonstrar os custos, mas na verdade o produtor é quem vai decidir quantos capinadores empregar para fazer o trabalho de controle de ervas daninhas. O tempo gasto para a realização da capina manual, a exemplo do que também ocorre com a capina mecânica e a aplicação de herbicidas, vai depender de vários fatores, que vão desde a infestação do mato e o estágio de desenvolvimento dos insetos.

O custo, no caso da capina manual, teve um crescimento de 185 por cento do ano passado para cá. Em setembro de 84, quando o Juliani fez esse mesmo levantamento, um produtor que optasse pela ca-

pina manual no controle das ervas de sua lavoura, gastaria Cr\$ 26.000 por hectare. Esse ano ele gastará Cr\$ 74.240.

CAPINA MECÂNICA

Para chegar aos cálculos de quanto o produtor vai gastar com a capina mecânica em apenas um hectare de lavoura de soja, foram considerados despesas com o trabalho realizado pelo trator (combustível, lubrificantes, etc), pela capinadeira mecânica e com mão-de-obra. No item mão-de-obra foram computados o trabalho de dois empregados, um deles operando no trator e outro na capinadeira.

O item de maior peso, no caso da capina mecânica, fica por conta do uso do trator, que apresenta um custo de Cr\$ 32.747 por hora, representando 78,73 por cento do total dos custos. Em seguida aparece a capinadeira, Cr\$ 4.656, representando 11,19 por cento do custo final. A mão-de-obra é o item de menor peso. A capina mecânica num hectare de soja (ver tabela), pode ser feita em 48 minutos, a um custo total de Cr\$ 41.596. No ano passado, o produtor que fez capina mecânica gastou Cr\$ 12.306 em um hectare. Esse ano, ele terá que desembolsar uma quantia de dinheiro bem maior, pois a capina mecânica está 238 por cento mais cara.

CONTROLE COM HERBICIDAS

No levantamento para determinar o custo de aplicação de herbicidas em um hectare de lavoura, foram consideradas as despesas com trator, pulverizador, com dois produtos empregados no combate às ervas daninhas e com a mão-de-obra. No caso dos produtos foram usadas a Trifluralina - na base de 1,5 litros por hectare - e o Sencor - 0,7 litro por hectare - para o controle de ervas daninhas de folha estreita e de folha larga, respectivamente.

O tempo médio gasto na aplicação do herbicida em um hectare foi de 37 minutos. Também neste caso, é bom lembrar que corre contra esse tempo a competência do tratorista, o desempenho da máquina e o tipo de solo. Solos acidentados certamente farão com que a operação seja feita num tempo maior e a um custo mais elevado.

Com a aplicação de herbicidas o produtor terá um custo total de Cr\$ 222.020, contra os Cr\$ 62.379 que foram gastos no ano passado. As despesas com o trator ficam em Cr\$ 24.845; com o pulverizador em Cr\$ 23.381; com a mão-de-obra em Cr\$ 3.829; com a Trifluralina em Cr\$ 60.345 e com o Sencor em Cr\$ 109.620. Apenas os herbicidas totalizam um gasto de Cr\$ 169.965, representando, sozinhos, 76,55 por cento do total dos custos. No trabalho realizado no ano passado, nesta mesma época, os herbicidas representavam 80,66 por cento do custo final. O segundo item de maior peso fica por conta do uso do trator, que representa 11,29 por cento do custo total.

Com esses números nas mãos, segundo o Juliani, fica mais fácil para o produtor tomar uma decisão e escolher aquela operação que sair mais em conta, de acordo com a sua disponibilidade de máquinas e de mão-de-obra a ser adotada no controle das ervas daninhas de suas lavouras. "Queremos apenas instrumentalizá-los para que possam escolher a operação que lhe for mais conveniente e mais econômica", conclui o Juliani.



**COTRIEXPORT -
CORRETORA DE
SEGUROS LTDA.**

**A SERVIÇO DA COTRIJUI
E DE SUAS SUBSIDIÁRIAS**

Senhores Associados e Funcionários,
Estamos aptos a prestar-lhe os seguintes serviços: - Seguro de Veículos; - Seguros de Maquinários Agrícolas; - Seguros Residenciais; - Seguro de Vida em Grupo e Acidentes Pessoais; - Bilhete Obrigatório.

Maiores informações: Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone: 332-3765 ou 332-2400, ramal 364.

Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342, 5º andar - Fone: 21.08.09.

Interesse pela comercialização



O Seminário com produtores de Bonito, no MS

Quem esperava, na última safra de soja, ter um grande lucro, teve frustrada a esperança. Grande parte da produção foi comercializada a nível de preço mínimo, por força da baixa cotação do produto na Bolsa de Chicago. Hoje, às vésperas do plantio de mais uma safra de verão, onde a soja representa, na região Cotrijuí em Mato Grosso do Sul, mais de 70 por cento da área plantada, prevê-se a estabilização da área da cultura. Dois são os fatores que podem ser apontados como causa para a estabilização: a redução do incentivo do Governo Federal aos produtos de exportação (VBC e preço mínimo considerado insuficientes pelos produtores) e o reflexo da comercialização da safra passada.

Como boa parte da produção brasileira de soja é voltada ao mercado externo, o conhecimento de sua estrutura e tendência para o ano de 1986 é de grande importância aos produtores. É por isso que o tema comercialização da soja foi incluído no III Seminário de Produtores Rurais de MS, realizado no início do mês de setembro nas unidades de Rio Brilhante, Maracaju, Sidrolândia e Bonito.

João Batista Cardoso, da S. A. Costa Pinto Exportação e Importação, do Rio de Janeiro, e Guilherme Nepomuceno Filho, da área de Comercialização da Cotrijuí em MS, explicaram aos 142 produtores presentes nos seminários os motivos pelos quais a soja alcançou, este ano, as mais baixas cotações dos últimos 13 anos. Muitos são os fatores que, segundo eles, influenciaram a queda das cotações, estando relacionados desde a produção nos Estados Unidos, Brasil e Argentina (principais exportadores) até mesmo ao consumo, em especial na Comunidade Econômica Européia, maior consumidora de grãos e farelo de soja do mundo.

João Batista traçou ainda uma perspectiva de preços para 1986 do lado que considerou otimista para os produtores bra-

sileiros. Partindo da estimativa de redução da área plantada com soja no Brasil, que não deve ser demasiada, o economista disse esperar uma reação dos preços para o próximo ano, principalmente se houver uma queda na produção brasileira. Outro fator que pode elevar o preço da soja no mercado externo é o plantio da próxima safra norte-americana. Como hoje a cotação do produto não atende os interesses dos agricultores daquele país é provável, se não houver reação, que passem a plantar mais milho, o que favorecerá os sojicultores brasileiros. Batista estima que a recuperação dos preços pode chegar a 5,75 ou 6 dólares nos próximos meses.

ECONOMIA

O assessor de Comunicação e Educação da Cotrijuí, professor Walter Frantz, falou sobre a economia brasileira aos participantes do seminário, como forma de facilitar a compreensão do momento histórico que vivemos. Frantz lembrou que a economia brasileira foi organizada, desde o começo, dentro de um conjunto de regras onde sempre tínhamos mais que perder do que ganhar.

Três foram as fases de desenvolvimento da economia brasileira, segundo Walter Frantz. A primeira, do modelo agro-exportador, foi marcada pela monocultura, que determinou os ciclos da cana, do café, do algodão etc, conforme o interesse de outros povos. Após, o Brasil viveu um modelo nacionalista de desenvolvimento, embasado na substituição das importações, favorecendo o desenvolvimento industrial. Este modelo esgotou-se ao final da década de 50 e início da de 60, sendo substituído, a partir de 1964, por um modelo de desenvolvimento internacionalizado, o qual se tenta romper hoje.

Walter Frantz disse que o País tenta hoje definir um novo modelo de desenvolvimento. Para que isso aconteça, os maiores desafios são o encaminhamento

do pagamento da dívida externa e interna, a geração de empregos e o desenvolvimento social, em bases democráticas, garantindo a participação dos diferentes segmentos da sociedade na consecução dos destinos do País. Algumas medidas estão surgindo, conforme o assessor de Comunicação e Educação da Cotrijuí, e isso permite vislumbrar um novo horizonte, ainda um tanto nebuloso. Entre as medidas citadas estão a reforma agrária, a nova constituição e uma nova política agrícola.

A atuação da área técnica da cooperativa foi o tema abordado pelo gerente agrotécnico da Regional do Mato Grosso do Sul, agrônomo Márcio Portocarrero. Após traçar um rápido perfil da evolução da produção agrícola no Estado, a partir do fim da década de 60, o agrônomo lembrou que o Mato Grosso do Sul é hoje terceiro produtor de soja do país, quinto de arroz, quarto de trigo e oitavo de milho, o que comprova a evolução — tanto em área quanto técnica — da agricultura no Estado.

A Região Cotrijuí representa hoje 58,7 por cento da produção de grãos no Estado, sendo que a soja é a principal cultura de verão, seguida pelo arroz e o milho, enquanto o trigo responde por 80 por cento da área plantada no inverno, vindo após a aveia e o feijão.

O gerente agrotécnico da Regional MS, apresentou ainda eslaides sobre a atuação da área técnica, enfatizando as atividades de pesquisa desenvolvidas em Maracaju, através da qual se busca variedades compatíveis às condições e clima e solo do Estado. Também foi destacada a preocupação da cooperativa com a diversificação de culturas, forma de dar ao produtor maior estabilidade econômica, e com a conservação do solo.

Os produtores participantes do seminário manifestaram o interesse por atividades semelhantes, as quais, conforme propostas apresentadas, devem se realizar com maior frequência.

O assunto comercialização foi discutido no seminário de produtores do Mato Grosso

O TRIGO E A SOJA NUNCA SE ENCONTRAM, EMBORA MOREM NO MESMO LUGAR.

O trigo gosta do frio, do inverno. Já a soja prefere os dias ensolarados do verão. Os dois, entretanto, são filhos de um mesmo solo, nascem num mesmo lugar. Mas para que isto ocorra, para que se complete este ciclo que se renova constantemente, são precisos cuidados especiais. É aí que entra a tecnologia dos Adubos Ipiranga. Os seus pesquisadores e engenheiros trabalham cada terreno, cada espécie de semente, para garantir os nutrientes certos.

E a cada colheita, uma nova análise do solo diz o que a próxima lavoura vai precisar para seguir produzindo mais. A utilização do adubo se faz na dose certa, evitando-se faltas ou excessos.

O Brasil precisa desta consciência agrícola responsável. A produção crescente de grãos é fundamental para o futuro. Colher o dobro é o ideal. Com o adubo exato, esta meta será alcançada mais facilmente.



ADUBOS IPIRANGA

Fórmula Brasil, garantindo produtividade.

Centro-Oeste define propostas de desenvolvimento

E a Cotrijuí participa do grupo de trabalho

A definição de propostas de desenvolvimento para a região Centro-Oeste foi o objetivo central do seminário realizado pela Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro-Oeste (Sudeco) nos dias 19 e 20 de agosto, em Campo Grande. O seminário reuniu, no auditório do Senai, representantes de órgãos públicos federais, estaduais e municipais, empresas privadas e cooperativas para amplo debate sobre a organização territorial dos Estados que compõem a região — Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal e Rondônia — e suas implicações sócio-econômicas.

Apesar de promissora, a região Centro-Oeste apresenta uma série de problemas que devem ser superados em qualquer plano de desenvolvimento. A necessidade de um planejamento mais participativo levou a Sudeco a ampliar o número de instituições envolvidas no debate das prioridades regionais. Uma destas instituições foi a Cotrijuí, representada pelo vice-presidente Nedy Rodrigues Borges e os gerentes Márcio Portocarrero, do Departamento Técnico, e Geraldo Schorn, de Comunicação e Educação.

EIXOS

A proposta de desenvolvimento da região Centro-Oeste elaborada pela Sedeco prevê ações em quatro grandes linhas, amplamente discutidas pelos grupos de trabalho formados durante o seminário. Todos os grupos, alguns de forma mais específica, defenderam a necessidade de se incentivar a produção de alimentos, um maior desenvolvimento da pesquisa agrícola, a diversificação da produção e, também, a conservação do solo, pontos estes que já fazem parte do trabalho desenvolvido pela Cotrijuí no Estado.

O primeiro eixo, de cunho mais político, exprime a necessidade de se passar de um desenvolvimento largamente influenciado por impulsos externos a um desenvolvimento orientado em função dos interesses regionais, considerando seus efeitos não só no campo político-administrativo, mas também sócio-econômico.

O grupo que analisou a questão da "Autodeterminação do Desenvolvimento Regional" elegeu como prioridades a reforma tributária, o desenvolvimento agrícola, a criação de um Banco de Desenvolvimento do Centro-Oeste e a descentralização do Poder Público. Quanto ao desenvol-

vimento agrícola o grupo defendeu a reforma agrária, propiciando reais condições ao produtor para sua fixação e sobrevivência na terra; a instituição de sistemas de comodato para os assentamentos, dificultando as especulações entre os sem-terra e incentivos para a criação de cooperativas.

Um segundo grupo analisou propostas para a "Consolidação da Economia Regional", concluindo que a agropecuária não deve ser prioritária, dividindo importância com ações para implantação de agroindústrias e a extração mineral. Como principais estratégias para desenvolvimento da agropecuária o grupo defendeu a concessão de mais crédito à produção agrícola, tendo como garantia a produção e não a propriedade. Sugere também apoio integrado aos pequenos e médios produtores, visando sua capitalização, a fixação no meio rural, o aumento da produção de alimentos básicos e maior número de empregos.

Maior número de ações foram propostas pelo grupo que analisou o eixo "Melhoria das Condições de Vida e Distribuição de Renda". Foram propostos programas voltados ao meio rural que objetivem a fixação do homem, o incentivo à produção de alimentos básicos e a diversificação da produção. As principais ações dizem respeito à execução da reforma agrária, a equiparação da previdência social rural a urbana, apoio aos pequenos e médios proprietários rurais, reestruturação da educação ministrada no meio rural além de se promover uma melhoria na infra-estrutura básica.

"Racionalização da Ocupação e Uso do Solo" foi o tema discutido pelo quarto grupo de trabalho que sugeriu a elaboração de um macrozoneamento geo-ambiental, para implemento de uma política de ocupação do solo, definida a partir de uma legislação específica. A partir deste zoneamento de toda região Centro-Oeste deve ser definido o processo de ocupação e uso do solo, tendo por base as aptidões sub-regionais.

A partir deste trabalho, entende o grupo, é possível definir outras ações, como por exemplo o incentivo a conservação do solo e a pesquisa, como forma de diversificar a produção e, assim, ocupar racionalmente o solo.

CARTA

A "Carta de Mato Grosso do Sul", divulgada ao final do

seminário, lembra que a retomada do desenvolvimento agrícola da região Centro-Oeste depende do macrozoneamento geo-ambiental. Através desse macrozoneamento deverá se fazer um levantamento até chegar ao nível de microzoneamento, de uma política

de ocupação do solo e também de uma reforma agrária. Ambos deverão vir acompanhados de uma política agrícola que

possibilita a fixação do homem à terra e que tenha no cooperativismo e no comodato os seus fundamentos básicos.



Na abertura do Seminário a presença de muitas autoridades

Evite o sufoco. Use Primextra.

Você planta o milho e, algumas semanas depois, as ervas daninhas já estão comendo seu dinheiro investido em adubos, o alimento das plantas, seu esforço. Justamente no momento de dedicar-se a outros cultivos, outros plantios e quando aumenta a chuva.

Um sufoco! Que pode ser evitado com uma simples aplicação de PRIMEXTRA — o herbicida do milho.

Evite o sufoco. Use PRIMEXTRA e respire aliviado.



CIBA-GEIGY

091.06/85

Guerra ao arroz vermelho

Plantio direto pode impedir maior alastramento do inço nas lavouras



O arroz vermelho já atinge 30 por cento da lavoura do Estado

Além dos preços mínimos, importações, geadas, ventos, secas, chuvvarada e granizos, outro problema vem tirando o sono de orizicultores gaúchos. Trata-se do arroz vermelho, que já infesta perto de 90 por cento da área total de arroz irrigado do Estado e praticamente inviabiliza 30 por cento dela para a cultura.

A pesquisa tem estudado métodos de controle deste inço nas áreas infestadas. Entre as técnicas desenvolvidas, a de melhor resultado é o plantio direto, também conhecido por cultivo mínimo. Os métodos químicos de controle da invasora se mostram ineficientes quando usados em lavouras com plantio convencional, pois matam também o arroz branco.

O QUE É

Da mesma família e gênero do arroz branco (*Oriza Sativa*), o arroz vermelho tem seu controle dificultado porque vegeta nas mesmas condições. Suas principais características são: alto poder de longevidade, ou seja, suas sementes podem ficar até 20 anos no solo e germinar tão logo lhe sejam oferecidas as condições necessárias; elevado poder de disseminação pela água de irrigação, sementes infestadas, máquinas, gado etc; muito agressivo como inço por seu perfilhamento e estatura (de 1,2 a 1,5 metro); fácil acamamento, pelo alto porte; e também maturação desuniforme, com degrana em seguida.

Estima-se que 30 por cento da área orizícola do Estado esteja inviabilizada pela presença do arroz vermelho, índice este que também vale para o município de Dom Pedrito, segundo informou o agrônomo Rogério Zart, que é co-proprietário e responsável técnico na área de agricultura da empresa Zart Condomínio Agropecuária, presidente da Associação dos Agricultores de Dom Pedrito, conselheiro do Instituto Riograndense do Arroz (IRGA) e coordenador do Clube do Plantio Direto, fundado recentemente em Alegrete e que

tem sua sede junto ao IRGA em Porto Alegre.

CONTROLE

A pesquisa usou inicialmente métodos químicos como herbicidas em pré-emergência e protetores nas sementes do arroz cultivado para tentar controlar a incidência de arroz vermelho. Não houve, porém, condições de se conseguir a seletividade, o que significa que por ser do mesmo tipo do arroz branco, nenhum produto químico consegue matar o arroz vermelho sem acabar com o outro, cultivado.

Outros métodos também foram pesquisados, como o do descanso da terra por vários anos. O resultado foi desestimulante porque mesmo depois de 20 anos a semente do arroz vermelho germinou assim que lhe foram oferecidas condições de temperatura, luz e umidade.

A rotação de cultura também foi estudada. Utilizou-se o plantio de soja por dois anos consecutivos nas áreas infestadas pelo arroz vermelho. O resultado não compensou financeiramente, pois existem grandes diferenças econômicas entre uma cultura e outra. Outro método inviável economicamente é a implantação de arroz pré-germinado, não sendo aconselhado para a região de Dom Pedrito por se tratar de um sistema caro, que requer a sistematização uniforme do solo para que a água fique na mesma profundidade.

PLANTIO DIRETO

Uma prática que já é bastante usada no Estado é o plantio direto, ou cultivo mínimo. Em 1979 a EMBRAPA de Pelotas, juntamente com a Universidade Federal de Pelotas, coordenaram um trabalho iniciado pelo dr. Voni de Andrade. Se tratava de um experimento de plantio direto de arroz numa área de campo bruto.

O equipamento usado para semear o arroz foi uma semeadeira-adubadeira de 13 linhas, com enxadas rotativas para abrir os sulcos. Foi esse o início de um longo período de observações que culminou com o chamado plantio direto em arroz irrigado, também denominado

de plantio mínimo.

Paralelamente, o Instituto Riograndense do Arroz (IRGA) começava os testes. Brasil Aquino Pedroso pesquisava o espaçamento das linhas da semeadeira e Jorge Abbud fazia os testes preliminares com o herbicida Roundup, sobre dosagens e resíduos.

Com algumas adaptações se chegou a uma máquina especial para plantio de arroz, nesse sistema. A idéia inicial era plantar em restevas de arroz vários anos, campos nativos, ou aproveitar restevas de soja em rotação na mesma área destinada ao arroz. As restevas de arroz e campos nativos foram deixados de lado pelo problema da irregularidade do terreno. Concluiu-se, então, que o aplainamento é indispensável, e para isso se deve revolver o solo. Veio então a denominação de cultivo mínimo.

Agora sim, com um herbicida total adequado, uma máquina especial para o plantio e com bastante experiência, se pode dizer que se conseguiu desenvolver um sistema que poderá ajudar a controlar o arroz vermelho.

OPERAÇÕES

O método é bastante econômico. Cálculos feitos pelo diretor técnico da empresa Zart Condomínio Agropecuário garantem que se reduz em 40 por cento os custos, principalmente no que diz respeito a combustível e a utilização de máquinas.

O preparo do solo deve ser feito com antecedência de 60 dias ao plantio. Nesse espaço vai ocorrer a germinação de plantas invasoras, entre elas o arroz vermelho e o capim-arroz. Depois, faz-se uma aplicação de um herbicida de ação total. Imediatamente entra-se com uma semeadeira especial de plantio direto, que lança a semente e o adubo sem ocasionar revolvimento maior do solo. A máquina faz apenas um sulco no solo que já está compactado, pois esteve em descanso no mínimo por 60 dias.

Esse procedimento, sem mexer demais com a terra e, conseqüentemente, sem trazer para a superfície as sementes que estão em profundidade maior, não deverá oferecer condições de germinação às invasoras. Logo a seguir entra-se com a água, em cobertura total, impedindo o desenvolvimento desse tipo de inço.

As cinco operações básicas, que funcionam como uma espécie de fórmula para implantar o cultivo mínimo, são as seguintes: arado ou grade pesada (quando resteva), duas ou três gradagens niveladoras; aplainamento, arrastão e rolo compactador.

Outra vantagem destacada por Rogério Zart é a oportunidade de se entrar numa lavoura imediatamente após a chuva, o que não ocorre no plantio convencional. Este ano o preparo do solo está atrasado justamente em função da chuva, com o que cresce a importância do uso do

plantio direto, tanto para recuperar o tempo perdido quanto para controlar o arroz vermelho.



Rogério Zart

PARA O MILHO NÃO PIPOCAR,
USE A RECEITA CERTA.

Milho de fazer pipocas, em panela com gordura quente, salta logo, que não é bobo.

Milho plantado sem o adubo correto fica fraquinho, sem forças, esgota a terra e dá prejuízo.

Por isso, cuide bem do preparo da sua terra, antes de plantar.

Depois não adianta lamentar.

Milho, para dar aquelas espigas douradas, com grãos bem graúdos e saudáveis, precisa se alimentar com Adubos Ipiranga.

Isso porque Adubos Ipiranga tem a fórmula correta para ele ficar um verdadeiro Milho-nário.

Quando o adubo é colocado na terra, leva os nutrientes certos, na dosagem exata.

E tudo isso foi testado antes, em seus laboratórios, onde foram analisadas fórmulas e os diversos tipos de terra.

Depois disso, o resultado só pode ser um.

Um milharal altamente produtivo, com uma rentabilidade que vai encher o seu bolso e satisfazer sua vontade de produtor rural.

Lembre-se, a receita certa para a cultura do milho tem um nome: Adubos Ipiranga.



**ADUBOS
IPIRANGA**

Fórmula Brasil, garantindo produtividade.

Mais perto de quem consome

Até hoje muita gente ainda fica espantada com a fila de pessoas que se forma diariamente diante de um caminhão com uma tenda, em pleno centro de Porto Alegre. Ali, na rua Siqueira Campos, a Cotrijuí está consolidando mais uma experiência de venda direta ao consumidor, com dois produtos, a carne e o arroz. Essa experiência se iniciou em Dom Pedrito, com um caminhão que percorre os bairros vendendo carne de dianteiro, e se estende agora a Ijuí, tendo um detalhe importante: os preços populares bem abaixo dos praticados no mercado.

Em Porto Alegre, as vendas foram iniciadas no dia 10 de junho, na Siqueira Campos. No dia 21 de agosto, outro caminhão passou a vender carne e arroz em Canoas, ao lado da estação do Trensurb, na Vila Mathias Velho. E desde o dia 21 de setembro, um desses veículos atende também à população de Campo Bom, aos sábados. Na capital, a experiência já se estendeu a dois quartéis da Brigada Militar, em dois dias da semana, nos fins de tarde, e já se prevê a criação de novos pontos para Porto Alegre, com roteiro a ser ainda definido.

BEM VARIADO

Os caminhões de vendas em Porto Alegre e Canoas atendem de segunda a sexta-feira, e já formaram uma clientela bem variada. Ricardo André Otto, do setor de comercialização interna da Cotriexport, lembra que os consumidores pertencem às mais diversas faixas de renda. Assim, podem ser vistas nas filas, diante das tendas, donas de casa da área central, comerciários, operários e até mesmo funcionários engratados de bancos e repartições das proximidades.

Os caminhões oferecem carne de primeira e segunda, com ou sem osso, embalada em saquinhos plásticos, com cortes de em média um quilo. A carne sem osso, tanto de primeira como de segunda, é vendida a Cr\$ 10.500 o quilo; e os cortes com osso a Cr\$ 7.900. O arroz é do tipo 4, popular, da marca "Mais em

Conta", e custa Cr\$ 2.250 o quilo. Em média, os preços são 30 por cento mais baratos que os de mercado, e isso tem atraído um número cada vez maior de consumidores.

AUTO-FALANTE

O caminhão da Siqueira Campos vende em média por dia 700 quilos de carne e mil quilos de arroz. O outro, de Canoas, registra uma demanda de 400 a 500 quilos de carne diariamente, e 800 quilos de arroz. Em Campo Bom, no primeiro dia de funcionamento do ponto, 21 de setembro, foram vendidos, em apenas duas horas, 400 quilos de carne e 400 de arroz. Luiz Fernando Riff Moreira, coordenador de Comercialização da Cotriexport, lembra que a empolgação com a venda direta em Campo Bom chegou a fazer com que Prefeitura, que dá amplo apoio à iniciativa, utilize até um auto-falante que percorre a cidade convidando a população.

Além da Cotrijuí, outras quatro cooperativas participam da experiência, que faz parte da Campanha do Alimento Mais Barato, coordenada pelo Instituto Rio-Grandense de Carnes, com o apoio da Secretaria da Agricultura do Estado e Prefeituras. As cooperativas Santanense, de Santana do Livramento; Friva, de Vacaria; Cicade, de Bagé; e Languiru, de Languiru, também vendem diretamente ao consumidor, em outros pontos, definidos por sorteio.

OS DOIS LADOS

Luiz Fernando observa que o principal objetivo desse programa é o de oferecer produtos mais baratos à população. Dessa forma, são atendidos também os interesses das cooperativas e seus associados, pois abre-se a possibilidade de contar com uma faixa de consumidores hoje bastante retraídos no que se refere à compra de carne, em função de seu baixo poder aquisitivo. Outro aspecto importante é o de que a venda é feita diretamente e à vista, com retorno imediato de dinheiro.



Em Porto Alegre, são formadas longas filas diante do caminhão, em pleno centro. Segundo Luiz Fernando (foto ao lado), na safra o consumidor poderá comprar também carne de ovelha. Tanto carne como o arroz procedem da Regional da Cotrijuí em Dom Pedrito



DOM PEDRITO

Um açougue ambulante

A Regional da Cotrijuí em Dom Pedrito foi pioneira na venda de carne a preços populares, iniciando a comercialização de cortes de dianteiro no dia 4 de dezembro do ano passado. O produto, do próprio frigorífico da Cooperativa, é vendido em cortes embalados, com pesos que variam de 800 gramas a 1 quilo e 100 gramas, com ou sem osso. Um caminhão da Cotrijuí atende os consumidores próximo dos locais onde eles residem, na periferia da cidade.

O caminhão percorre os bairros São Gregório, Pró-Morar, Santuário Nossa Senhora de Fátima, Vila Cohab e Parque

de Exposições, de segunda a sexta. Cada bairro é visitado num dia da semana, e o volume vendido diariamente varia de 100 a 300 quilos de carne, dependendo do poder aquisitivo dos moradores. Geralmente, os consumidores aguardam em fila a chegada do caminhão.

Esta iniciativa da Regional, denominada de Feira da Economia, foi implantada com o apoio da Prefeitura, e é uma experiência consolidada. Assim, são atendidos os interesses de uma grande massa da população de baixa renda, e também os dos associados da Cooperativa. O caminhão que percorre os bairros é, na verdade, um açougue ambulante, utilizado com criatividade, num momento em que se acentua a redução no consumo de carne não só naquele município, mas em todo o país.

PLANO OFICIAL

Este e outros programas desenvolvidos pela Cotrijuí se antecipam a uma disposição do governo federal, de fazer com que os alimentos cheguem à população com preços menos proibitivos. No dia 11 de outubro, o ministro da Agricultura, Pedro Simon, lançou em Porto Alegre o Programa de Alimentação Popular, que beneficiará inicialmente quatro bairros da capital.

O governo irá aplicar Cr\$ 17 bilhões na aquisição de alimentos, em Porto Alegre, e a distribuição dos produtos será feita pela Cobal, com preços de até 25 por cento mais baixos que os de mercado. Serão vendidos arroz, açúcar, feijão, óleo de soja, farinha de trigo e de mandioca, ovos, macarrão e café. Varejistas da periferia serão credenciados, para que tenham esses alimentos em suas prateleiras, e obedecerão a uma tabela determinada pela Cobal.

O programa do governo será estendido também a outras cidades, utilizando recursos do Finsocial. A intenção é a de beneficiar especialmente a população de baixo poder aquisitivo, que vem reduzindo ano a ano o consumo de produtos básicos. Dentro da mesma ideia, serão beneficiadas, com um plano específico, as mães gestantes ou que estejam amamentando, e as crianças de famílias pobres, que já estejam frequentando a escola.

IJUÍ

A demanda surpreende

Em Ijuí, os preços populares da carne de dianteiro terminaram criando um desafio, com o surgimento de um impasse que tem muito mais de positivo do que negativo. A Cotrijuí não conseguiu manter o atendimento em dois postos de hortigranjeiros, por causa do excesso de demanda. O movimento foi tanto, que a Cooperativa teve de suspender as vendas nos mercadinhos da Rua Emílio Glitz, no Bairro São Geraldo, e da avenida Coronel Dico, por falta de carne de dianteiro. Com isso, dada prioridade ao mercado do entreposto de hortigranjeiros, na rua do Comércio.

Hélio Kettenhuber, gerente de vendas em Ijuí, conta que a venda de carne de dianteiro com preços mais baixos foi iniciada na metade de agosto, nos três postos de hortigranjeiros da Cotrijuí na cidade. As vendas eram feitas em determinados dias da semana, e atraíram um grande número de consumidores. Um exemplo do movimento pode ser dado pelo que aconteceu no último dia de atendimento no posto da Coronel Dico, quando não restou nada de 250 quilos de



Vendas em Ijuí foram concentradas no entreposto, por causa da grande procura

carne, em apenas uma hora e meia.

A carne é de segunda com osso, em embalagens de plástico com 1 quilo em média, e continua sendo vendida no entreposto central por Cr\$ 7.400. Este preço fica bem abaixo do normal, que é de Cr\$ 8.580. Atraídos por uma tabela mais acessível, os consumidores estavam comprando 200 quilos do produto, por dia, no mercadinho da Emílio Glitz, e outros 250 quilos no posto da Coronel Dico.

As vendas nesses dois pontos foram suspensas na primeira semana de outubro,

e ficaram concentradas no entreposto central, que tem 500 quilos de carne de dianteiro para vendas às quartas e quintas. Hélio Kettenhuber explica que o atendimento foi interrompido, nos outros postos, porque estava ocorrendo uma demanda maior de dianteiro do que de traseiro. Ele observa que é preciso haver um equilíbrio na venda de cortes de traseiro e dianteiro, para que a comercialização a preços populares se viabilize. Mas a Cotrijuí pretende voltar a atender as populações que se abastecem nesses pontos ainda este ano.

Dólar não é o único vilão

Culpa pelos problemas no mercado da soja não foi apenas da moeda americana

Argemiro Lufs Brum — Montpellier/França

O dólar esteve em baixa na Europa nos meses de julho e agosto passados. Esta poderia ter sido uma boa notícia para os produtores de soja do Brasil. Afinal, o dólar baixando significa melhores condições de compra por parte dos europeus. Entretanto, não podemos nos deixar dominar pela euforia desta notícia. Pelo menos por dois motivos.

Primeiro, porque nos últimos dois anos as tendências do dólar frente as moedas européias tiveram pouca influência no consumo do farelo de soja na Europa. Segundo, as dificuldades que atingem a agropecuária brasileira, guardadas as causas motivadas pela política interna posta em prática antes da chamada Nova República, fazem parte de uma crise mundial da agropecuária cujo ponto principal é o recuo dos mercados consumidores, aliado aos altos custos de produção.

O DOLÁR EM BAIXA

Depois de ter alcançado 10,61 francos e 3,28 marcos no final de fevereiro passado (níveis recordes nos últimos 20 anos), o dólar caiu em meados de agosto passado para 8,45 francos e 2,75 marcos. Isto significa uma queda de aproximadamente 20 e 18 por cento respectivamente no espaço de seis meses, chegando aos níveis mais baixos dos últimos treze meses (levando-se em conta o mês de agosto passado).

Esta queda do dólar poderá continuar até o final do ano ou mesmo por mais tempo? Ninguém pode prever, pois seu comportamento depende da política econômica dos Estados Unidos da América-EUA, que no momento não se apresenta bem de saúde. Tudo depende da retomada do crescimento industrial daquele país e de que forma este crescimento se dará. Se a retomada não ocorrer nos próximos meses, o dólar tende a cair mais.

Se a retomada ocorrer, mas com base na "fabricação interna de dinheiro" (aumento da massa monetária) o dólar poderá continuar a cair, pois as demais consequências deste gesto sobre a economia norte-americana poderão ser fatais a nível do mercado monetário mundial. Entre elas o provável aumento da inflação dos Estados Unidos. Mas se a retomada ocorrer com o aumento de incentivos, para atrair os dólares existentes nos outros países de economia forte do globo, como os europeus e o Japão, poderemos ver o dólar aumentar seu valor uma outra vez frente as moedas européias.

Pelo sim e pelo não, o fato é que pouca influência estas decisões deverão ter sobre o mercado de soja e de grãos em geral, ao contrário do que se diz e a lógica do mercado indica.

Quando o dólar esteve em alta se dizia que era um dos fortes motivos para a falta de vendas do mercado externo da soja. Simplesmente porque com o dólar forte o custo de um quilo de farelo de soja para o criador eu-

ropeu saíria mais caro. Não foi isto que ocorreu nestes últimos dois anos. Mesmo o dólar subindo, o preço do farelo de soja e dos alimentos concentrados dados aos animais aqui na França por exemplo, pagos pelos criadores, baixaram.

Hoje, com as quedas do dólar seria normal esperar um aumento na procura de farelo de soja e um conseqüente aumento de preços do produto no mercado internacional. Não parece ser este o caminho, ao menos para quem espera reações significativas.

O motivo é o mesmo para as duas situações. Está sobrando produto em um mercado sem muito dinheiro para comprar e com altos custos e dívidas para sustentar e saldar. Todos estão querendo vender e pouquíssimos comprando. Por trás, temos a crise mundial da agropecuária.

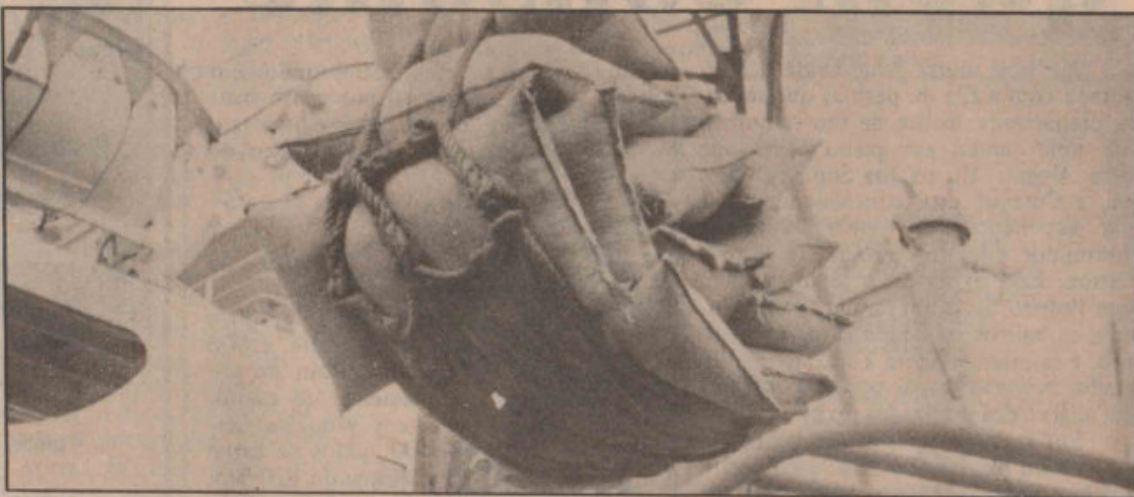
A baixo, uma análise da realidade agrícola de três países importantes para a soja brasileira a nível mundial, membros do seleto grupo dos 7 grandes do mundo ocidental.

A CRISE MUNDIAL DA AGROPECUÁRIA

Nos EUA, país exportador de soja, a dívida acumulada pelos agricultores chega a 213 bilhões de dólares. Isto representa metade da dívida externa brasileira e 2/3 da dívida externa de todos os países membros da América Latina. A situação se agrava para estes agricultores porque a terra baixa de valor e é com base em seu valor que são hipotecados os empréstimos às propriedades rurais. Além disso muitos produtores não estão conseguindo pagar seus empréstimos, indo a falência (leilando seus bens) e levando consigo alguns bancos. Entre 1981 e 1983, vinte bancos agrícolas (são aqueles que emprestam, no total de suas atividades, ao menos 17 por cento para o setor primário) entraram em falência. Em 1984 foram 32 bancos e somente entre janeiro e julho de 1985 mais 32 bancos encontraram a falência.

A situação é difícil, a tal ponto que a Commodity Credit Corporation (CCC), pela primeira vez nos seus 50 anos de existência, ultrapassou em 1 bilhão de dólares seu teto máximo de recursos para serem utilizados durante um ano, fixado pelo Tesouro dos EUA em 25 bilhões de dólares. Este organismo público é encarregado de administrar os créditos aos produtores e os estoques oficiais de alimentos.

Para agravar todo este quadro, a safra de milho, uma das principais e que está sendo computada, deverá chegar a 210 milhões de toneladas. A este respeito escreve uma fonte francesa (Le Monde já citado): "Aumentando uma oferta já abundante frente a uma demanda inalterada, estas toneladas suplementares vão pesar ainda mais sobre os preços já deprimidos e irão contribuir para escurecer as perspectivas já sombrias da agri-



Há oferta demais de alimentos, e mesmo a queda do dólar ajuda pouco quem quer vender

cultura norte-americana".

MUITO CALMOS

Na Alemanha Ocidental, consumidora de farelo de soja, o quadro não é diferente. Por um lado existe a baixa dos preços dos cereais entre 0,6 por cento e 0,8 por cento decidida pela Comunidade Econômica Européia-CEE no final do semestre passado. Se lembrarmos que a inflação anual neste país é da ordem de 2,5 por cento fica mais claro o impacto desta baixa nos preços dos cereais.

Por outro lado a própria qualidade da colheita não ajudou. Cerca de 25 por cento do trigo e da cevada não responderam aos critérios exigidos pelos organismos de intervenção da CEE.

Segundo um produtor, Sr. Wilmes, "a realidade é que o preço de mercado da cevada diminuiu de mais de 10 por cento em relação ao ano anterior". O preço caiu de 42 marcos para 38 marcos a tonelada. Em resumo, de uma receita de mil marcos por hectare no ano passado, a perda em função da baixa de preços neste ano é avaliada em 250 marcos por hectare, isto é, 25 por cento.

A este respeito diz um outro produtor alemão: "Eu estranho que os agricultores continuem calmos. Eles talvez não tenham se dado conta ainda da gravidade da baixa de renda que irão sofrer. Eles deverão reagir muito no final do ano, quando encontrarão sérias dificuldades para vender." Completando um terceiro: "Se o preço do porco cair teremos a revolução". Numa clara alusão que é no preço do porco que estão as últimas esperanças.

AS SAÍDAS

As soluções são buscadas em diversos sentidos. Por um lado, produzir cada vez mais o trigo de superior qualidade por ser de fácil comercialização, e encontrar novas saídas para os cereais. Por outro lado, destinar os cereais, como o trigo, aos animais (porco principalmente) diminuindo os custos com importações (caso do farelo de soja).

Dois testemunhos de produtores refletem bem a questão: — "Eu sempre investi em função de acreditar que havia um desenvolvimento com futuro. Eu não estou mais seguro de que podere-

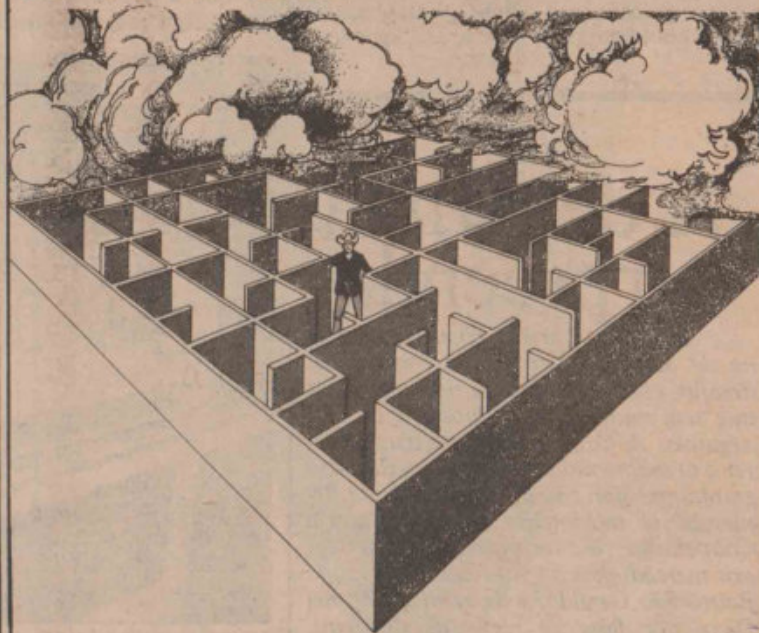
mos viver amanhã sobre uma propriedade rural como a minha. Assim, eu preferi investir meu dinheiro na educação de meus três filhos. Eu já consegui não condená-los ao trabalho rural. (...) A gente racionalizou muito no correr dos anos chegando a rendimentos difíceis de ultrapassar. Mesmo assim a crise bate na porta. É duro para um agricultor, que vem trazendo sua atividade desde 1947, pedir falência" (Sr. Georg Wilhem Althofer, 36 hectares)

Outro depoimento: — "A margem de benefício era da ordem de 15 por cento dois anos atrás. Hoje, ficamos contentes quando

alcançamos 8 por cento de margem. As propriedades melhor geradas e melhor equilibradas já não escapam mais. Estamos no ponto de ruptura e ganhar menos será crítico. Quando me aposentarem, dentro de dez anos, nenhuma das minhas três filhas seguirá o trabalho em tempo completo. Meu principal objetivo no momento é de não me endividar e não comprometer nosso capital" (Sr. Alfons Brüning, perto de Münster, 30 hectares).

Artigo elaborado com base em dados e entrevistas realizadas pelo jornal LE MONDE nos dias 18-19/08/85 pg. 15 e 20/08/85 pgs. 9, 10 e 18.

NÃO SE PERCA COM O PAPUÃ



ENCONTRE A SAÍDA CERTA COM DUAL

CIBA-GEIGY

088/06/85

Impasse está na oferta de alimentos

A crise de superoferta de cereais faz com que os produtores alemães de trigo e cevada busquem mais e mais saídas na criação de porco a fim de utilizarem seus cereais que sobram. O problema é que também o mercado do porco se encontra mais e mais saturado. E, como nos EUA, a nova característica da crise da agropecuária se faz presente: os preços da terra caíram pela metade nos últimos três anos.

Enfim, na França, outro país importador de farelo de soja, a situação não é diferente. Com os 150 milhões de toneladas de cereais colhidos em 1984 pela CEE (somente com trigo a CEE colheu 76,3 milhões de toneladas no ano passado, isto é, 28,5 por cento acima do total colhido em 1983) e um cálculo, ainda provisório, de que a colheita deste ano chegou a 140 milhões de toneladas, o mercado para os franceses está fechado.

A Champagne-Céréales, uma união de treze cooperativas, até meados de agosto passado não havia vendido nada, quando o normal nesta época do ano é ter comercializado entre 1/4 e 1/3 da colheita. Na região de "La Marne", segunda região cerealeira da França, de 7.000 propriedades, 200 estão em dificuldades não tendo dinheiro para pagar suas dívidas. Dívidas

estas que aumentaram entre 15 e 20 por cento, embora o recorde de produtividade em 1984: 7.800 kg/hectare de trigo nesta região, em média.

VENTOS FORTES

E, para 1985 os cálculos de alguns apontam para uma baixa renda em 23 por cento na média, embora um rendimento médio na cevada entre 6.000 e 8.500 kg/hectare e no trigo entre 6.000 e 8.000 kg/hectare. A questão é que os preços pagos, embora o ótimo rendimento, não compensam os investimentos feitos para a obtenção de tais rendimentos. Uma roda viva, que fez um agricultor francês assim se expressar: "Não estamos dentro de um temporal de ventos fracos. A crise vai durar muito tempo e talvez se agravar" (Sr. René Lebonvallet - Champagne - 120 hectares).

O fato é que o trigo deveria ser pago no mínimo a 140 francos o quintal (100 quilos) quando o mercado acena para um preço em torno de 100 francos.

Mas o mais surpreendente para os agricultores franceses é que os mecanismos da Política Agrícola Comum - PAC, mantida pela CEE, não estão funcionando para protegê-los. Em outras palavras, os modelos reguladores param de funcionar quando o mercado fica desregulado como

é o caso atualmente.

Frente a este completo quadro, algumas conclusões podem ser postas em evidência:

a) os produtores europeus deverão buscar alternativas para os cereais que estão sobrando. Por um lado substituindo áreas plantadas com cereais por oleaginosas (colza, girassol e soja) e proteaginosas (ervilha, fêverole, trevo e tremoço). Afinal a Comunidade é deficitária em oleaginosas. Por outro lado os cereais deverão ser mais utilizados como ração aos animais devendo ocupar um pouco mais o lugar das proteínas de origem das oleaginosas.

b) As propriedades que diversificam para o porco objetivam dar um destino aos seus cereais. A médio prazo estarão concorrendo com a produção de porco de tradicionais propriedades, as quais possuem uma estrutura alimentar baseada com mais intensidade nas proteínas da soja. Esta concorrência poderá fazer baixar o consumo destas proteínas nestas propriedades em função da conseqüente crise no mercado suíno pelo aumento da oferta.

c) Os produtores mais aplicados no plano técnico e financeiro deverão subsistir. De onde uma inevitável concentra-

ção de propriedades rurais motivadas pelo abandono das empresas menos rentáveis que não serão obrigatoriamente as mais pequenas.

d) Dentro deste rearranjo do quadro agrícola europeu em particular e do mundo ocidental em geral, as tendências para o mercado da soja se apresentam sombrias. Isto é, o mercado consumidor deverá continuar sem expansão significativa talvez por alguns anos ainda.

e) E, sendo honestos conosco mesmo, o resultado deste rearranjo poderá mostrar que o nível atual de expansão da soja no mercado consumidor europeu é o máximo e sua tendência é mesmo de regredir um pouco.

f) A briga das grandes potências produtoras de alimentos no mundo, EUA e CEE principalmente, pelo mercado consumidor será mais e mais ferrenha tanto ao nível do GATT (Acordo Geral sobre as Tarifas Aduaneiras e o Comércio) como a nível de decisões próprias de cada país como é o caso do projeto BICEPS aplicado este ano pelo EUA (2 bilhões de dólares em 3 anos para abrir mercado a seus produtos agrícolas com preços subsidiados). Possivelmente com grossos respingos que irão atingir a todo o mundo.

SÓ COBRA MATA SOZINHO AS PRINCIPAIS INVASORAS DE FOLHAS LARGAS DA SOJA. E FAZ VOCÊ GANHAR EM CHEIO.

Cobra é o novo pós-emergente seletivo para a cultura de soja. Moderno na formulação, e inédito em propriedades. Resultado da mais avançada pesquisa tecnológica em herbicidas nos EUA, Cobra foi descoberto e desenvolvido pela PPG Industries Inc. que, junto com a Hoechst, o aperfeiçoou no Brasil. Cobra tem um espectro de ação superior ao de qualquer outro herbicida. E veio resolver o que você queria: o controle simultâneo de diversas folhas largas com o custo de um só produto;

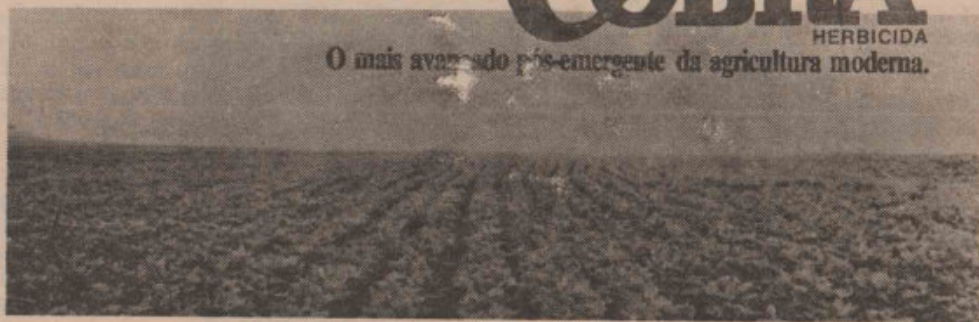
sem misturas.

E tem mais: aplicado até uma hora antes da chuva, não perde o efeito.

Mude para Cobra. A soja e o lucro aparecem bem mais depressa.

COBRA
HERBICIDA

O mais avançado pós-emergente da agricultura moderna.



Com a segurança

Hoechst



Um problema das cooperativas singulares

A participação política das cooperativas filiadas, o leite excessivo, a remuneração do produtor, o frete dois, a cooperação inter-cooperativas, os custos de plataformas, os problemas de produção, entre tantas outras questões, serviram de justificativas para que as cooperativas singulares, pertencentes a 5a. Região da CCGL - Cooperativa Central Gaúcha de Leite - trouxessem até Ijuí, o seu presidente, Frederico Dürr para discutir esses assuntos. A reunião aconteceu no final do mês de setembro, na Afucotri e contou com a participação, além da Cotrijuí, da Cotricampo, da Cotrimaio, Cotripal, Coopatrigo, de São Luiz Gonzaga, da Cotap, de Giruá, da Cooperativa Mista São Luiz, de Santa Rosa, da Cooperativa Mista de Santo Cristo, da Cotrirosa e da Cooperativa de Frederico Westphalen.

A reunião era uma reivindicação antiga das cooperativas filiadas da região e que vinha sendo adiada em função da disponibilidade de tempo do presidente Frederico Dürr. Ele falou sobre todas as questões levantadas e deixou claro que se existe

algum descontentamento em relação a atual forma de estrutura do poder da Central - formada pelo presidente, vice-presidente, cinco conselheiros administrativos e cinco conselheiros fiscais - é um problema a ser resolvido pelas próprias singulares. Para atender as reivindicações das singulares que querem a participação do produtor na Central, atuando ao lado do conselho, o presidente da CCGL reafirmou que é preciso que haja mudanças nos estatutos. E essas mudanças só podem acontecer se as próprias singulares se mobilizarem e se organizarem. "Qualquer mudança neste sentido tem que partir das cooperativas singulares e não da Central", disse por fim.

O LEITE COTA

Um outro assunto que ganhou preferência na pauta de discussão e até gerou discordância, foi a questão do leite excessivo. Frederico Dürr voltou a reafirmar que a aplicação do leite excessivo tem muito a ver com a concorrência das indústrias de fora que entram no Estado e vendem seus produtos por menores preços por terem custos mais baixos. Assegurou que esses dois anos, sem aplicação do leite ex-

cesso, custaram a CCGL mais de Cr\$ 3 bilhões. "O que realmente não é problema mais sério, pois a Central hoje está muito bem financeiramente. O problema maior para Dürr estaria com conquista e até manutenção do mercado para os produtos. "Se o queijo de Minas Gerais está sendo vendido em Porto Alegre, é porque as indústrias mineiras têm uma folga de Cr\$ 3.000 para vender seu produto aqui no Estado.

Com relação ao produtor, Frederico Dürr garantiu que a Central tem estado sempre ao seu lado "pois sem ele a CCGL não existiria", e a aplicação do leite excessivo tem como finalidade premiar aquele produtor efetivo, que produz leite tanto no verão como no inverno. "Nós temos uma estrutura que foi montada com muito sacrifício e que não pode ser colocada em risco". O que o produtor precisa, na verdade, segundo o presidente da CCGL é de uma política definida para o setor, de melhores pre-

ços e isso ele tem que reivindicar junto ao governo. "Até acho que a Central tem ajudado muito o produtor, pois só no ano passado, com a não aplicação do leite excessivo, ele ganhou Cr\$ 32,70 a mais por litro. Considero isso uma remuneração ao produtor".

DISTANCIAMENTO

No final da reunião as cooperativas filiadas concordaram que o produtor continua muito distanciado da Central e que a sua reaproximação vai depender de um trabalho de base. Está nas mãos das cooperativas singulares a organização dos produtores em associações, a discussão dos problemas comuns e o encaminhamento das questões até a Central. Para a próxima reunião, marcada para o dia 10 de dezembro, também em Ijuí, já ficou acertado que as cooperativas singulares da região, deverão trazer, além do técnico responsável pelo setor de leite, alguns produtores.



Todas as cooperativas singulares da região participaram da reunião



Frederico Dürr

Também nesse meio tempo, cada uma das singulares deverá ter formado o seu conselho de produtores de leite, com a finalidade, de num segundo momento, formar um Conselho para participar diretamente da Central.

Pacto comercial

A formação de um pacto comercial entre a Cooperativa Central Gaúcha de Horigranjeiros, a CCGH, e as suas cooperativas singulares, foi o assunto principal da reunião realizada em Ijuí, no mesmo dia do encontro da CCGL e suas filiadas da região. Além do estabelecimento do pacto comercial, da formação de um "pool" para a comercialização do alho, as cooperativas filiadas fizeram uma avaliação do trabalho que a CCGH vem realizando. Esse tipo de reunião, segundo o presidente da CCGH, Hermes Antônio Bitencourt, deverá acontecer a cada dois meses. A próxima reunião está marcada para dezembro. O local deverá ser novamente Ijuí, pois as cooperativas filiadas querem aproveitar a época da colheita do alho na região e fazer um reconhecimento da produção, já que além da Cotrijuí, uma ou outra cooperativa apenas lida com o produto.

Participaram da reunião, além da Cotrijuí, a Cotrimaio, de Três de Maio, a Cotrijuc, de Júlio de Castilhos, a Copibi, de Ibraiáras, a Coopel, de Nova Petrópolis, a Coopatrigo, de São Luiz Gonzaga, a Cotripal de Panambi, a Caprol de Rolante e a Ocergs - Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul.

O PACTO

O pacto comercial estabeleceu uma fidelidade comercial entre a Central e as suas filiadas.



Cooperativas avaliam desempenho da CCGH

De agora em diante, produtos como a maçã, o tomate, batata, cebola, banana, ovos e produtos industrializados como o vinho e a schimier, serão comercializados somente através da Central. "Esse procedimento, explica o presidente, além de aumentar o resultado da Central, favorece as próprias filiadas, pois comercializando de forma conjunta, o poder de barganha é sempre maior".

Outra proposta trazida pela Central e aprovada pelas singulares dizia respeito a formação de um "pool" para a comercialização do alho. A partir desse "pool", as cooperativas não mais precisarão sair, cada uma pelo seu lado, a procura de compradores de alho em São Paulo ou no Rio de Janeiro. Toda a produção deverá ser entregue a Central que se responsabilizará pela

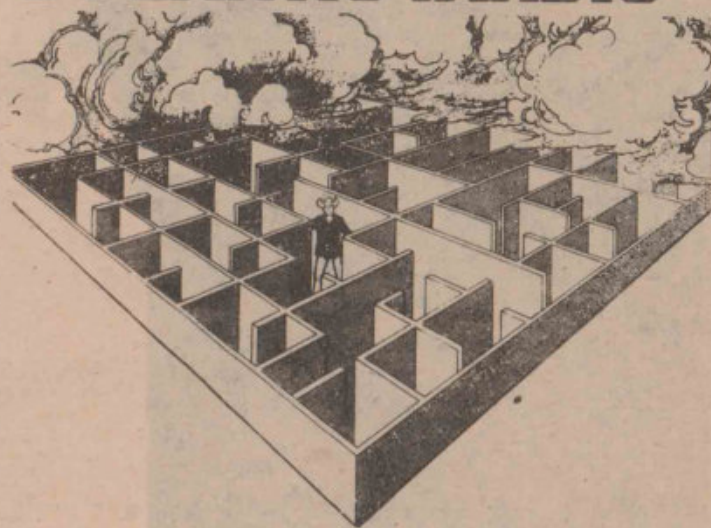
sua comercialização.

Também entrou em pauta de discussão a questão da industrialização do alho e da laranja, assunto que deverá ser melhor aprofundando na próxima reunião.

SACOLÕES

A Central de Horigranjeiros, está procurando locais adequados na grande Porto Alegre para a colocação dos chamados "sacolões". Além de carne bovina, e suína - a intenção é colocar à venda também produtos hortigranjeiros, embutidos e cereais. Pelo projeto a CCGH pretende instalar uns quatro sacolões em Porto Alegre que viria somar-se aos dois já existentes em Santa Maria. "Com esses sacolões, diz o Hermes Bitencourt, a nossa intenção é chegar ao consumidor sem a figura do intermediário".

NÃO SE PERCA COM O PLANTIO TARDIO



ENCONTRE A SAÍDA CERTA COM DUAL

CIBA-GEIGY

09/06/85

Presença na Expo-Ijuí

A Cotrijuí também esteve presente na maior exposição-feira realizada em Ijuí. A II Expo-Ijuí, inaugurada dia 12 de outubro no Parque Municipal Assis Brasil, e que se estenderá até o dia 20, teve dois estandes da Cooperativa, para divulgação de seus projetos (piscicultura, fruticultura, sementes e outros) e produtos e serviços de suas subsidiárias. Em outros estandes, junto ao setor de artesanatos, associados da Cotrijuí expuseram e comercializaram produtos coloniais. A mostra foi organizada pelo Associação Comercial e Industrial e Prefeitura, com o apoio de várias entidades, e reuniu cerca de 200 expositores da região, dentro da idéia da Retomada do Desenvolvimento.



O presidente Oswaldo Meotti no estande da Cotridata

Inaugurado o Hipermercado

Agilidade no atendimento, conforto aos clientes, maior número de itens a disposição dos consumidores e melhor preço em função de um maior número de promoções. Estas são algumas das vantagens citadas por Orlando Romeu Etgeon, diretor da Área de Compras e Abastecimento da Região Pioneira, com a instalação do Hipermercado Cotrijuí, inaugurado dia 14 de outubro.

A implantação do Hipermercado não é uma idéia nova, diz Romeu, acrescentando que nos grandes centros, e mesmo na região, já existem iniciativas do gênero, muito bem aceitas pelos consumidores, justamente pelas vantagens que oferecem. Há algum tempo que já se pensava em transformar o supermercado e a loja num grande hipermercado. O momento, agora, se tornou oportuno para atender esta necessidade dos consumidores, pois Ijuí vive hoje o grande esforço pela Retomada do Desenvolvimento, no qual se busca também atender as necessidades da comunidade.

Com quase 3 mil metros quadrados de área, resultante do aproveitamento da mesma área física do supermercado e loja, o Hipermercado Cotrijuí oferece um novo conceito em atendimento: o auto-serviço, ou seja, o próprio cliente escolhe as mercadorias e vai direto ao caixa, evitando a perda de tempo com o preenchimento de notas. Com isso, os funcionários terão mais tempo para orientar os clientes em suas compras, inclusive no magazine, que passa a ser um departamento do supermercado.

Os clientes terão, além desta vantagem, maior espaço para deslocamento no Hipermercado, que também oferecerá um maior número de artigos, desde alimentícios até de vestuário. Os horticultores terão lugar de destaque no Hipermercado, com o



Hipermercado tem 3 mil metros quadrados de área

que a cooperativa cumpre com sua função de comercializar a produção de seus associados. A inauguração teve as presenças do prefeito Wanderley Burmann e do presidente da Expo-Ijuí, Ortiz Schroer, que cortaram a fita juntamente com o vice-presidente da Pioneira, Celso Sperotto,

e o associado Oscar Hoerle, de Augusto Pestana. Outras autoridades, dirigentes da Cotrijuí e associados prestigiaram a solenidade, que teve pronunciamentos do gerente da unidade de Ijuí, Zeno Foletto, do diretor de Compras, e do representante Santo Desordi.

Os visitantes do Pará



A comitiva visitante foi recebida pela direção da Cotrijuí

"A Cotrijuí tem realmente uma seriedade muito grande na aplicação dos princípios que norteiam o cooperativismo", afirmou Ronaldo Barata, diretor do Incra no Pará, durante sua visita a Ijuí, no princípio do mês de outubro. Ronaldo Barata veio a Ijuí acompanhado por Artêmio Corso, assessor da presidência da Cotrijuí na Região Amazônica, por José Ferreira Cavalcanti, agricultor em Uruará no Pará, por Pedro Camilo Sita, sub-prefeito de Uruará, por Antônio Lazzarino, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uruará e por Paulo Sérgio Botelho Soares, representante do Secretário da Agricultura do Pará.

Além dos escritórios da Cotrijuí, em Ijuí e do Centro de Treinamento, em Augusto Pestana, a comitiva também visitou a Regional de Dom Pedrito, o Terminal Graneleiro, em Rio Grande e o escritório da administra-

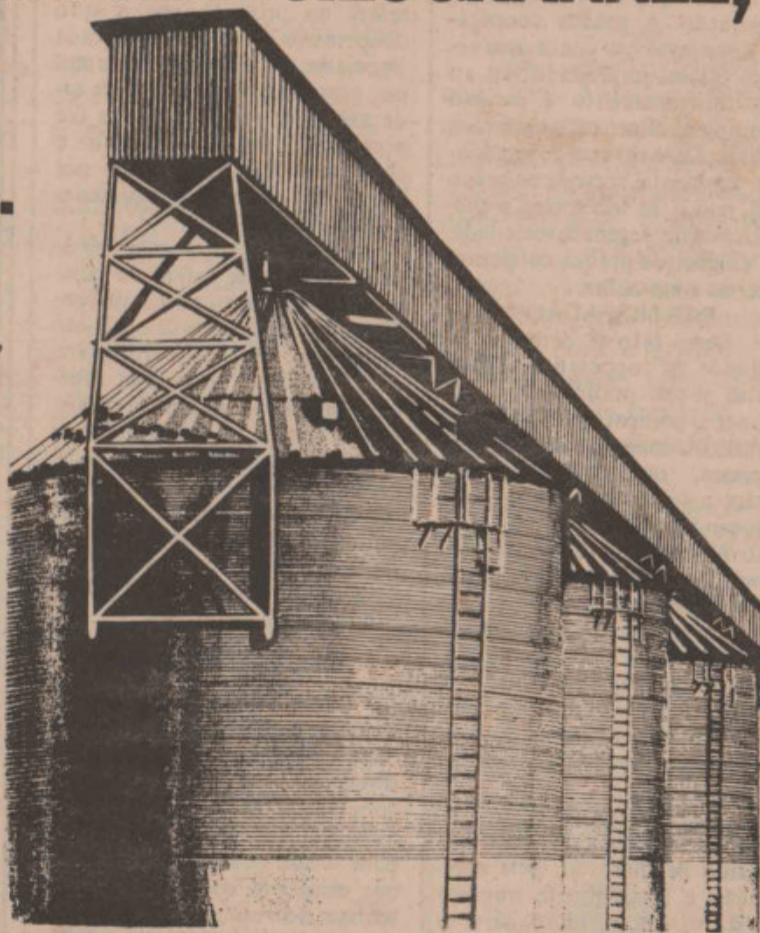
ção central, em Porto Alegre.

A visita, segundo Ronaldo Barata, superou as expectativas. Ele lembrou das experiências negativas com cooperativas no Pará, "quase todas criadas de cima para baixo e com envolvimento partidários". Disse ter certeza de que seria de grande valia para a região amazônica uma experiência semelhante a que a Cotrijuí vem realizando aqui no sul, "evidentemente que com outras características e peculiaridades, já que são duas regiões completamente diferentes".

Para Paulo Soares, a Cotrijuí, com toda a sua estrutura, poderia contribuir para que a região amazônica tivesse um desenvolvimento mais rápido. "Esta é, inclusive, a expectativa do Secretário da Agricultura do Pará. O nosso produtor tem sofrido demais nas mãos do intermediário", disse por fim.

O BOM PRODUTOR ESCOLHE SILOGRANNEL, O SILO GARANTIDO PELO GRUPO SOMA.

Todo bom produtor sabe que para garantir sua safra e seus lucros durante o ano todo é preciso ter um bom silo. Para ser mais correto, um Silogrannel, que além de armazenar sua safra com toda segurança, conta agora com a garantia de ter uma empresa como a SOMA por trás. Com Silogrannel e a SOMA, você e a sua safra podem ficar tranquilos o ano todo. Porque aqui o seu lucro está bem guardado.



NOSSO AMIGUINHO

Aproximadamente 3 mil crianças têm assinatura da revista *Nosso Amiguinho* no Brasil. Faça você também uma assinatura para seu filho, entrando em contato com o representante em Ijuí, no seguinte endereço: Rua São Paulo, 175, fone: 332-3634, ou pela caixa postal 8.



SILOGRANNEL

Indústria e Comércio de Silos e Implementos Agrícolas Ltda.

Representante:
Rio Grande do Sul: REAGRO - Av. Protásio Alves, 2959 - Conj. 203
CEP 90000 - Telex: (051) 3028 - Tel.: (0512) 34-2733 - Porto Alegre.

Uma empresa do Grupo



As condições de estabilidade da organização cooperativa

A série de textos publicados até o momento teve a intenção de permitir chegar a algumas conclusões a respeito do cooperativismo como sendo um movimento social.

Walter Frantz

O cooperativismo é um movimento social ligado às dificuldades que as pessoas encontram no processo social de produção e distribuição das riquezas, necessárias à vida do homem. Uma cooperativa nesse processo aparece, teoricamente, como uma unidade social, intencionalmente estruturada, com o propósito de alcançar objetivos específicos dos cooperados. No caso da prática dos produtores rurais em uma economia de mercado, esses objetivos específicos estão diretamente ligados às necessidades econômicas e sociais de cada produtor, isto é, de cada unidade econômica cooperada. Por isso, é de fundamental importância na prática cooperativa que as atividades da empresa comum sejam determinadas e moldadas, antes de mais nada, pelas necessidades das unidades econômicas associadas. Isso permite concluir que uma cooperativa nada mais é do que "parte integral ou extensão" dessas economias individuais, instrumento através do qual cada associado busca realizar com maior eficiência os seus objetivos.

Entretanto, o simples fato de organizar uma empresa comum, moldada pelas atividades e necessidades de seus associados, não resolve por si só os problemas e nem realiza os objetivos específicos que motivam para a cooperação. A prática cooperativa deve levar em conta uma série de fatores imprescindíveis ao bom funcionamento e sucesso do empreendimento econômico comum. Deve ser levado em conta o ambiente sócio-econômico geral, isto é, as leis sociais e econômicas que regem a sociedade, que exigem da prática cooperativa certas adaptações.

PARTICIPAÇÃO

Desse fato se deriva a necessidade da cooperativa adotar, muitas vezes, práticas de administração, compartilhando (competindo) o mercado com outras empresas, que mais parecem afastar a gestão dos negócios do empreendimento comum do controle e da participação dos associados. Para se contrapor a essa tendência, oriunda das condições gerais do sistema econômico vigente, a prática cooperativa deve vir respaldada por uma estrutura de poder que contemple a efetiva participação do quadro social na gestão dos negócios cooperativos.

Em se tratando de um sistema econômico regido pelo mecanismo de mercado, pela competição e consequente otimização da margem de lucro, parte-se do princípio de que os indivi-

duos atuam sempre da melhor maneira possível frente às circunstâncias dadas, optando pela alternativa de maior índice de utilidade. Assim, os indivíduos, do ponto de vista econômico, tomam uma decisão a favor da cooperação somente quando esta lhe oferece a possibilidade de maior satisfação de suas necessidades, comparada a ação cooperativa com outras alternativas de ação. Segundo a teoria econômica de cooperação, apoiada nesse modelo de comportamento, a busca individual de benefícios, entretanto, não exclui a formação de cooperativas. Porém, a subsistência a longo prazo da empresa cooperativa em uma economia de mercado, segundo Rolf Eschenburg, depende de algumas condições básicas que precisam ser satisfeitas, tais como: produtividade, eficiência, capacidade de equilíbrio e estabilidade.

RESULTADO

A condição de produtividade se refere ao desempenho e êxito da cooperativa como empresa no mercado. Este requisito estará cumprido quando o resultado da cooperação econômica for tão grande que pelo menos as expectativas mínimas de todos os associados com relação à cooperativa estejam cumpridas. A produtividade é condição indispensável para a eficiência que se refere ao proveito que a ação cooperativa deve ter para cada associado. A eficiência se cumpre quando a participação de cada associado na cooperativa for proveitosa, isto é, quando o abandono da cooperativa por parte do associado representa desvantagem.

A condição da capacidade de equilíbrio se refere ao cumprimento, a longo prazo, da condição de eficiência sob o aspecto de justiça. Isto é, a curto prazo cada associado pode estar satisfeito com as vantagens da cooperação. Porém, a longo prazo, a satisfação de cada associado depende da distribuição justa dos benefícios, ou seja, a posição de um associado não pode ser mais vantajosa que a de outros. Não pode haver discriminação na distribuição dos benefícios.

INDISPENSÁVEIS

Para Eschenburg a produtividade, a eficiência e a capacidade de equilíbrio são indispensáveis para a subsistência da cooperação dos indivíduos econômicos, mas não são suficientes para a sua estabilidade. Mesmo que essas três condições básicas tenham sido cumpridas, pode parecer mais atraente às economias

individuais não participarem da cooperação ou deixá-la. Isso é possível sempre que a cooperação gera um bem público, permitindo aos não participantes usufruírem das vantagens da cooperação. A condição de estabilidade somente se cumpre quando a cooperação dispõe de uma capacidade de coordenação suficientemente grande para anular a vantagem da posição de não participante. A cooperativa precisa oferecer uma atração, uma vantagem especial à economia individual associada, além do

bem público. Essa vantagem pode ser oferecida em termos de prestação de serviços, exclusivamente para associados.

Porém para a condição de estabilidade, ao nosso ver, além dos aspectos econômicos, tomam importância também aspectos culturais. É verdade que os aspectos econômicos são fundamentais para a estabilidade da cooperativa, a longo prazo, mas a compreensão clara do que significa o ato cooperativo, em termos políticos, adquire grande importância, principalmente

para os pequenos produtores. Estes precisam compreender que o seu poder de força depende mais da ação grupal do que individual. Pertencer a uma cooperativa pode ser tão importante do ponto de vista político, quanto econômico. A compreensão destes aspectos é também fundamental para a condição de estabilidade da organização cooperativa.

● Walter Frantz é assessor de Comunicação e Educação e de Desenvolvimento em Recursos Humanos na Região Pioneira da Cotrijuf.



O poder de força do associado depende de ações grupais

Aqui está um modo de proteger suas sementes.

Aqui está o modo mais fácil.

TECTO ajuda a proteger as sementes, revestindo-as com uma camada fungicida, formando uma barreira protetora contra os mais importantes fungos patogênicos da semente e do solo. TECTO por ser sistêmico, é absorvido durante a germinação e passa a atuar com ação curativa dentro da plântula, durante os estágios críticos de crescimento. TECTO oferece a você um tratamento de sementes confiável e fácil de fazer, por ser um produto seguro e eficaz, com formulações estáveis, não corrosivas e sim compatíveis com todas as máquinas de tratamento de sementes e equipamentos de plantio. TECTO é um dos meios mais importantes com que se conta atualmente para que o seu investimento inicial em sementes e outros insumos, esteja assegurado.

TECTO
a proteção necessária.

MSD-AGVET
DIVISÃO DE MERCK, SHARP & DOHME
Química e Farmacêutica Ltda.

AC 14/84

Marca Registrada

IBIA-TT-32/84

LAVOURA DO MÊS

Os produtores de alho devem ficar atentos, pois a ocorrência de moléstias ainda pode afetar seriamente a safra deste ano.



CEBOLA

As lavouras de cebola implantadas no cedo estão com desenvolvimento muito bom, não tendo ocorrido ataque de doenças ou pragas. As lavouras implantadas mais no tarde não tiveram condições climáticas muito favoráveis, desenvolvendo-se em períodos de falta de chuvas, seguido de longos períodos chuvosos, dificultando muito o bom desenvolvimento das plantas.



BATATA

As lavouras de batata

no geral estão boas, sendo que a diminuição das chuvas têm favorecido a sanidade das plantas. Em relação as pragas, principalmente a Diabrotica (patriotinha), a situação é mais difícil, pois em consequência do pouco frio no inverno, o nível populacional do inseto se manteve alto, atacando significativamente as plantas de maior desenvolvimento na primavera. A medida que mais plantas de outras espécies se desenvolverem nas lavouras, o seu efeito fica mais diluído, com menores prejuízos às plantações. Acredita-se que os produtores que se dedicaram à cultura da batata nesta safra, poderão ter excelente retorno financeiro, pelas tendências de mercado até agora conhecidas.



HORTALIÇAS DIVERSAS

As hortas caseiras e as comerciais estão muito boas, sendo que nesta época tradicionalmente se registra o maior volume de produ-

ção. As temperaturas mais baixas verificadas no início de outubro prejudicaram algumas espécies, como: tomate, pepino, melancia, vagem, retardando o seu desenvolvimento.

As hortaliças folhosas no geral estão com ótima situação de produção. Este período é de difícil comercialização de hortaliças em consequência da alta produção geral das plantas de horta.



LENTILHA

As lavouras de lentilha se desenvolveram bem até esta data, prevendo-se boa perspectiva de produtividade. Em algumas lavouras observou-se ataque de doenças da folha, prejudicando seriamente o seu potencial produtivo, mas conforme o citado, a maior parte das lavouras está bem.

A nível de CTC, as cultivares precoces, ao contrário do que ocorria nos anos anteriores, não tiveram bom

desenvolvimento neste ano, apresentando muito baixa produtividade.



FRUTÍFERAS

A perspectiva de produção de frutas de verão como pêssego, ameixa, pera, uva, maçã, é muito animadora pela excelente florada e fixação de frutos. Os pêssegos precoces já estão iniciando a fase de colheita, com boa qualidade. O uso de práticas para controle da mosca das frutas a partir deste período é fundamental, sendo que a armadilha caça-moscas e o uso de iscas tóxicas têm revelado boa eficiência.

Em relação a videira, é importante manter o esquema de tratamento de acordo com orientação do Departamento Agrotécnico.

TOMATE

As áreas cultivadas com tomate estão com bom desenvolvimento, sendo que o período com poucas chu-



vas não deram condições ao surgimento de doenças. Os dias frios do início de outubro terão algum efeito sobre as plantas, mas as consequências ainda não podem ser perfeitamente avaliadas.

Recomenda-se uma vez mais o uso de calda bordaleza assim que o tempo for úmido e quente, pois com esta prática simples se consegue controlar um grande número de doenças.



ALHO

As áreas cultivadas com alho Amarante e Gaúcho já estão colhidos e em pleno processo de cura a galpão, apresentando qualidade razoável. O alho Portela está com bom desenvolvimento, sendo que muitos associados têm efetuado tratamento contra ferrugem da folha, obtendo bom efeito no controle da moléstia.

Os produtores deverão continuar atentos, pois a ocorrência de moléstias a partir desta data poderá ainda afetar seriamente a produção. O mercado do alho parece ser muito favorável, estimando um bom retorno financeiro aos produtores.

QUADRO DE ÉPOCAS DE SEMEADURA/VARIEDADES/ÁREA

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Repolho			12 m2 Coração de Boi e Matzukase				12 m2 Matzukase Chumbinho				12 m2 Matzukase Chumbinho	
Couve			12 m2 Manteiga				12 m2 Manteiga					
Rabanete	4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho	
Rúcula	6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada		
Cenoura			18 m2 Nantes						18 m2 Kuroda			
Alface	12 m2 Kagraner e Maravilha verão		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Kagraner e Maravilha verão		12 m2 Kagraner e Maravilha verão	
Beterraba			18 m2 Tail Top						18 m2 Tail Top			
Tomate	50 plantas Yokota							50 plantas Kada, P. Gig.				
Pepino	50 plantas Wisconsin							50 plantas Wisconsin			50 plantas Ginco	
Cebola			2.000 plantas Baia Periforme	2.000 plantas Baia Periforme								

COLHEITA DO MÊS: (para quem segue as sugestões do plantio do quadro acima): Rúcula, Couve, Alface, Rabanete, Repolho, Pepino, Cebola

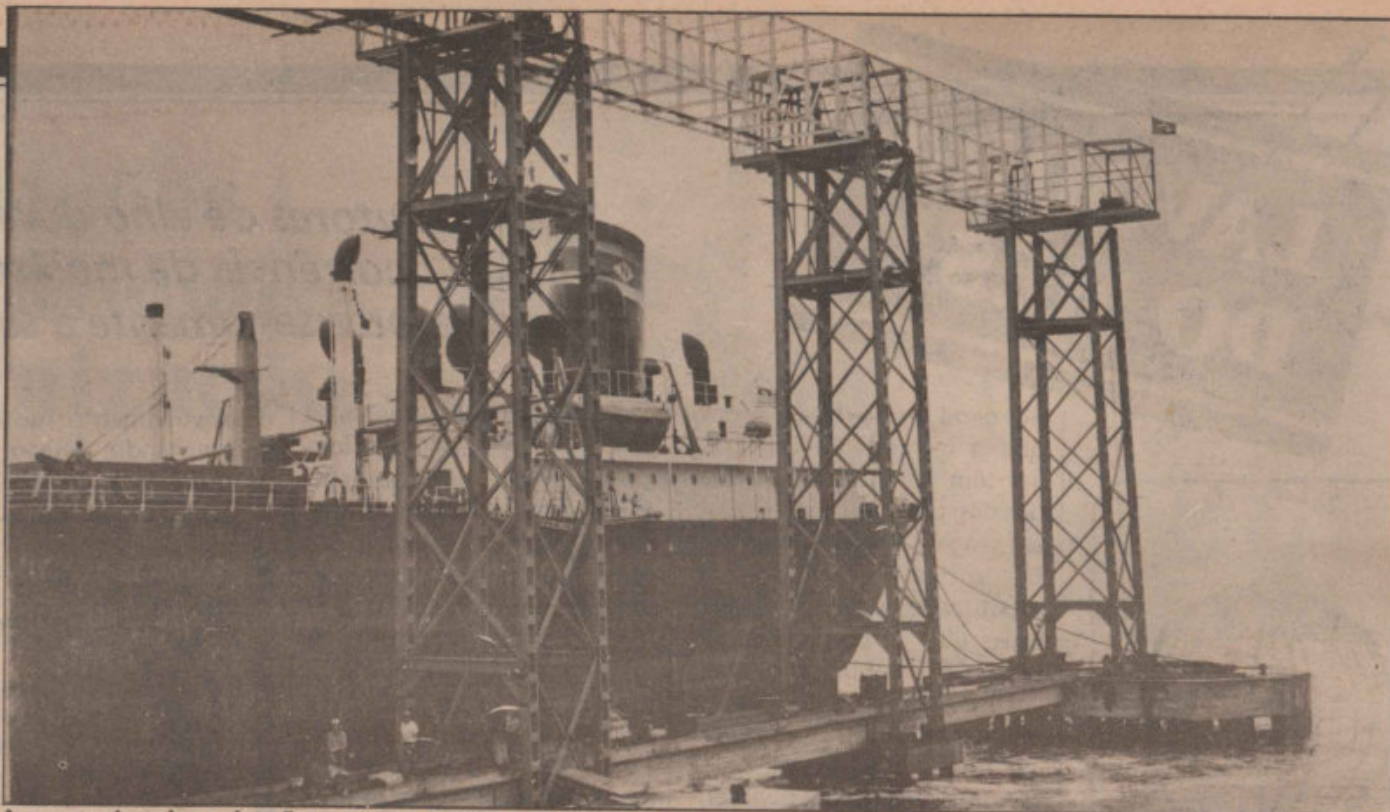
Compre sementes de acordo com a área e o número de plantas que desejar cultivar



COTRIJUI

COTRIJUI

O Terminal Graneleiro Luiz Fogliatto movimentou, até o final de setembro, 37 por cento da soja e do farelo escoados por Rio Grande. Foram embarcadas 1 milhão e 201 mil toneladas de produtos



Aumento do volume de grãos para exportação contribuiu para o bom movimento deste ano em Rio Grande

Terminal mostra serviço

O Terminal volta agora a ser assunto, enquanto não se definem as gestões junto ao governo federal, para que a Portobras venha a assumir este serviço prestado com pioneirismo pela Cooperativa desde 1971. Desta vez, o porto é notícia pelo excepcional desempenho que registrou este ano, no escoamento de grãos, com dados que revelam um bom movimento físico.

Mesmo que o ano não tenha ainda chegado ao seu final, o movimento no Terminal já pode ser avaliado, pois o forte do escoamento de grãos se registra entre maio e agosto. É neste período que acontece o pique do recebimento e expedição da soja em grão e farelo, como observa Bolivar de Souza Lima, gerente do Terminal. A partir de agora, ele irá lidar com outros produtos, como o trigo e o milho, destinados a outros pontos do mercado interno, e que devem participar, até o fim do ano, com cerca de 15 por cento do movimento total, em termos de tonelagem. Também será exportado, a partir de setembro, farelo especial, com alto teor de proteína.

Conforme dados apurados até 24 de setembro, a Cotrijuí havia exportado 857 mil e 369 toneladas de soja (grãos), incluindo-se aí produtos de terceiros escoados pelo Terminal. A participação do farelo de soja foi de 344 mil e 087 toneladas. No total (grãos e farelo), a Cooperativa exportou 1 milhão 201 mil e 456 toneladas, participando com 37,1 por cento do movimento total dos terminais de Rio Grande, onde existem o terminal pertencente ao governo, e administrado pelo Deprec, e outros de empresas particulares.

75% DO TOTAL

A participação do Terminal Luiz Fogliatto, no escoamento da soja em grão, foi de 75,5 por cento do total, e na exportação do farelo, de 16,4 por cento. O volume de grãos exportado por todos os terminais chegou, até 24 de setembro, a 1 milhão 136 mil e 428 toneladas, e o de farelo a 2 milhões 103 mil e 139 toneladas, totalizando, com os dois produtos, 3 milhões 239 mil e 567 toneladas.

A Cotrijuí detém o maior volume de grãos exportados porque o Terminal de Trigo e Soja, da



Bolivar Lima

Portobras, recebe apenas farelo, e a participação dos demais portos é pequena. A Cooperativa teria, de qualquer forma, condições para escoar também uma maior quantidade de farelo, mas a prioridade, neste caso, é dada ao terminal do governo. A distribuição do produto para exportação é feita pelo Deprec (Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais), e o Terminal Luiz Fogliatto apenas recebe farelo quando o porto federal está sobrecarregado.

MAIS GRÃOS

O Terminal da Cooperativa (veja no quadro abaixo) tem estrutura para ampliar sua participação no escoamento da soja e de outros produtos para mercado interno, como ressalta Bolivar. "O exportador — diz ele — quer segurança no embarque do produto, e isso nós sempre oferecemos, cuidando ainda de todas as questões burocráticas, como o desembaraço de papéis. O exportador manda apenas o produto e a guia de exportação, e o resto a Cotrijuí faz".

Bolivar lembra que o grande volume de grãos exportado este ano fez com que, no geral, o movimento de 1985 superasse

em cerca de 30 por cento o registrado no ano passado. A exportação de grãos se mostrou mais atraente para o exportador, diante dos altos custos da industrialização, que até bem pouco tempo fazia com que a venda de óleo fosse mais vantajosa. Essa tendência talvez venha a ser mantida nos próximos anos, com benefícios para os serviços prestados pela Cotrijuí através do seu Terminal.

BENEFÍCIO SOCIAL

Esse bom movimento e as medidas adotadas para racionalizar custos vêm fazendo com que o Terminal, através de sua receita, contribua para a redução do endividamento da Cotrijuí, como já foi observado pelo presidente da Cooperativa, Oswaldo Meotti (veja edição do Cotrijournal de agosto). "Mas a performance do Terminal deve ser avaliada muito mais pelo seu aspecto social", lembra o próprio Meotti, ressaltando que um desempenho excepcional, como o deste ano, não se mede apenas por cifras.

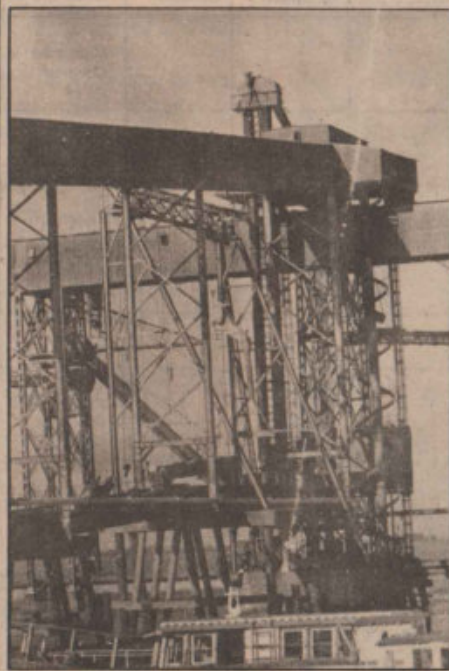
O presidente da Cotrijuí cita um exemplo dos benefícios indiretos dessa infra-estrutura que a Cooperativa mantém em Rio Grande, lembrando que a

Cotrijuí tem obtido créditos de alguns importadores em decorrência de dois fatores fundamentais. O primeiro deles é o fato de contar com um corpo associativo atuante, que entregou este ano 865 mil toneladas de produtos, sem considerar ainda o volume da safra de inverno no Rio Grande do Sul.

O segundo fator, decisivo para a obtenção de créditos repassados ao quadro social, é a existência da infra-estrutura para escoamento de grãos, representada pelo Terminal. Meotti ressalta que este serviço não deixou de ser eficiente nem mesmo quando o Terminal Luiz Fogliatto se viu na obrigação de suprir parte do escoamento de produtos de atribuição do terminal administrado pelo Deprec.

Bolivar Lima, por sua vez, salienta que o Terminal Luiz Fogliatto deve assim ter reconhecida não só sua importância estratégica, mas também sua participação na formação da imagem da Cotrijuí. Ele esteve recentemente na Europa, e constatou que a Cooperativa é lembrada fora do país, entre outros motivos, pelo fato de possuir um terminal próprio.

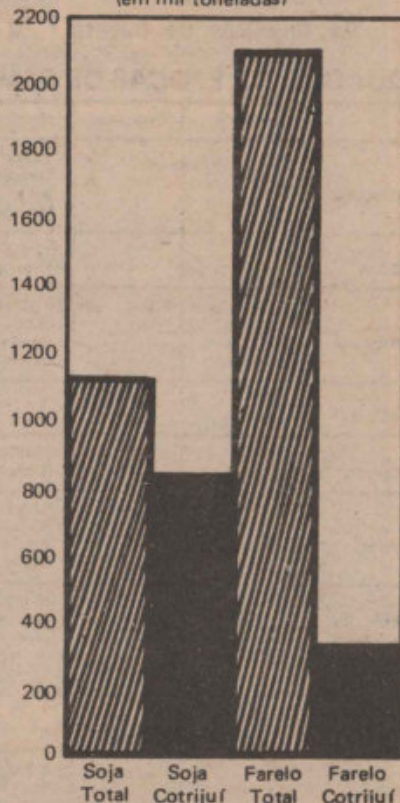
Completando 14 anos

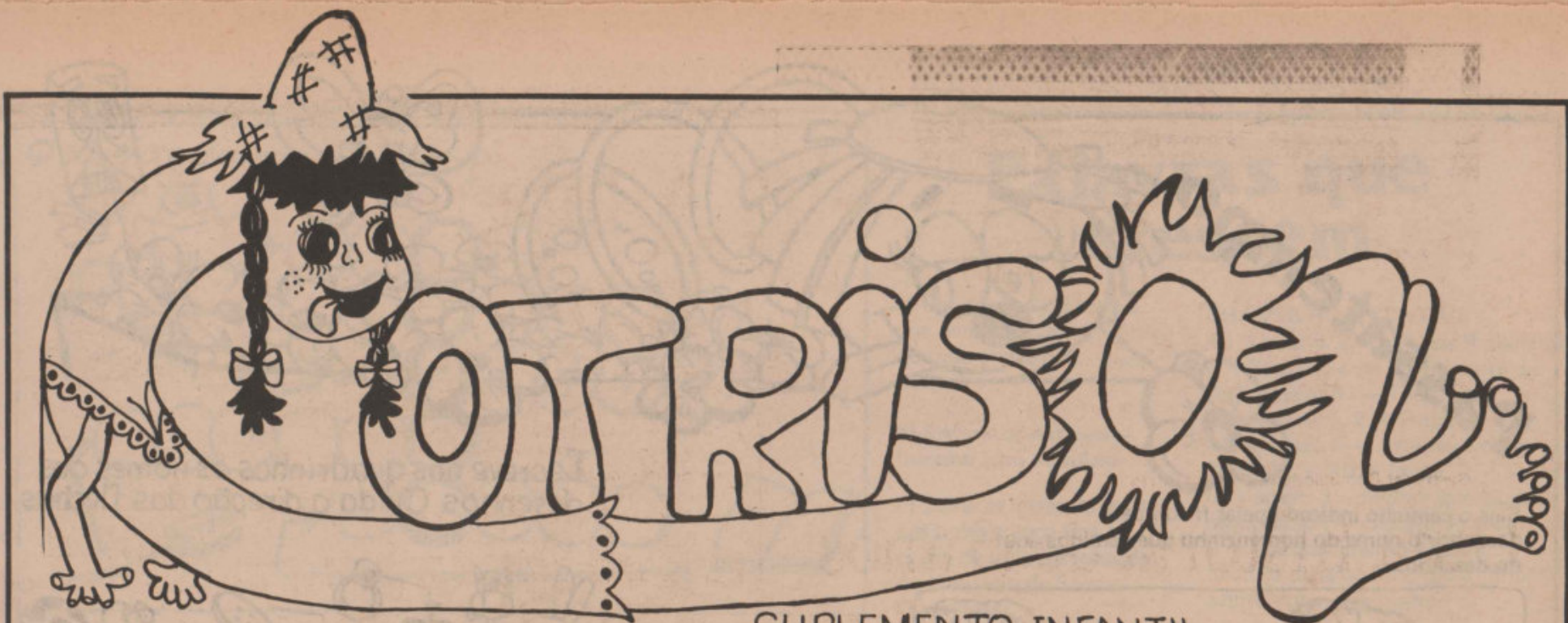


O Terminal Luiz Fogliatto tem capacidade para armazenagem de 220 mil toneladas de grãos, pode receber até mil toneladas de produtos por hora e expedir até 2 mil toneladas. O calado, no porto, é de 42 pés (14 metros de profundidade), e sua dinâmica de funcionamento sempre foi reconhecida pelos exportadores. Essas condições foram e continuam sendo decisivas para que o escoamento da produção aconteça sem atropelos, mesmo em momentos mais conturbados, quando o terminal da Portobras, atingido por incêndios, paralisou suas atividades e a Cotrijuí assumiu a tarefa de exportar praticamente todo o volume de grãos e farelo.

O Terminal está em atividade desde 1971, é lembrado até hoje como exemplo de iniciativa arrojada. Foi construído com recursos do quadro social da Cotrijuí, num instante em que dirigentes e produtores desafiaram enormes obstáculos para viabilizar o escoamento da produção gaúcha. Hoje, o porto, embarca não só a soja em grão e farelo de soja, mas também milho e trigo.

MOVIMENTO DOS TERMINAIS (em mil toneladas)

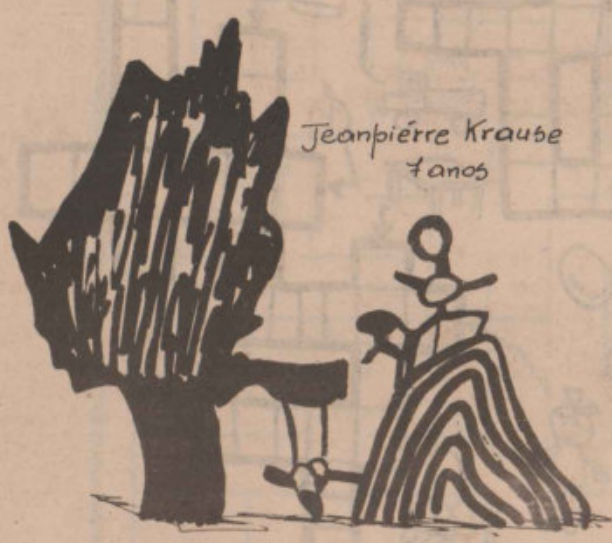




SUPLEMENTO INFANTIL
 ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

Coordenação: Maria Aparecida Pereira Mendes

As crianças aprendem o que vivem



Jeanpiérre Krause
7 anos

- Se a criança vive com críticas, ela aprende a condenar.
- Se a criança vive com hostilidade, ela aprende a agredir.
- Se a criança vive com zombarias, ela aprende a ser tímida.
- Se a criança vive com humilhação, ela aprende a se sentir culpada.
- Se a criança vive com tolerância, ela aprende a ser paciente.
- Se a criança vive com incentivo, ela aprende a ser confiante.
- Se a criança vive com elogios, ela aprende a elogiar.
- Se a criança vive com retidão, ela aprende a ser justa.
- Se a criança vive com segurança, ela aprende a ter fé.
- Se a criança vive com aprovação, ela aprende a gostar de si mesma.
- Se a criança vive com aceitação e amizade, ela aprende a encontrar o amor no mundo.

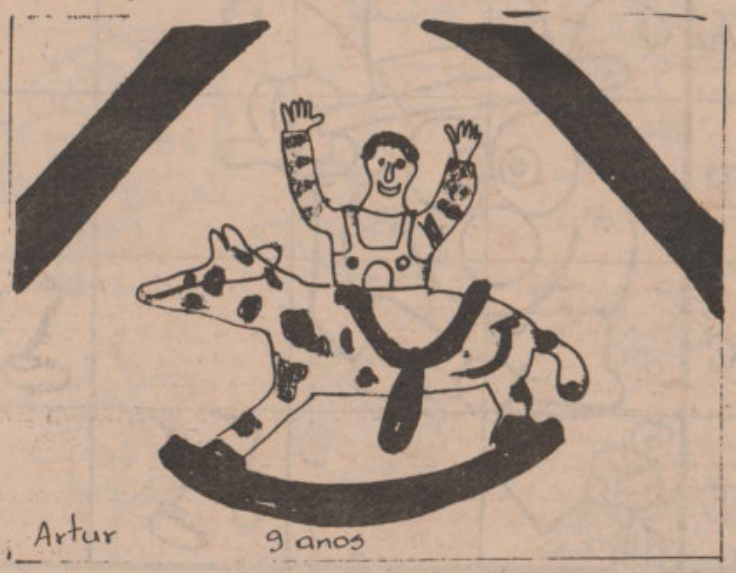


Artur
9 anos

(Fillium)
 OUTUBRO - Mês da criança!



Bernardo
5 anos



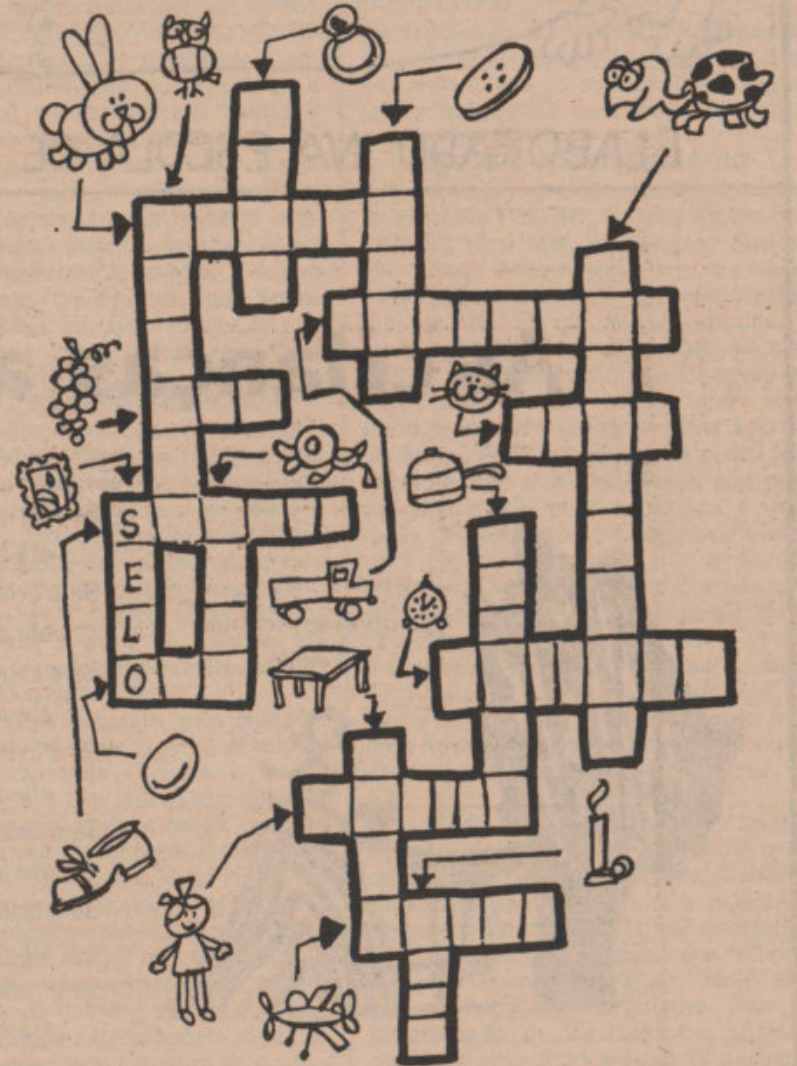
Artur
9 anos

Passatempo



Siga o caminho indicado pelas frutas para descobrir o nome do homenzinho que caminha aqui no desenho.

Escreve nos quadrinhos os nomes dos desenhos. Cuida a direção das flechas.

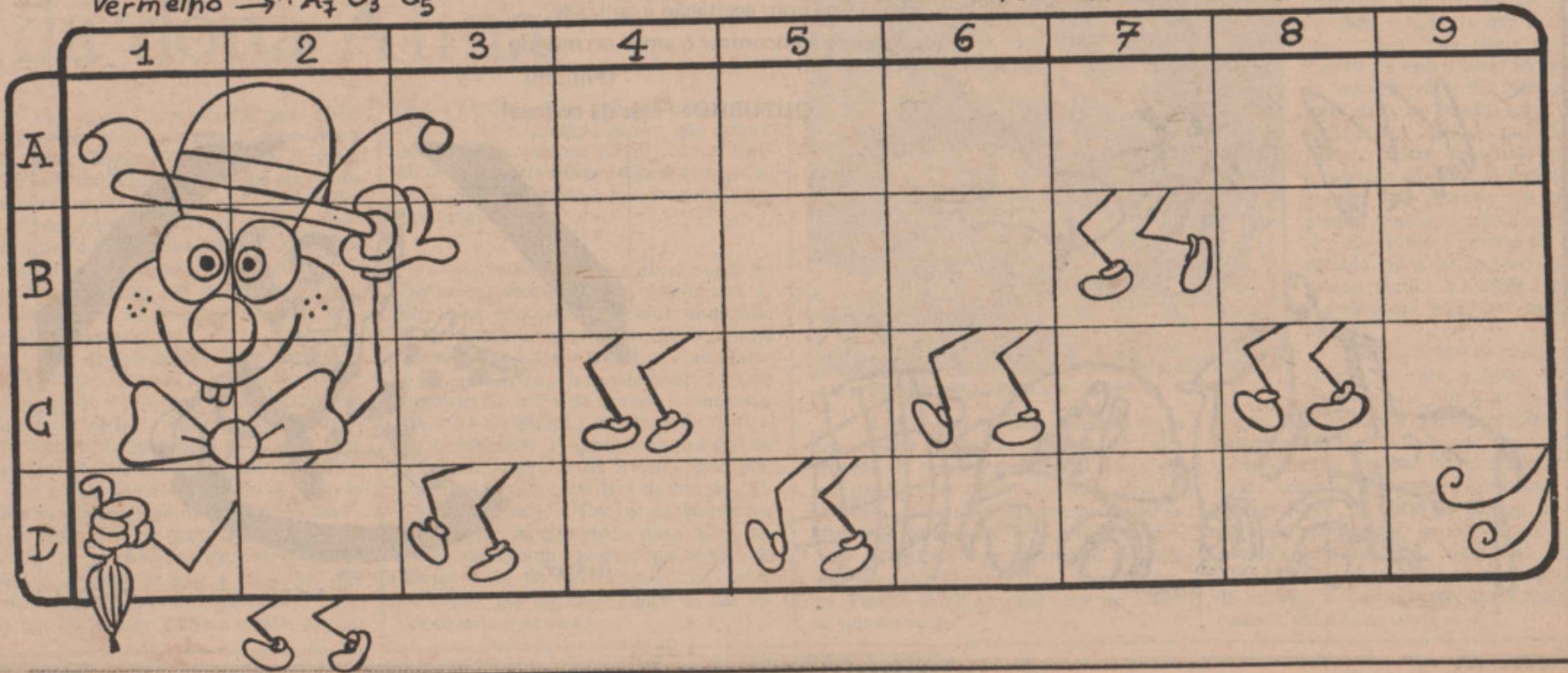


Termine o desenho, colorindo os quadrinhos conforme a indicação.

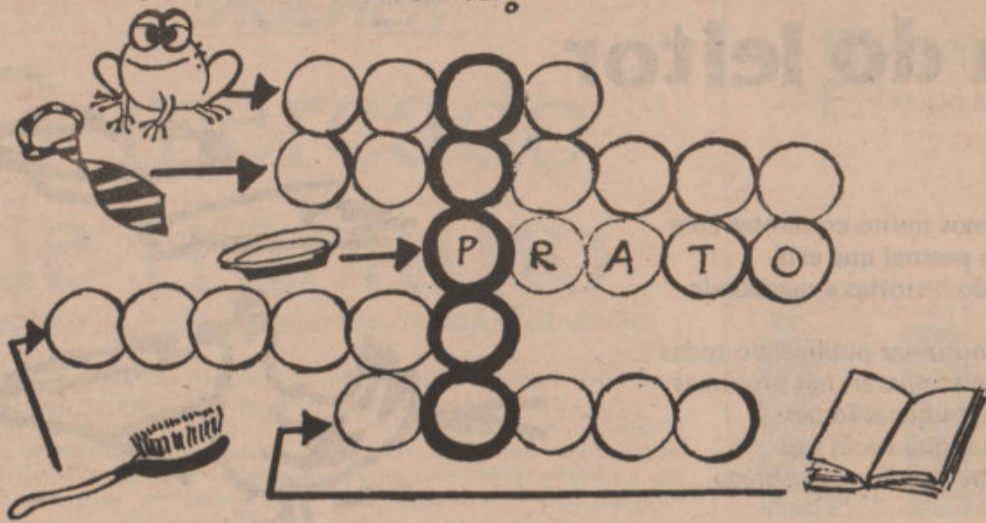
PINTEM O QUADRO ABAIXO DE ACORDO COM AS SEGUINTE INFORMações:

Azul → : D₂ B₆ B₈
 Vermelho → : A₇ C₃ C₅

AMARELO → : B₄
 Verde → : C₉



Qual é a palavra escondida?



Palavras que crescem

a) Decifre as 12 palavras que começam igualzinho e que vão crescendo. . . em outras!

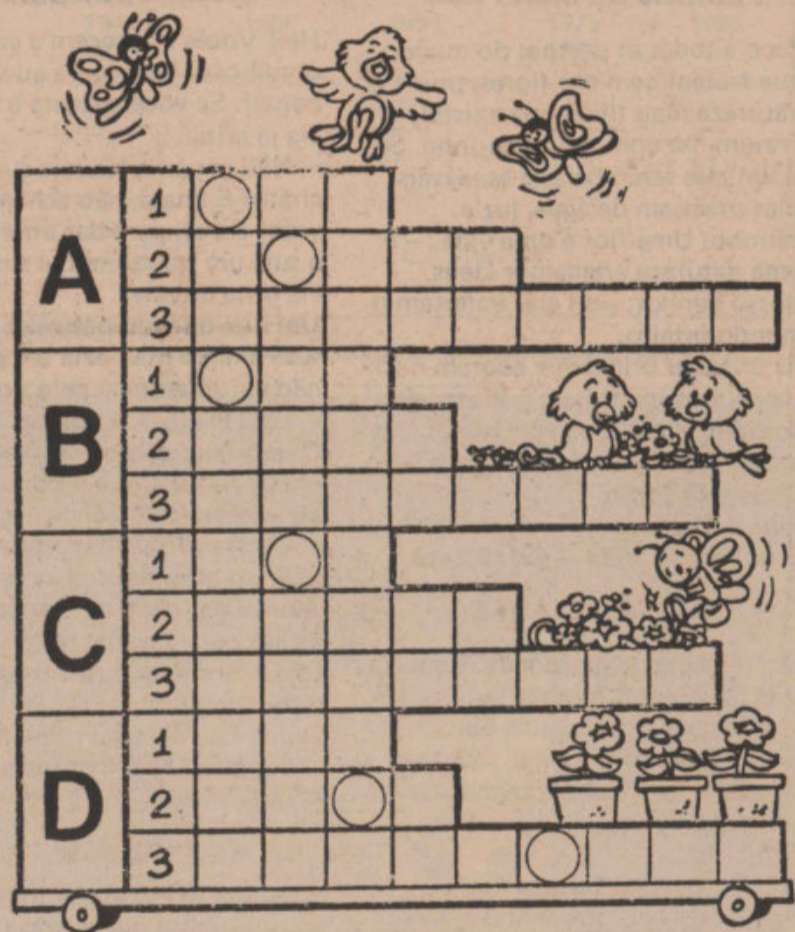
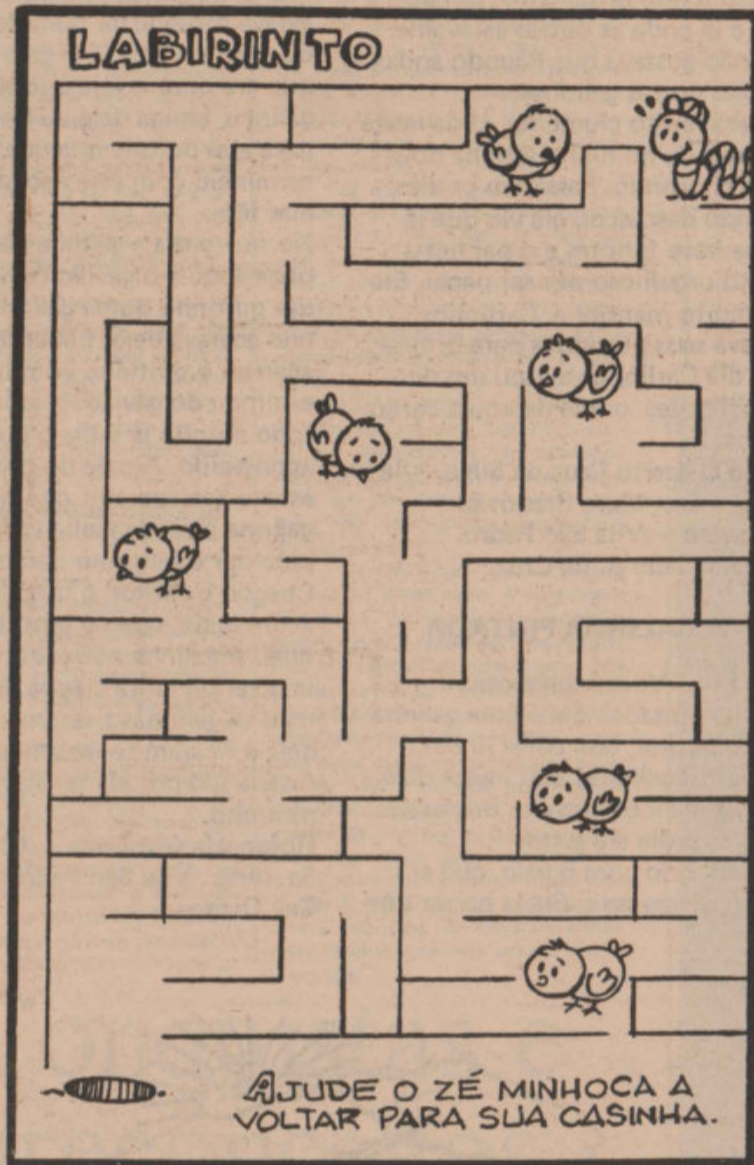
b) Escreva-as nas casas (mesmo com as bolas)

c) Junte as letras de dentro das bolas e você terá o nome de uma personagem do Maurício de Souza. Quem será?

CHAVES HORIZONTAIS :

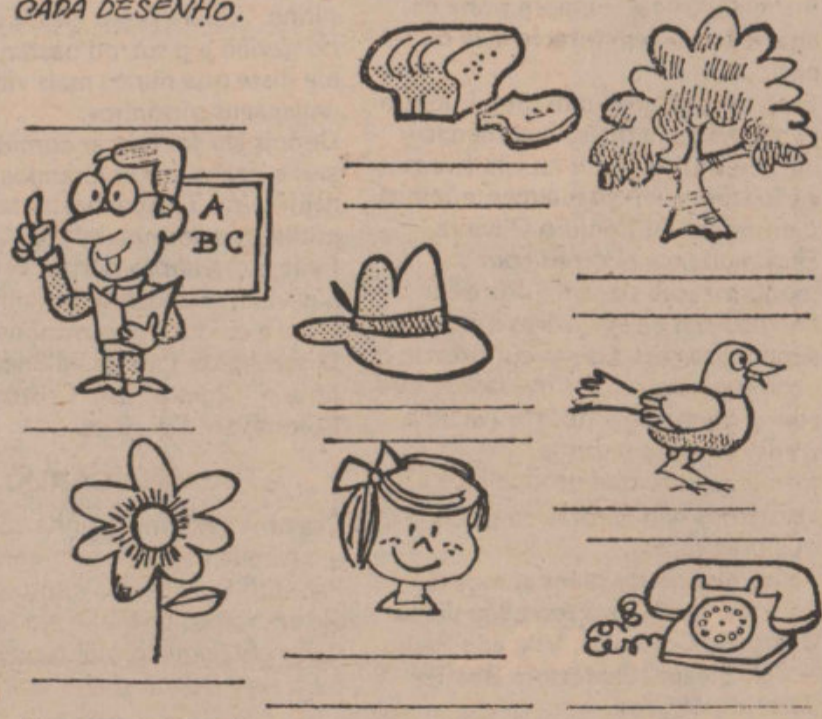
A1. Oceano. 2 - Um dos 9 planetas
3 - Pancada com instrumento de carpinteiro. B1 - Tênis butebolístico. 2 - Trago (de bebida). 3 - Artilheiro como Zico. C1 - Não é ímpar. 2 - Sai de viagem. 3 - Mulher que ajuda a cegonha. D1 - Cloreto de sódio. 2 - Compartimento da casa. Mistura de alfacinha, tomatinho, azeitoninha, pepininho.

LABIRINTO



COM O QUE RIMA?

O PROFESSOR PASSOU UM EXERCÍCIO PARA JONAS E JOANA. DE TANTO QUE ELES GOSTARAM, ENVIARAM PARA A FOLHINHA E AQUI ESTÁ: ESCRIBA DUAS PALAVRAS QUE RIMEM COM CADA DESENHO.



Liga com uma linha os objetos que estão relacionados entre si.



Página do leitor



PEDIDOS DE UMA FLOR

Peço a todas as pessoas do mundo que tratem bem das flores, pois é a natureza mais linda que existe! . . . Tratem-nas com muito carinho. Só assim elas serão belas e saudáveis. Elas precisam de água, luz e carinho. Uma flor é uma vida, — é uma natureza criada por Deus, Nosso Senhor, pois elas enfeitam o mundo inteiro. As crianças brincam e adoram-nas! Os adultos maltratam-nas através dos defensivos, que vêm afetar profundamente a natureza das flores existentes.
Eloi P. Campos
Esquina São João — Cel. Bicaco.

O COMERCIANTE

Numa pequena localidade chamada Vila São Pedro, morava seu Lucídio Soares de Vargas, o qual deu início ao comércio, aqui, com um armazém de secos e molhados, bebidas, remédios e utensílios domésticos. Ele comprava produtos dos moradores aqui residentes e vendia o que estes necessitavam. A freguesia era grande e aos fins de semana reuniam-se os amigos para tomarem sua cachacinha e conversar. Muitas vezes a demasia da cachacinha dominava o camarada, o que quase sempre resultava em intrigas e brigas. Sempre tinha os apartadores, sem intervenção da polícia. E os tempos passaram. Seu Lucídio já não negocia mais. O comércio mudou muito. Aqui na vila tivemos vários armazéns. Atualmente temos o armazém de Lucídio Oliveira. Essa mudança ocorreu com a modernização da agricultura e a chegada das cooperativas e seus supermercados. Os agricultores acompanharam estas mudanças sem tomar conhecimento. Houve uma transformação enorme. E hoje, aquilo que produzimos e vendemos não dá para comprar o que precisamos.
Texto elaborado pelos alunos da 4a. e 5a. séries da Escola Municipal Cristóvão Colombo. Vila São Pedro — Cel. Bicaco. Professora Beatriz Barcelos da Cruz.

A GALINHA ORGULHOSA

Hei! Vocês conhecem a galinha orgulhosa? Pois agora eu vou contar. Se você encosta a mão nela, ela já grita:
— Não me encoste essa sua mão, chato! É chata, não acham? E às vezes ela sai para dar uma voltinha e suja um pouquinho a sua roupa, ela grita de raiva.
Um dia, quando passeava, uma de suas amigas que fazia tempo que não via, chamou-a pelo nome:
— Hei! Psiu! . . . Eduarda, vem cá. Quero falar com você. Mas o pátio era de muro alto e a Eduarda foi atravessar. Bem aonde ela foi atravessar tinha uma poça de água e quando estava quase atravessando: Tum! Caiu dentro da poça. Ali estava com a roupa rasgada e toda suja. Chorando, acabou todo o seu orgulho.
Dulce Leia Souza Prates — 10 anos — 4a. série. Esc. Cristóvão Colombo — Cel. Bicaco.

A GALINHA RUIVA

Era uma vez uma galinha ruiva muito bonita que gostava de andar bem arrumada e pintosa. Um dia a galinha estava ciscando no quintal com seus três pintinhos e um gavião vinha voando para pegar um deles. Mas a galinha não deixou pegá-los. Enfiou os pintinhos em uma moita e ficou cuidando deles e o gavião gritava: — Pinhe. . . pinhe. . . para pegar eles. Ela pulou no gavião e o surrou bastante. E ele disse que nunca mais vinha pegar seus pintinhos. Depois ela foi buscar comida para eles e deixou-os escondidos no seu galinheiro. Trouxe bastante milho, minhoca e formiguinhas. Feliz e orgulhosa por ter vencido o gavião, o trabalho da galinha ruiva é cuidar dos pintinhos:
Elisandra de Fátima da Silva — 4a. série — 12 anos. Esc. Cristóvão Colombo — Cel. Bicaco.

A GALINHA CARIJÓ

Era uma vez uma galinha carijó. Ela era casada com um galo chamado Papudo. Ela gostava muito dele pois ele era muito bonito e ela também. Cedo ela comia o milho que davam para ela e depois mais ela ia

Nós estamos muito contentes com todo esse pessoal que está escrevendo histórias e mandando pra nós. Vamos continuar publicando todas elas. Podem esperar, nas próximas edições, a publicação das historinhas que vocês nos mandaram. Até lá e um abraço.



para o ninho botar ovos. Depois saía e ia onde as outras estavam. Ela não gostava que Papudo andasse com as outras galinhas. Ela era muito ciumenta. Uma noite ela pousou no ninho e tinha nove ovos chocando. Passaram os dias, quando descascou ela viu que já tinha nove filhotes e o pai ficou muito orgulhoso por ser papai. Ela era muito mansinha. Carlinhos pegava seus pintinhos para brincar. Um dia Carlinhos matou um de seus filhotes, o que deixou a carijó furiosa.
Paulo Gilberto Cruz da Silva — 4a série — Esc. Mun. Cristóvão Colombo — Vila São Pedro. Profa. Glades B. da Cruz

A GALINHA PINTADA

Hei! Psiu! Vocês conhecem a galinha pintada? Ela é uma galinha muito bonita, tem cores lindas. As outras galinhas têm inveja dela, porque ela é bonita e as outras são feias. Um dia ela estava conversando com o galo, que era muito amigo dela. Ela ia passar uns

dias lá na amiga Sílvia porque estava cansada de tanta fofoca que faziam dela. E o galo respondeu que era pura inveja que elas têm da galinha, amiga dele. — Nem ligue para elas porque qualquer dia elas terminam com esse egoísmo que elas têm. No outro dia a galinha pintada ia passeando e o gavião tinha pegado um pintinho duma galinha que não gostava dela. Ela correu e agarrou o pintinho com toda força e tomou do gavião. Naquele dia todo mundo já sabia o que tinha acontecido. A mãe do pintinho estava desesperada, chorando. A galinha pintada vinha correndo para dar o pintinho para a mãe. Chegou e contou o que tinha acontecido e deu o pintinho para mãe. A galinha não sabia o que ia dizer de tanta alegria. E nunca mais as galinhas tiveram inveja dela e ficaram todas amigas, festejando por ela ter salvado o pintinho.
Rosângela Gutierrez — 12 anos — 5a. série. Vila São Pedro — Cel. Bicaco.



Eliselda Soares da Silva
1ª série - Esc. Cristóvão Colombo
Cel. Bicaco